



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO AMBIENTE

LEANDRO MALUF

**AGRICULTURA FAMILIAR E POLÍTICAS PÚBLICAS: BENEFÍCIOS DO  
PRONATEC NA PEQUENA PROPRIEDADE RURAL DO REASSENTAMENTO  
SÃO FRANCISCO DE ASSIS - TO**

PALMAS/TO  
2020

LEANDRO MALUF

**AGRICULTURA FAMILIAR E POLÍTICAS PÚBLICAS: BENEFÍCIOS DO  
PRONATEC NA PEQUENA PROPRIEDADE RURAL DO REASSENTAMENTO  
SÃO FRANCISCO DE ASSIS - TO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências do Ambiente da Universidade Federal do Tocantins, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências do Ambiente.

Orientador: Prof. Dr<sup>a</sup>. Marina Haizenreder Ertzogue.

PALMAS/TO  
2020

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

- M261a Maluf, Leandro.  
Agricultura familiar e políticas públicas: benefícios do Pronatec na pequena propriedade rural do reassentamento São Francisco de Assis – TO. / Leandro Maluf. – Palmas, TO, 2020.  
124 f.
- Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Ciências do Ambiente, 2020.  
Orientadora : Marina Haizenreder Ertzogue
1. Pronatec. 2. Políticas Públicas. 3. Reassentamentos. 4. Educação Profissional. I. Título

**CDD 628**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO AMBIENTE

109 Norte, Av. NS 15, ALCNO 14 – Bloco III, Sala 201 | 77001-090 | Palmas/TO  
(63) 3229-4177 | www.uft.edu.br/ppgciamb | ppciamb@uft.edu.br



LEANDRO MALUF

**AGRICULTURA FAMILIAR E POLÍTICAS PÚBLICAS:  
BENEFÍCIOS DO PRONATEC NA PEQUENA  
PROPRIEDADE RURAL DO REASSENTAMENTO SÃO  
FRANCISCO DE ASSIS - TO.**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Mestrado em Ciências do Ambiente, da Universidade Federal do Tocantins, na linha de pesquisa Natureza Cultura e Sociedade.

Data de Aprovação: 26/11/2020

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Marina Haizenreder Ertzogue

Prof. Dr. Atamis Antonio Foschiera

Prof. Dra. Elineide Eugênio Marques

Dedico este trabalho à minha esposa, amiga e companheira desta vida, Katiúscia Maluf, pelo apoio incondicional em todos os momentos deste curso: nas alegrias, nas tristezas, nas angústias e nas conquistas. Ela que me amparou, me ajudou e apoiou sempre. Ela que me fez chegar até aqui. Minha amada esposa, o meu muito obrigado, de coração.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que de formas diferentes contribuíram para a concretização deste trabalho.

Entre elas, é importantíssimo destacar aquela que aceitou o desafio de me orientar, a professora doutora Marina Haizenreder Ertzogue, pela preocupação dedicação e empenho em me apoiar; pelas constantes sugestões; pela amizade; pela receptividade; e pelos estímulos em todos os momentos do curso. Esta participação intensa durante todo o processo do estudo foi, para mim, muito importante. Preciso deixar registrado aqui meus agradecimentos mais sinceros.

Não poderia deixar de agradecer imensamente a uma grande amiga que tenho em alta estima, Regina Zimmermann Guilherme.

Aos professores e professoras do Programa de Mestrado, agradeço a contribuição dada à minha formação acadêmica, principalmente pelos momentos difíceis. Obrigado pelo apoio, pela paciência e pelos esclarecimentos demonstrados durante o curso.

Agradeço a todas as famílias reassentadas, pelas ajudas e contribuições a esta pesquisa, pela paciência e atenção dada durante todo o processo das entrevistas e conversas. Com estas pessoas aprendi muito e percebi a felicidade em uma vida simples.

Agradeço ao Eclésio Santos, secretário do curso de mestrado, especialmente pela disponibilidade em ajudar e atender prontamente, que nunca deixou de atender às minhas solicitações, disponibilizando sempre os documentos necessários e solicitados.

Aos colegas do Mestrado pela convivência e incentivo nos diferentes momentos da minha trajetória.

À minha família: minhas filhas, Isabela e Ana Julia; à minha mãe Rosa meu Pai Maluf e meus irmãos Marco Aurélio e Cristiane, pelo incentivo, compreensão e paciência de aguardar na finalização deste trabalho.

E por fim, mas não menos importante, aos amigos que compartilharam comigo minhas angústias, minhas decepções, minhas alegrias e conquistas: Maria do Carmo, Daizy, Deize, Claudia, Mariana, Cleber, Paulo, Valcir, Ulisses.

## RESUMO

A presente dissertação trata, ainda que de forma geral, da relação entre políticas públicas, agricultores familiares e educação. A questão-problema que se pretendeu responder é a seguinte: houve melhorias nas atividades produtivas desenvolvidas pelos agricultores familiares do reassentamento São Francisco de Assis em Porto Nacional, Tocantins, após a realização do Pronatec? A pesquisa se justifica na busca de um entendimento a respeito do efeito oferecido, e se há benefícios para as atividades produtivas e para os agricultores com a implantação desta política pública. Por objetivo geral propôs-se verificar se a realização dos cursos FIC do Pronatec, junto aos residentes participantes do referido reassentamento, resultou em melhorias positivas sob suas perspectivas e neste intento identificar a percepção quanto à aquisição de conhecimentos técnicos no processo produtivo; verificar se tiveram alguma dificuldade ou problemas durante o curso e identificar a percepção deles quanto à utilidade e a importância dos cursos. No segundo capítulo foi apresentado o objeto de estudo e a revisão de literatura sobre reassentamentos, hidrelétricas e agricultura. Em nosso terceiro capítulo, tratou-se de uma discussão em torno da avaliação de políticas públicas e do Pronatec. A pesquisa empírica foi realizada em uma amostra não probabilística de sete alunos/egressos do curso ofertado pelo Pronatec, de natureza qualitativa e descritiva. Foi utilizada, como método de coleta de dados, a entrevista semiestruturada. E como método de análise, utilizamos a análise de conteúdo de Bardin, a partir de uma categorização *a priori*. Nos resultados, encontra-se a percepção dos egressos entrevistados relativa aos benefícios que tiveram em decorrência da participação no curso; quanto ao cultivo e manejo da terra, as perspectivas sobre o próprio curso e suas dificuldades em fazê-lo. E, por fim, o parecer que tinham a respeito da qualidade de vida, da utilidade e da aprovação do curso que fizeram. Encontrou-se uma preponderância de afirmações positivas em relação ao curso, de seus efeitos no cultivo e manejo e a necessidade expressa pelos entrevistados de tais políticas públicas serem mais contínuas. Nas considerações, restou-nos apresentar que o curso foi bem avaliado e desejado pelos egressos, mesmo tendo decorrido cinco anos de sua realização, bem como a importância que a assistência técnica e o apoio governamental têm para os agricultores familiares, sendo a política pública do Pronatec avaliada como positiva em seus efeitos sobre a comunidade.

**Palavras-chave:** Pronatec, Políticas Públicas, Reassentamentos, Educação Profissional.

## ABSTRACT

This dissertation deals, albeit in a general way, with the relationship between public policies, family farmers and education. The question-problem that was intended to be answered is the following: were there improvements in the productive activities developed by family farmers in the São Francisco de Assis resettlement in Porto Nacional, Tocantins, after the realization of Pronatec? The research is justified in the search for an understanding about the effect offered, and if there are benefits for productive activities and for farmers with the realization of this public policy. As a general objective, it was proposed to verify whether the realization of Pronatec's FIC courses, with the residents participating in the referred resettlement, resulted in positive improvements in their perspectives and in this attempt to identify the perception regarding the acquisition of technical knowledge in the production process; check if they had any difficulties or problems during the course and identify their perception of the usefulness and importance of the courses. In the second chapter, the object of study and the literature review on resettlements, hydroelectric plants and agriculture were presented. In our third chapter, it was a discussion about the evaluation of public policies and Pronatec. The empirical research was carried out in a non-probabilistic sample of seven students / graduates of the course offered by Pronatec, of a qualitative and descriptive nature. The semi-structured interview was used as a data collection method and Bardin's content analysis was used as an analysis method, based on a priori categorization. The results show the perception of the interviewed graduates regarding the benefits they had as a result of participation, regarding the cultivation and management of the land, the perspectives on the course itself and their difficulties in doing so. And, finally, their opinion about the quality of life, usefulness and approval of the course they took. A preponderance of positive statements was found in relation to the course, the effects resulting from cultivation and management and the need expressed by respondents for such public policies to be more continuous. In terms of considerations, it remains for us to present that the course was well evaluated and desired by the graduates, even after five years had passed, as well as the importance that technical assistance and government support have for family farmers, being Pronatec's public policy assessed as positive in its effects on the community.

**Keywords:** Pronatec, Public Policies, Resettlement, Professional Education.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 REASSENTAMENTOS, HIDRELÉTRICAS E AGRICULTURA .....</b>	<b>13</b>
2.1 O Reassentamento São Francisco de Assis .....	13
2.2 A relação da construção de hidrelétricas e os reassentamentos rurais .....	15
<b>3 AVALIAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS .....</b>	<b>26</b>
3.1 Políticas públicas, avaliação e educação profissional .....	26
3.2 Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego - Pronatec .....	33
3.3 Aplicação das avaliações de políticas públicas do Pronatec .....	40
3.3.1 Souza (2015) .....	40
3.3.2 Ananias (2015) .....	42
3.3.3 De Souza (2016).....	43
3.3.4 Castro (2017).....	44
3.3.5 Santos (2018).....	45
3.3.6 Nascimento (2019) .....	46
3.3.7 Fonseca e Ferreira (2019).....	47
<b>4 ITINERÁRIOS DOS PROCESSOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>49</b>
4.1 Abordagens .....	49
4.2 Coleta de dados .....	50
4.3 Métodos de análise .....	52
<b>5 BENEFÍCIOS DO PRONATEC PARA OS PEQUENOS PRODUTORES RURAIS DO REASSENTAMENTO SÃO FRANCISCO .....</b>	<b>55</b>
5.1 O Processo produtivo .....	55
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>80</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>83</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>90</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo, ainda que de modo geral, compreender a relação entre políticas públicas, agricultores familiares e educação. A importância da agricultura familiar é um assunto que vem sendo discutido pela literatura de forma crescente nas últimas duas ou três décadas, desde que seu próprio conceito ganhou força, de tal maneira que passou a ser benquisto na academia e também em nossa sociedade, de uma forma geral.

Associado a toda movimentação das organizações que o representavam, o termo agricultor familiar ganhou força nessa mesma época, estimulando, assim, o surgimento de muitas políticas públicas e projetos governamentais bem específicos. Um desses projetos é o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) que realizou, a partir de 2011, o modelo Pronatec Campo. Esta agricultura, de caráter familiar, é tomada por uma grande diversidade de público, costumes e também de organização, com variações entre pequenas propriedades mecanizadas, até as mais tradicionais, com a força de trabalho exclusivamente familiar.

O estudo de caso se realizou no reassentamento São Francisco de Assis em Porto Nacional, oriundo de um deslocamento decorrente da inundação que formou o lago da Usina Hidrelétrica Luís Eduardo Magalhães em Lajeado, no Tocantins, que atingiu o território tradicional desta comunidade. Nos anos de 2013 e 2014, os integrantes desta comunidade de agricultores tiveram acesso ao curso de Formação Inicial e Continuada (FIC) do Pronatec, oferecido pelo campus Porto Nacional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO), mais especificamente, ao curso “Agricultor Familiar” com carga horária de 200 horas. A fim de entender o efeito da aplicação dessa política pública, no âmbito da agricultura familiar, da qual o reassentamento São Francisco de Assis é representante, foi realizada uma verificação junto aos alunos egressos do curso ali aplicado, por duas ocasiões. O principal intuito da pesquisa foi verificar se o programa produziu ou não algum impacto positivo para os participantes, mais especificamente à agricultura familiar. Dessa forma, a análise busca um melhor entendimento a respeito do efeito do referido curso para as atividades produtivas e para os agricultores e saber se a presença desta política pública trouxe considerável vantagem e benefícios para à agricultura familiar e o desenvolvimento rural sustentável, a partir da percepção dos reassentados.

Espera-se que a presente investigação possa contribuir para o cenário da agricultura familiar, na medida em que possa ser utilizada como um recurso a mais para os gestores de diferentes organizações, governamentais ou não, presentes naquele município, para a

elaboração das futuras políticas que estimulem as atividades produtivas, com o desenvolvimento rural, pautadas na sustentabilidade do local. Assim como, para aqueles agricultores que desejam refletir sobre suas próprias práticas. Além disso, acredita-se que o estudo dos resultados dessa política pública poderá oferecer uma relevante contribuição para o avanço do próprio campo de estudo, trazendo diversos olhares novos e melhorados, que podem ser reproduzidos, testados e aplicados para a expansão do horizonte científico das ciências sociais e humanas.

Na consecução do problema proposto, objetivou-se verificar se a realização dos cursos FIC do Pronatec, junto aos residentes participantes do reassentamento São Francisco de Assis em Porto Nacional, Tocantins, resultou em impactos positivos sob suas perspectivas, de forma a identificar a percepção dos entrevistados quanto à aquisição de conhecimentos técnicos que produziram melhorias no processo produtivo. Buscou-se, portanto, verificar se os entrevistados tiveram alguma dificuldade ou problemas durante o curso, identificando a percepção deles quanto à utilidade pessoal e a importância dos cursos para a agricultura familiar.

Após esta rápida introdução, no segundo capítulo, apresentamos uma revisão de literatura sobre reassentamentos e suas relações com as hidrelétricas e a agricultura. Iniciamos pelo nosso objeto de estudos, o reassentamento São Francisco de Assis. Em seguida, analisamos a relação da construção de hidrelétricas e os reassentamentos rurais, assim como a agricultura familiar, a economia verde e a agricultura sustentável. No terceiro capítulo, tratamos da avaliação de políticas públicas. Para tal, partimos do entendimento sobre essas políticas, sua avaliação e a relação com a educação profissional. Analisamos também o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) e a aplicação das avaliações de políticas públicas do Pronatec, sob o ponto de vista de diversos autores de trabalhos científicos que tratam do tema. No quarto capítulo, expomos nossos percursos metodológicos, apresentando os sujeitos que foram convidados a participar da pesquisa, os critérios para inclusão destes, os instrumentos utilizados, os procedimentos adotados e como se deu a coleta e o tratamento dos dados. Apresentamos também uma rápida explanação a respeito da abordagem qualitativa - utilizada neste trabalho. Demonstramos os métodos utilizados para a coleta de dados, desde a primeira tentativa de aplicar o método focal, até o desenvolvimento de entrevistas semiestruturadas. Discorremos sobre método de análise de conteúdo de Bardin (2001), utilizado na análise dos dados coletados. E, por fim, no quinto capítulo, tratamos dos benefícios do Pronatec para os pequenos produtores rurais do reassentamento São Francisco de Assis, abordando o processo produtivo, o curso do Pronatec e as dificuldades, assim como as percepções dos alunos a respeito da utilidade e do aprendizado, relativos ao referido curso.

## **2 REASSENTAMENTOS, HIDRELÉTRICAS E AGRICULTURA**

Para iniciarmos o nosso estudo sobre os impactos dos cursos FIC do Pronatec, junto aos agricultores familiares do reassentamento São Francisco de Assis, participantes do referido curso e a relação entre políticas públicas, agricultores familiares e educação, precisamos antes de tudo entender o que são esses reassentamentos e suas relações com as hidrelétricas e a agricultura.

### **2.1 O Reassentamento São Francisco de Assis**

O reassentamento São Francisco de Assis surgiu a partir do deslocamento de famílias que habitavam a área inundada pela construção da Usina Hidrelétrica Luís Eduardo Magalhães, localizada entre os municípios de Lajeado e Miracema, no Tocantins que começou a ser construída em 1998 e foi concluída em 2002. As águas do reservatório da Hidrelétrica, atingiram os municípios de Miracema do Tocantins, Lajeado, Palmas, Porto Nacional, Brejinho de Nazaré e Ipueiras. Está localizado na parte rural dos municípios de Porto Nacional e Monte do Carmo – TO, sendo construído pelo consórcio de construção da usina hidrelétrica, a INVESTCO, para as famílias impactadas que tiveram suas terras inundadas. Está distante cerca de 50 km da capital do estado, Palmas, cidade que ainda é referência para moradores do reassentamento. Sua área total é de 1.709 hectares. (BATISTA, 2009).

De acordo com Batista (2009) a área em que foi implantado o projeto de reassentamento era antes usada na atividade de pecuária extensiva. O nome da fazenda foi mantido no local onde o reassentamento foi construído e foram acomodados aqueles agricultores. Os lotes do reassentamento têm formatos e tamanhos distintos, entre 4 a 41 ha, assentando um total de 44 famílias. É importante mencionar que, apesar de estar na zona rural do município de Porto Nacional, está a aproximadamente 20 km do centro da cidade. As estruturas construídas no reassentamento, como as casas, foram instaladas mais para o interior dos lotes. Este modelo foi definido após várias reuniões entre os proprietários e não-proprietários (meeiros, ocupantes e trabalhadores) do antigo assentamento. Quase todos os envolvidos participaram e acompanharam todo o processo de mudança (BATISTA, 2009).

A preparação do local foi constituída por estradas vicinais internas, sistema de abastecimento de água, uma escola, um posto de saúde, um centro comunitário e um galpão para máquinas e implementos agrícolas. É importante destacar que a implantação e construção do posto de saúde e a escola foram realizadas de acordo com o projeto aprovado pela Prefeitura

Municipal (JÚNIOR, 2005). A maior parte das famílias dos reassentados tem sua origem no próprio Estado do Tocantins, sendo (74,1%). As demais famílias de agricultores são de Goiás, Maranhão, Piauí, Ceará, Minas Gerais, Mato Grosso e Rio Grande do Sul. Cada família tem aproximadamente 3,7% do total. Em sua maioria, estes reassentados viviam no Tocantins havia cerca de 10 a 19 anos, quando ocorreu a necessidade de mudança para o local. No total, o número de reassentados era de 122 pessoas: 29 crianças, 12 adolescentes, 66 adultos e 15 idosos. Nessa população não foram identificados casos de portadores de necessidades especiais (BATISTA, 2009).

As áreas dos municípios de Palmas - TO e Porto Nacional – TO, de onde estas famílias foram remanejadas, foram definidas pela INVESTCO como Gleba 3, compreendendo a Fazenda Santa Luzia, Barra de Santa Luzia, Fazenda Santa Cruz, Chácara Água Fria, Cabeceira Redonda e Luzimangues. A maior parte destas famílias se deslocou desta Gleba, num total de 59,3%. Da fazenda Santa Luzia saíram 11,1% e também 11,1% da fazenda Barra Santa Luzia (JÚNIOR, 2005). Como já mencionado, a maioria das famílias viveu na área que foi inundada durante muitos anos, antes do deslocamento: 70,4% dessas famílias moravam nessa área havia mais de 10 anos, antes deste deslocamento obrigatório (ZITZKE, 2007).

A área destinada ao reassentamento foi escolhida após várias reuniões com os moradores. Segundo eles, depois de visitarem outras áreas, decidiram escolher a então fazenda São Francisco de Assis. Por se tratar de terras que se situavam longe da antiga moradia, no município de Palmas, aos moradores do novo reassentamento foi proposto um aumento no tamanho das terras em comparação com as originais. Houve um acréscimo de 75% em relação as suas áreas originais. A escolha foi feita após um laudo da qualidade das terras. Somente após o resultado dos laudos é que os moradores decidiram optar pela Fazenda São Francisco de Assis, no município de Porto Nacional (Depoimento do líder associativo dos reassentados no Projeto São Francisco de Assis) (ZITZKE, 2007).

Portanto, nosso trabalho foi direcionado aos membros desta comunidade de agricultores que foram deslocados de suas terras originais, inundadas pelo reservatório da Usina Hidrelétrica Luís Eduardo Magalhães. Podemos dizer que esses agricultores ainda vivem um processo de adaptação ao novo ambiente e à nova realidade, em que a dinâmica social foi alterada. E sabemos que em todo processo de mudança, há impactos positivos e negativos. Para entendermos melhor esses impactos, precisamos conhecer um pouco sobre a construção das hidrelétricas e da sua relação com os reassentamentos rurais.

## 2.2 A relação da construção de hidrelétricas e os reassentamentos rurais

Atualmente, hidreletricidade corresponde a aproximadamente 85% da energia elétrica consumida no Brasil. As Usinas Hidrelétricas de Energia (UHE) em operação no país somam 196 empreendimentos, em um quadro de expansão do setor para os próximos anos, tendo em vista os projetos em estudo e instalação (ANEEL/BIG, 2014). Essas obras comprometem grandes áreas que são atingidas pela formação de reservatórios, instalação de canteiros de obras, estradas para circulação de pessoal e material, além das linhas de transmissão de energia que, dentre as externalidades, está o “deslocamento compulsório”, que é um deslocamento da população residente na área afetada pelo empreendimento. Esse evento recebe diferentes nomeações, como por exemplo: transferência, reassentamento, deslocamento, desocupação ou remanejamento. Esses deslocamentos geram muitas discussões sobre as famílias diretamente afetadas, sobre questões socioambientais, políticas e econômicas (ZITZKE, 2007). Na perspectiva da observação aqui proposta, as hidrelétricas, enquanto obras de grande escala, representam pontos de poder do projeto político neoliberal por significarem:

[...] oportunidades únicas para se promover, num contexto regulamentado, a articulação do capital internacional e nacional sob a supervisão de diferentes Estados nacionais e de organizações supranacionais (...) consórcio é a entidade social, econômica e política concreta que opera esta articulação (RIBEIRO, 1991, p. 102).

Embora as hidrelétricas representem esses pontos de poder, nos quais se cristalizam as parcerias sob a lógica neoliberal, isto não significa o engessamento dessas estruturas. Ao contrário, o que merece destaque é a capacidade de desterritorialização inerente a essas:

[...] estruturas de poder econômico, político, social e cultural internacionais, mundiais ou globais descentradas... presentes em muitos lugares, nações, continentes, parecendo flutuar por sobre Estados e fronteiras, moedas e línguas, grupos e classes, movimentos sociais e partidos políticos (IANNI, 1997, p. 93-94).

Essas estruturas que, segundo Ianni (1997), parecem “flutuar” sobre as diferentes partes do globo, relacionam-se com os Estados nacionais, a partir de uma adaptação mútua. No caso da América Latina e referindo-se ao Brasil, especialmente ao setor hidrelétrico, essa desterritorialização, que cristaliza o poder em diferentes pontos, pode ser percebida através do trabalho de Verdum (2007), em que o autor aponta a Iniciativa para a Integração da Infraestrutura Regional Sul-americana (IIRSA) e o Plano de Aceleração do Crescimento (PAC) como os caminhos dessa relação através de estratégias de desenvolvimento que visam fomentar projetos de grande escala, que têm na energia um de seus pontos fundamentais.

Cenários absolutamente danosos são relatados, como se, de fato, a chegada de um empreendimento em determinado local fosse o responsável pela aniquilação pura e simples de uma série de bens e direitos. Os resultados oriundos das medidas mitigadoras e compensatórias, bem como, e principalmente, os impactos positivos, oriundos de empreendimentos hidrelétricos, na imensa maioria das vezes, são simplesmente desconsiderados (MENESTRINO; PARENTE, 2011).

Os impactos causados por construções de grande escala, como as hidrelétricas, têm sido largamente estudados em todas as áreas, pois afetam diretamente o ambiente em que vivem (ou viviam) os ribeirinhos e/ou a população tradicional. Transferidos compulsoriamente para outras localidades, eles se veem obrigados a abandonar bruscamente sua forma de viver. Perdem seus territórios, seus lugares e sua identidade territorial. Criam-se os “não lugares”, ou seja, os locais para onde são remanejados e com os quais não têm nenhum vínculo social (MENESTRINO; PARENTE, 2011).

Quando se trata de impactos sociais decorrentes de empreendimentos do setor elétrico, notadamente as usinas hidrelétricas tendem a maximizar os impactos, os efeitos negativos produzidos pela sua implantação - apesar das medidas mitigadoras e compensatórias promovidas pelos empreendedores - são imensos, com a formação dos lagos, que, geralmente, atingem solos férteis e as várzeas. Com as terras que ficam sob as águas, submergem também os costumes e as tradições históricas que a população da área atingida possuía. (LA ROVERE; MENDES, 2000).

Historicamente, no Brasil, as políticas destinadas à produção de energia têm focado a hidroeletricidade, provocando deslocamentos de famílias e mudanças nos municípios, tanto nas zonas urbanas quanto rurais, onde os empreendimentos são inseridos, mudando a vida dos ribeirinhos (ZITZKE, 2007).

Em suma, toda a construção de hidrelétricas demanda a formação de reservatórios de água, que se dão através de represas que provocam o alagamento de territórios. Além desses reservatórios, as hidrelétricas ocupam áreas com suas instalações e novas vias de acesso. Dessa forma, provocam o deslocamento das populações que habitam as regiões ribeirinhas dos rios represados, exigindo assim o que aqui chamamos de reassentamentos. Essa transferência para novos espaços gera uma série de impactos na vida dessas populações, no âmbito social, socioambiental, histórico, cultural, político e econômico, independentemente de medidas compensatórias, como indenizações e políticas de reassentamento. Considerando que estas populações, geralmente, são de agricultores, é de suma importância que as políticas de

reassentamento tenham foco na agricultura familiar, que por sua vez está intrinsecamente ligada aos conceitos de economia verde e agricultura sustentável, como veremos a seguir.

### **2.3 Agricultura familiar, economia verde e agricultura sustentável**

Segundo os dados extraídos do último Censo Agro realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2017, o Brasil possuía cerca de 3,9 milhões de estabelecimentos classificados como agricultura familiar. Tendo também 67% de todo o pessoal ocupado em agropecuária no país, o que representa cerca de 10,1 milhões de pessoas. Os agricultores familiares representam 77% do total de estabelecimentos, ocupam 23% da área total e são responsáveis por 23% do valor bruto da produção agropecuária nacional, que corresponde a R\$ 107 bilhões. Com isso, é importante ressaltar que a agricultura familiar apresenta grande diversidade cultural, social e produtiva, podendo variar desde o produtor tradicional até a pequena produção, sendo ela rústica ou modernizada (SCHNEIDER, 2006).

A importância da agricultura familiar no contexto agropecuário brasileiro é apresentada em diversos documentos, tais como, por dados do IBGE, do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e INCRA, além dos movimentos sindicais como a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura e sociais como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. Para Wanderley (1997), a agricultura familiar não é uma categoria social recente, nem lhe corresponde uma categoria analítica nova na sociologia rural. No entanto, sua utilização, com o significado e a abrangência que lhe têm sido atribuídos nos últimos anos, no Brasil, assume ares de novidade e renovação. Assim, o meio rural, sempre visto como fonte de problemas, aparece hoje como portador de soluções vinculadas à melhoria do emprego e da qualidade de vida.

De acordo com Schneider (2006), a agricultura familiar no Brasil vem ganhando espaço e atenção, em estudos acadêmicos e também nas políticas públicas para o seu desenvolvimento. Recentemente, essa atenção está voltada para uma produção mais sustentável. Com destaque e importante participação da agricultura familiar temos na região norte do país 15,4% deste trabalhador na agricultura familiar. E o valor da produção deste segmento em todo o país chega a 107 bilhões de reais, sendo, 23% de toda a produção agropecuária brasileira, de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2017), é importante e evidente que as entidades públicas direcionem uma atenção maior para essa atividade, para termos uma viabilização de toda uma cadeia produtiva, para assim, ir estimulando o desenvolvimento local sustentável.

No mundo, segundo o relatório da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO-ONU, 2014), a agricultura familiar produz cerca de 80% dos alimentos, portanto, é fundamental para a melhoria da sustentabilidade. Estão também entre os ramos mais vulneráveis às consequências do esgotamento dos recursos e às alterações climáticas, além de apresentar um triplo desafio: o aumento do rendimento agrícola para responder à necessidade mundial de segurança alimentar; a sustentabilidade ambiental para proteger o planeta e a própria capacidade produtiva; e, por fim, a diversificação dos meios de subsistência que lhes permita sair da pobreza e da fome. Sachs (1993) destaca que os vários estudos dos governos passaram a incluir nos programas de desenvolvimento rural, voltados para a agricultura familiar, a sustentabilidade e a multifuncionalidade sendo que perceberam os efeitos negativos gerados pela modernização da agricultura, como o uso intensivo de insumos químicos e tecnológicos, que provocam graves impactos ambientais e sociais.

De acordo com o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente – Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável e a Erradicação da Pobreza – Síntese para Tomadores de Decisão (PNUMA, 2011) e pela *United Nations Environment Programme* (UNEP, 2011), a Economia Verde pode ser definida como economia com o objetivo de melhoria do bem-estar da humanidade e de igualdade social, ao mesmo tempo em que reduz significativamente os riscos ambientais e a escassez ecológica. Na prática, significa uma melhoria do padrão econômico devido ao aumento de empregos e de lucros crescentes promovidos por investimentos públicos e privados, por redução das emissões de gases e da poluição, por aumento da eficiência energética sem danos à biodiversidade e pelo reconhecimento dos serviços ambientais.

Desse modo, de acordo com Diniz e Bermann (2012), a “economia verde” corresponde a esse ideal de desenvolvimento sustentável em todos os quadrantes (econômico, social e ambiental) e constitui uma perspectiva integrada do desenvolvimento, colocando na mesma equação a necessidade de produzir bens e serviços, a urgência de preservar a base de recursos naturais, e a importância de garantir dignidade à pessoa humana. As controvérsias sobre o significado de economia verde, entretanto, ainda persistem por causa da forma ambígua como foi proposto pelo PNUMA. Isto é, ao mesmo tempo como um conceito complementar (ou alternativo) ao de desenvolvimento sustentável e como um conjunto de instrumentos de política para o seu alcance (DASGUPTA, 2011).

Ressalvas e críticas são feitas ao conjunto de políticas setoriais recomendadas, em especial à visão de economia verde como uma abordagem estritamente econômica de incentivo ao mercado de tecnologias ambientais cuja contribuição ao desenvolvimento sustentável é

questionável (DASGUPTA, 2011; COZENDEY, 2011; SAWYER, 2011). Reagindo às críticas e pressões políticas, o PNUMA procurou definir melhor a economia verde, como “aquela que resulta na melhoria do bem-estar humano e da igualdade social, ao mesmo tempo em que reduz significativamente os riscos ambientais e das limitações ecológicas”; em síntese, uma economia de baixo-carbono, eficiente no uso de recursos naturais e socialmente inclusiva (UNEP, 2011).

A necessidade de adjetivação ou qualificação adicional ao conceito de economia verde para que o PNUMA pudesse avançar essa iniciativa em direção à “Rio+20” é bem evidente na chamada oficial dessa conferência, onde consta: “economia verde no contexto do desenvolvimento sustentável e da erradicação da pobreza” (UNEP, 2011, p.14). Em resumo, pode-se compreender a temática da economia verde a partir da perspectiva da sustentabilidade, conceito este baseado em um tripé que se equilibra e se responsabiliza mutuamente, para que dele resulte na melhoria do bem-estar, na promoção da igualdade social e na convivência benéfica com a natureza e o ambiente. Todos os processos produtivos (industriais, comerciais, agrícolas e de serviços) devem corresponder ao ideal de desenvolvimento sustentável (DINIZ e BERMANN, 2012).

À semelhança do conceito de desenvolvimento sustentável, a proposta de economia verde não oferece resposta para a preocupação da economia ecológica com a definição de escala sustentável, isto é, com a necessidade de restringir o crescimento econômico para torná-lo compatível com os limites necessários e, assim, evitar, ou melhor, adiar a catástrofe ecológica prenunciada pelo acúmulo de desequilíbrios ao longo do tempo (ROMEIRO, 2011).

Uma “economia verde” deve reduzir ao mínimo o uso de biocombustíveis fósseis, como a gasolina, o carvão, o diesel e o gás, incentivando o recurso às fontes mais limpas e renováveis como a energia solar e eólica; garantir a inclusão social e o combate à pobreza; garantir maior eficácia e eficiência no tratamento do lixo e de outras causas de contaminação e poluição; e, acima de tudo, manter a exploração dos recursos naturais dentro dos limites da sustentabilidade (DINIZ e BERMANN, 2012). Nesse contexto, pode-se afirmar que o Brasil, por meio de decisões referentes aos tratos ambientais, como dependentes de uma agricultura de baixo carbono, poderá desenvolver alternativas com resultados significativos para uma Economia Verde (DINIZ e BERMANN, 2012). Assim, como ressalta Lustosa (2011), a economia verde é uma proposta que resgata ideias da economia evolucionária. E, como propõem Seroa da Motta e Dubeux (2011), se apoia na escolha de instrumentos de regulação ambiental na linha da economia neoclássica para colocá-la em prática. Essa aproximação da economia verde com a teoria econômica evolucionária e com autores de estratégia corporativa é demonstrada por

Kemp e Soete (1990), que na perspectiva teórica de economia evolucionária, analisam os fatores que afetam a oferta e a demanda das tecnologias ambientais e assim concluem:

Tanto o desenvolvimento quanto a difusão de tecnologia de controle da poluição são obstaculizados pela insegurança e incerteza sobre a demanda, por mercados atomizados, pela falta de poder de mercado da indústria fornecedora e, sobretudo, pela exclusão de questões ambientais dos objetivos e valores tradicionais de maximização de lucros da firma. O desenvolvimento e a difusão de tecnologia ambiental precisam, portanto, ser apoiados mais ativamente do que as tecnologias normais de produção (KEMP e SOETE 1990, p. 254).

Na mesma linha, Ayres (1991) argumenta que para romper com as barreiras existentes, superar o problema de aprisionamento em trajetórias tecnológicas (*lock-in*) e impulsionar a difusão de trajetórias tecnológicas sustentáveis ecologicamente, há que instituir uma macro restrição diretiva (*a directional constraint on the macro-scale*). Nas palavras de Ayres:

Enquanto a evolução biológica envolve processos de seleção acidentais e involuntários, a evolução econômica pode – e deve – ter lugar numa escala de tempo muito mais curta. Para que isso aconteça, processos involuntários e acidentais (míopes) devem ser substituídos por processos político-econômicos deliberados, com visão de longo prazo. Além disso, uma conclusão que é muito difícil de evitar é que não se pode confiar nos sinais de preços por si só para desencadear investimentos, mesmo quando são economicamente justificados, menos ainda para promover inovações ecologicamente necessárias. Esta é uma notícia muito ruim para o alcance da sustentabilidade a longo prazo. Isso implica que os governos terão de desempenhar um papel mais intervencionista do que a maioria dos economistas até agora tem considerado como necessário ou desejável. (AYRES, 1991, p. 12-13).

Interessante notar que essa visão de que a inovação tecnológica ambiental deve ser induzida deliberadamente por regulações e políticas apropriadas, expressa pelos autores de economia evolucionária, aqui citados, também foi compartilhada por autores de estratégia corporativa à mesma época, como revela o trecho a seguir:

A crença de que as empresas vão escolher as oportunidades lucrativas sem qualquer acicate da regulação baseia-se numa suposição falsa sobre a realidade da concorrência – vale dizer, que todas as oportunidades lucrativas para inovações já foram descobertas, que todos gerentes dispõem de informações perfeitas sobre elas e que os incentivos na organização estão orientados para a inovação. De fato, no mundo real, os gerentes têm informações altamente incompletas e dispõem de tempo e atenção limitados. As barreiras às mudanças são numerosas (PORTER; VAN DER LINDE, 1995, p. 127).

Esses mesmos autores saíram ainda em defesa de um maior rigor das regulações ambientais para induzir soluções tecnológicas ambientais mais ousadas e lançaram a ideia de que os ganhos ambientais advindos de inovações podem levar a ganhos econômicos para as empresas. Haveria, portanto, não uma relação conflitiva (*trade-off*) entre a busca de lucros

privados e melhorias ambientais, mas sim uma relação sinérgica – a “hipótese de Porter”, como passou a ser tratada na literatura.

O fato é que a agricultura passou a sofrer uma crítica mais severa, do ponto de vista ecológico, com o avanço do processo de modernização, dado que seus impactos eram cada vez mais evidentes. O incremento de danos como a erosão dos solos e a contaminação provocada pelos pesticidas agrícolas adquiriu, nas décadas de 1970 e de 1980, grande visibilidade política, criando as condições para o surgimento e desenvolvimento de um movimento pela agricultura alternativa (DINIZ e BERMANN, 2012).

É importante, também, entender que para além da economia verde, a agricultura moderna está intrinsecamente ligada à concepção de agricultura sustentável. A partir da década de 1970 foram desenvolvidas muitas experiências de agricultura sustentável no Brasil. Inicialmente, eram iniciativas isoladas, geralmente, de agricultores inovadores não organizados coletivamente. Nos anos 1980 aconteceram os históricos Encontros Brasileiros de Agricultura Alternativa (EBAAs), que foram acompanhados de um sem-número de projetos de produção e do desenvolvimento de algumas estruturas de organização coletiva dos agricultores ecológicos (ROMEIRO, 2011). Destacam-se, nesse panorama, organizações como a Federação das Associações dos Engenheiros Agrônomos do Brasil (FAEAB), as associações estaduais de engenheiros agrônomos e a FASE (Federação dos Órgãos para a Assistência Social e Educacional) com seu já muito conhecido PTA (Projeto de Tecnologias Alternativas) (BARBOSA, 2005).

A segunda metade dos anos 1980 e o início dos 1990 constituíram-se mais notadamente como a fase das chamadas atitudes propositivas. Nesse período começou um verdadeiro *boom* da agricultura sustentável, tanto do ponto de vista organizacional como do técnico e da participação nos mercados especializados (ROMEIRO, 2011).

Entre as diversas respostas à questão socioambiental no âmbito da agricultura, pode-se identificar três tendências principais: o monocultivo ecológico, que representa um sistema que mantém a lógica do monocultivo comercial, aplicando, porém, alguma tecnologia ou insumo ecológico isolado, sem incremento significativo da complexidade; a agricultura ecológica de mercado, que incorpora a dimensão ambiental de um modo mais acentuado, porém limitado a uma diversificação e gestão ecológica intermediária, suficientes para atender às normas técnicas exigidas para a obtenção de produtos limpos e certificados para mercados especiais; a agricultura familiar agroecológica, expressão socioambiental mais completa, devido à introdução e convergência das principais dimensões do conceito de sustentabilidade, isto é, as dimensões social, econômica e ecológica (ROMEIRO, 2011).

A evolução histórica e a configuração particularizada de cada forma de agricultura que advoga a si a qualidade de sustentável apresenta uma importante diferenciação entre elas. Estamos, atualmente, em um momento mais avançado do que aquele quando, para se contrapor à agricultura convencional, se formou uma unanimidade entre as agriculturas alternativas. Esse consenso demonstrou ser apenas aparente, na medida em que as experiências foram se diferenciando quanto à aplicação dos preceitos sociais e ecológicos (BARBOSA, 2005).

Algumas escolas passaram a orientarem-se pelo mercado, outras se associaram aos movimentos sociais. Ainda que se parta da aceitação provisória de que as três formas de produção agrícola, mencionadas acima, sejam sustentáveis, deve-se esclarecer que as consideramos apenas como graus incrementais de sustentabilidade em uma hipotética escala que parte da agricultura convencional, passando pelo monocultivo ecológico, pela agricultura ecológica de mercado e pela agricultura familiar agroecológica, culminando com os sistemas naturais (BARBOSA, 2005).

Os diversos estilos de agricultura sustentável, que se parecem, sobretudo por seus aspectos eco tecnológicos, guardam diferenças significativas entre si, diferenças estas, dignas de consideração. Essas disparidades deixam claro, inclusive, o próprio limite do conceito de sustentabilidade assumido por cada estilo (sustentabilidade frágil, intermediária ou forte). Essa diversidade, dentro da aparente unidade, diz respeito, em primeiro plano, às próprias características ecológicas e tecnológicas, que analisadas com mais cuidado, mostram suas particularidades. Em segundo plano, estão as diferenças de caráter socioeconômico, que são as mais marcantes, e dizem respeito às distintas formas de conceber a participação no mercado e aos diferentes perfis sociais dos agricultores envolvidos (ROMEIRO, 2011).

A agricultura sustentável enquadra-se num referencial teórico mais amplo que é o do desenvolvimento sustentável. Nesse contexto, mostra-se adequada a definição da Agenda 21 Brasileira (2004), que considera agricultura sustentável como um sistema produtivo de alimentos e fibras, que garanta: a) a manutenção, em longo prazo, dos recursos naturais e da produtividade; b) um mínimo de impactos adversos ao meio ambiente; c) retornos adequados aos produtores; d) otimização da produção com um mínimo de insumos externos; e) satisfação das necessidades humanas de alimentos e renda; e f) atendimento das necessidades sociais das famílias e comunidades rurais.

Dessa forma, a agricultura sustentável é a alternativa para a promoção do progresso e bem-estar no meio rural, garantindo melhores condições de vida para a população e a utilização racional e ambientalmente correta dos recursos renováveis e não-renováveis. Nos últimos anos, a integração da agricultura aos setores industrial e de serviços, visando agregar valor aos

produtos e atender às exigências crescentes dos consumidores, amplificou o escopo dessa atividade para o âmbito dos complexos agroindustriais e do agronegócio (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2004). Nesse sentido, segundo a Agenda 21 Brasileira (2004), torna-se mais apropriado discutir o desenvolvimento sustentável no âmbito de um “sistema agroalimentar-energético”, incluindo as dinâmicas de todos os agentes que participam do processo, desde a produção até o consumo.

Em geral, portanto, tem-se que a noção de agricultura sustentável – que é uma abstração – busca abarcar todos os sistemas nos quais haja uma clara inversão do sentido ecológico da agricultura convencional: desde uma visão de otimização dos rendimentos físicos à custa do uso intensivo dos recursos naturais e do aporte de energia e materiais externos, até a construção de sistemas de mínimo grau de degradação. Ou seja, desde a adequação do meio à produção, até a integração da produção ao meio (DINIZ e BERMANN, 2012). Esse princípio exclui da classificação de sustentável os monocultivos ecológicos, dado que não promovem a referida inversão ecológica ao conservar toda a sua lógica convencional e incluir tão somente técnicas ecológicas pontuais, como um insumo biológico ou uma prática de conservação do solo ou de controle biológico de pragas (DINIZ e BERMANN, 2012).

De todo modo, as agriculturas sustentáveis não podem ser identificadas como sistemas não-entrópicos, já que praticamente todos os sistemas agrícolas são intervenções humanas que provocam mudanças no meio ambiente. Os sistemas agrícolas estão sempre situados em um ponto entre dois extremos – os sistemas simplificados de monocultivo e os sistemas naturais. Os estilos de agricultura sustentável não pertencem a nenhum desses extremos, ainda que se orientem pelos últimos (BARBOSA, 2005). Esse argumento permite entender a agricultura sustentável como um espaço variado que compreende distintos graus de incorporação de fundamentos ecológicos (por exemplo, vários níveis de complexidade) que também pode ser considerada como um momento dentro da perspectiva temporal dos processos de transição agroecológica (ROMEIRO, 2011). Como veremos, os distintos estilos de agriculturas, chamados sustentáveis, não darão iguais respostas a todos esses problemas (ecológicos e sociais), ainda que os mesmos sempre sejam evocados como algo a evitar.

Como resultante do amadurecimento da crítica, nasceu a necessidade de construir propostas e condições para operá-las. Desse modo, do ponto de vista afirmativo, começaram a surgir experiências de campo que ensaiavam o desenho de alternativas mais sustentáveis, onde se incorporariam gradualmente os princípios ecológicos à produção agrícola. Dentre eles, pode-se destacar a gestão ecológica dos recursos locais, o manejo da biodiversidade geral e agrícola, a integração de elementos para o incremento das complementaridades, a oferta de serviços

ambientais (como a paisagem, a qualidade da água, os produtos limpos) (BARBOSA, 2005). Em resposta aos impactos sociais, essa agricultura, ao menos em tese, busca reconhecer a diversidade cultural, o desenvolvimento local, a redução dos custos de produção, a participação e a inclusão social (DINIZ e BERMANN, 2012).

Uma vez definido os conceitos de agricultura familiar, economia verde e agricultura sustentável, cabe demonstrar as qualidades que a primeira tem nestes processos modernos. Wanderley (1996) entende a agricultura familiar “como aquela em que a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios produtivos do cultivo, assume o trabalho no estabelecimento produtivo”. A autora acredita que a agricultura camponesa tradicional fundamenta-se na relação trabalho, família e propriedade. Para ela, a autonomia econômica das sociedades camponesas se expressa pela capacidade que esse grupo tem de prover a subsistência do grupo familiar. E essa subsistência se dá em dois níveis complementares: "a subsistência imediata, que é o atendimento às necessidades da comunidade, e a reprodução da família pelas futuras gerações subseqüentes" (Ibidem). Refletindo sobre a sustentabilidade econômica e cultural e observando que aquelas famílias, ao mesmo tempo em que querem assegurar a sua sobrevivência imediata, também desejam garantir a produção e reprodução das gerações futuras, a mesma autora destaca:

Para além da garantia da sobrevivência no presente, as relações no interior da família camponesa tem como referências o horizonte das gerações, isto é, um projeto para o futuro. com efeito, um dos eixos centrais da associação camponesa entre família, produção e trabalho é a expectativa de que todo o investimento, pela geração atual, possa vir a ser transmitido à geração seguinte, garantindo a esta, as condições de sua sobrevivência (WANDERLEY, 1996, p. 4).

As noções de Maluf e Carneiro (2005) permitem entender que há uma relação entre multifuncionalidade e sustentabilidade, já que o agricultor familiar associa a produção agrícola com a conservação e uso equilibrado dos recursos naturais, pois o meio ambiente em que interagem não é só a base do processo produtivo, mas um lugar que está associado à vida do agricultor e à reprodução social da família. Estes conceitos englobam uma questão ambiental, uma produção mais agroecológica, a maior qualidade dos alimentos, as técnicas agrícolas tradicionais, o modo de vida das suas famílias e sua reprodução socioeconômica, entre outros.

Assim, uma economia agrícola não pode estar centrada em um ou em poucos produtores, por razões socioeconômicas e ecológicas: socioeconômicas porque crises decorrentes da competitividade internacional alteram enormemente as possibilidades comerciais de um produto e também colocam em risco a segurança alimentar e ecológica da região. Ecológicas,

porque os sistemas simplificados inerentes ao cultivo em grande escala são muito mais suscetíveis a problemas, como propagação de pragas ou doenças (MALUF; CARNEIRO, 2005).

Sendo que a agricultura familiar ocupa 77 % dos estabelecimentos agrícolas brasileiros, representando grande parte da diversidade cultural social e produtiva, exige maior atenção aos impactos de suas atividades, tanto para as famílias que dela vivem, quanto para a sociedade como um todo. Diante dessas preocupações é que a agricultura familiar se encontra como o conceito de economia verde, na medida em que a sua definição surgiu da busca de redução de impactos ambientais e da escassez ecológica, visando o bem estar e a igualdade social. A ideia de economia verde, por conseguinte, conduz ao ideal de agricultura sustentável, que pressupõe uma produção agrícola que, ao mesmo tempo em que promove o progresso e o bem-estar no meio rural, leve em conta a preservação dos recursos naturais renováveis, a partir de uma correta e racional utilização desses recursos. E será a partir de políticas públicas que os conceitos de economia verde e agricultura sustentável poderão se tornar práticas da agricultura familiar.

### **3 AVALIAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS**

Como dito anteriormente, para que a agricultura familiar possa se desenvolver, dentro dos preceitos de desenvolvimento sustentável, de bem-estar e dignidade humana, ela depende do incremento de políticas públicas, que podem surgir como políticas de estado ou políticas de governo, nos âmbitos nacional, estadual ou municipal. Assim, devemos esclarecer alguns aspectos dessas políticas públicas, das suas avaliações e da sua relação com a educação profissional.

#### **3.1 Políticas públicas, avaliação e educação profissional**

As políticas públicas podem ser definidas como um conjunto de programas, ações e decisões tomadas pelos governos (nacionais, estaduais ou municipais) com a participação de representantes públicos ou privados que pretendem possibilitar determinado direito para os vários grupos de uma sociedade ou para uma coletividade no segmento cultural, econômico ou social. Assim, correspondem a direitos assegurados na Constituição (GIANEZINI et al., 2017). Água, saúde, educação e meio ambiente são direitos universais, dessa forma, para assegurá-los e promovê-los, estão garantidas pela Constituição Federal Brasileira, promulgada em 5 de outubro de 1988, as políticas públicas que regem a saúde e a educação, por exemplo. (LOPES; AMARAL, 2008).

A conceituação de políticas públicas pode apresentar dois sentidos diferentes. No sentido político, considera-se a política pública como um procedimento de decisão, em que há, sem dúvida, divergências entre interesses. Por meio das políticas públicas, o governo decide o que fazer ou não fazer. O segundo sentido se dá a partir da perspectiva administrativa: as políticas públicas são um conjunto de projetos, programas e atividades realizadas pelo governo (SOUZA, 2006).

Uma política pública pode tanto ser parte de uma política de estado ou uma política de governo, que pode ou não ter parcerias com estados e municípios. É importante entender essa diferença: uma política pública de estado é toda política que independente do governo e do governante, esta ação deve ser realizada porque é amparada pela constituição federal. Já uma política de governo irá submeter-se à alternância no poder. Cada governo tem seus próprios projetos que, por sua vez, em determinado período, se transformam em políticas públicas (FARAH, 2006).

As políticas públicas afetam a todas as populações de modo geral e específico, independente de escolaridade, nível social, sexo, religião ou raça. Com o aprofundamento e a ampliação da democracia, as responsabilidades dos nossos representantes foram diversificadas. Hoje, é cada vez mais normal dizer que sua função é promover o bem-estar da sociedade (CALDAS, 2008). O bem-estar da sociedade está relacionado a ações bem desenvolvidas e a sua ação em áreas como saúde, educação, meio ambiente, habitação, assistência social, lazer, transporte e segurança, ou seja, deve-se contemplar a qualidade de vida como um todo (SOUZA, 2006). E é a partir desse princípio que, para atingir resultados satisfatórios em diferentes áreas, os governos (federal, estaduais ou municipais) se utilizam das políticas públicas. O conceito de público, nos dias atuais, não quer dizer somente gestão governamental, mas, um interesse público que se interpõe entre o Estado e o governo (primeiro setor), a iniciativa privada (segundo setor) e as diversas organizações da sociedade civil (terceiro setor) (CALDAS, 2008).

A discussão sobre a avaliação e o modo de avaliar as políticas públicas tem sido tema recorrente nas discussões atuais, por isso consideramos pertinente analisarmos esse debate que se torna evidente, sobretudo, a partir dos anos de 1990, quando as contra reformas de cunho regulatório, de base neoliberal, passaram a pautar a agenda política em importantes áreas como a educação (COHEN; FRANCO, 2004). Inovações e refinamentos teóricos com relação a metodologias de avaliação acompanharam e acompanham de perto as concepções e funções das políticas públicas. Nesse sentido, os esforços de pesquisa na avaliação de políticas apontam para uma maior estruturação e sistematização dos programas. (SOUZA, 2014). Pertencendo a um campo de estudo recente no Brasil, a avaliação de políticas públicas é ainda pouco utilizada. Os agentes políticos importam-se mais em desenvolver políticas do que executá-las e qualificá-las, ficando a avaliação até agora pouco influente para a tomada de decisões nas políticas públicas diante da força do eleitorado (ARRETCHE, 1998; COSTA; CASTANHAR, 2003).

De maneira geral, avaliar significa aferir valor. Segundo o dicionário Aurélio (2016), trata-se de um valor definido, estipulado por especialistas. Ou seja, é qualificar algo como: bom ou ruim, positivo ou negativo. É o processo que antecede a escolha de algo mediante avaliações. Para Franco, “avaliar é fixar o valor de uma coisa; para ser feita requer um procedimento mediante o qual se compara aquilo a ser avaliado com um critério ou padrão determinado” (COHEN; FRANCO, 2004, p. 73), então, atribuindo valor a um objetivo anteriormente estabelecido. Essa definição básica é o alicerce para os demais conceitos que temos de avaliação de políticas públicas na literatura específica. (COHEN; FRANCO, 2004).

Grande parte das descrições e conceitos de avaliações de políticas públicas nesse período histórico, a partir de 1990, apresentam grandes noções vinculadas à racionalidade, ao fazer mais com menos, ou fazer melhor com poucos recursos. Para os autores citados anteriormente, a avaliação é “uma atividade que tem como objetivo maximizar a eficácia dos programas na obtenção de seus fins e a eficiência na alocação de recursos para a consecução dos mesmos” (COHEN; FRANCO, 2004, p. 77). Portanto, no ambiente da Organização das Nações Unidas (ONU), o conceito de avaliação de políticas públicas não foge muito ao conceito apresentado anteriormente, quando define avaliação como:

processo orientado a determinar a sistemática e objetivamente a pertinência, eficiência, eficácia e impacto de todas as atividades à luz de seus objetivos. Trata-se de um processo organizativo para melhorar as atividades ainda em marcha e ajudar a administração no planejamento, programação e futuras tomadas de decisões (ONU, 1984 apud COHEN; FRANCO, 2004, p.76).

Souza (2014) expõe um conceito mais geral ao considerar que a “avaliação de políticas estudaria a eficácia das políticas e procuraria dar conta se a política foi um sucesso ou fracasso” (SOUZA, 2014, p. 38). O autor, ao examinar de forma crítica o conceito e a prática da avaliação de políticas públicas, nos chama a atenção dizendo que: “avaliação é atribuição de valor a uma política, porém geralmente reduzida aos seus resultados, excluindo a apreensão do seu conteúdo” (SOUZA, 2014, p. 17). Desta maneira, o conceito de avaliação de políticas públicas de Souza (2014) se apresenta de maneira mais adequada ao contexto, na medida em que lhe confere um valor, examinando seu êxito ou insucesso, dando conta da sua efetividade, que resulta no entendimento do conteúdo da política. É fundamental que possamos realizar uma adequada avaliação de políticas públicas, e acreditar que esta permeia os diagnósticos dos seus resultados, frente a seus objetivos. Com isso, para efetuarmos previamente a avaliação de uma política pública, precisamos analisar com clareza os critérios que servirão de base para a sua aplicação, isto é, aquilo que a torna especial em relação a qualquer outra (FIGUEIREDO; FIGUEIREDO, 1986).

Souza (2014) posiciona o atual momento da avaliação em um período de predomínio da “avaliação gerencialista”, que tem como alicerce os pressupostos teóricos do neoliberalismo, e tem como foco os resultados imediatos, primeiros, ainda que não correspondam às consequências reais de dadas ações. A avaliação política procura, então, o oposto ao se aprofundar nos desdobramentos das políticas. A avaliação política tem a função de evidenciar o “caráter político do processo decisório que implicou na adoção de uma dada política, e também os valores e critérios políticos identificáveis na política” (CARVALHO, 1999, p. 30). São inúmeras as modalidades de avaliação elencadas na literatura, bem como os critérios que

justificam tais divisões. E para mantermos o propósito de colaborar com a construção de entendimentos a partir do uso de ideias já amplamente discutidas e empregadas, exibimos as modalidades de acordo com os critérios acima mencionados com suporte nas pesquisas de Figueiredo e Figueiredo (1986), Cotta (1998), Costa e Castanhar (2003) e Cohen e Franco (2004).

Iniciaremos o esclarecimento pelo que chamamos de gênero. As avaliações *Ex-ante* que são aquelas realizadas antes de o projeto ser executado, e servem como subsídio para a decisão da execução ou não de um projeto em construção. Já as avaliações *Ex-post* são aquelas que objetivam avaliar os projetos que já estão em execução ou finalizados. Portanto, há duas modalidades ou gêneros: *Ex-ante* e *Ex-post*. No segundo gênero estarão inclusos os três tipos de avaliação: 1) Avaliação de Processos: é realizada enquanto o programa da política está em desenvolvimento. Está vinculada a uma dimensão de gestão, pois procura analisar se a política está sendo executada conforme seus objetivos. Desse modo, “procura detectar as dificuldades que ocorrem na programação, administração, controle, etc. para serem corrigidas oportunamente, diminuindo os custos derivados da ineficiência”; 2) Avaliação de Resultados: investiga os efeitos de uma intervenção sobre a população-alvo. Esperam-se efeitos como “acontecimento que se pode razoavelmente dizer que sofreu influência de algum aspecto ou programa do projeto”. Essa avaliação verifica os resultados consecutivos pela observação de um contexto restrito e um ambiente de pessoas que incorpore apenas o público-alvo daquela política. Por essa característica, utilizam o termo “resultados” associado ao termo “impactos”, separando estes em “resultados imediatos”, “resultados (impactos) de médio prazo” e “resultados (impactos) de longo prazo”; 3) Avaliação de Impactos: esta avaliação busca estabelecer uma relação de causalidade entre a política e suas alterações nas condições sociais, captar os reflexos de uma intervenção em um contexto mais amplo, que pode ir além da população-alvo, investigando se foram alcançados os resultados finais previstos, e também quais os efeitos secundários. Logo, só pode ser executado após o término e execução do programa. (COHEN; FRANCO, 2004).

Em relação aos avaliadores, temos as Avaliações Externas sendo aquelas realizadas por agentes que não fazem parte da organização de realização da política. Assim como, as Avaliações Internas que são as realizadas pelas próprias organizações que gerenciam o projeto. Com o intuito de minimizar os aspectos negativos das avaliações externas e internas, temos também a Avaliação Mista, que é a realizada por avaliadores internos em contato com os membros do projeto. Uma quarta modalidade, a Avaliação Participativa, aponta que o interesse de participação dos beneficiários daquela política corresponderia também e muito no sucesso

da avaliação. Portanto, esse quarto tipo de avaliação, sob a perspectiva dos avaliadores, tem o objetivo de suprir a ausência da população-objetivo, ou como preferimos chamar, sujeitos beneficiários, do projeto no processo de avaliação (COHEN; FRANCO, 2004).

A seguir, trataremos das abordagens, dos métodos e das técnicas de análise das políticas públicas na avaliação de políticas, segundo Vedung (2017). Quanto à abordagem, temos o modelo de efetividade, que é composto por cinco categorias que são: avaliação orientada aos objetivos atingidos, avaliação orientada a resultados (*goal free*), avaliação orientada ao “cliente”, avaliação orientada aos *stakeholders*<sup>1</sup> e avaliação global (*comprehensive evaluation*). Temos também o modelo econômico, categorizado em produtividade e eficiência. E, por último, temos o modelo profissional formado pela abordagem de revisão de pares.

Para o autor, no modelo de efetividade, a avaliação orientada aos objetivos atingidos tem como foco medir o alcance de uma política e avaliar o impacto desta. As questões básicas são: os objetivos foram alcançados? As mudanças são decorrentes das políticas? Já nas avaliações orientadas a resultados (*goal free*) o foco são os resultados da intervenção, e o avaliador deve mensurar os efeitos da intervenção numa concepção de avaliação "às cegas". As questões aqui são: quais os resultados que se derivam desta política? Qual o balanço que se faz deles? Na avaliação voltada ao cliente, os objetivos e expectativas e as preocupações estão centradas nos destinatários da política/programa. E as questões básicas são: A política atende às necessidades dos destinatários? Esta política atende às expectativas e desejos destes destinatários? Para a avaliação orientada aos *stakeholders*, estes fazem parte da avaliação com protagonismo e responsividade. Os modelos qualitativos predominam nesta abordagem de avaliação. A questão básica é: Quais as questões avaliativas de interesse dos *stakeholders*? E para a avaliação global (*comprehensive evaluation*), a avaliação não deve se restringir aos resultados, mas incluir, o desenho, a tomada de decisão, e a aplicação. Basicamente, a questão é: Os objetivos da intervenção foram realizados? A estratégia de execução ocorreu como planejada? Os resultados produzidos foram os esperados?

Na segunda abordagem de políticas, o modelo econômico foi dividido em produtividade e eficiência. A primeira utiliza a produtividade como o equivalente para o setor público do lucro no setor privado (busca-se a maximização), e sua questão é: Os processos da intervenção resultam produtivos (buscam a maximização da produtividade) segundo padrões esperados? Já a eficiência busca uma análise custo-benefício e a análise custo efetividade para relacionar os

---

<sup>1</sup> *Stakeholder* é um termo da língua inglesa que tem como significado "grupo de interesse". Fazem parte deste grupo pessoas que possuem algum tipo de interesse nos processos e resultados da empresa. Disponível em: <https://www.dicionariofinanceiro.com/o-que-sao-stakeholders/> Acesso em: 02 set. 2020.

custos de uma intervenção com seus resultados. E seu objetivo é, analisar se os benefícios da intervenção vão compensar os custos.

E quanto aos modelos profissionais, Vedung (2017) descreve a revisão por pares, que é uma avaliação de desempenho profissional, produção, conduta ética, etc., conduzida por colegas de mesma profissão. E baseia-se fortemente em metodologias interativas (comunicação) e estruturas colegiadas. A questão básica deste modelo consiste em indagar se a intervenção é realizada, produzindo resultados segundo padrões profissionais estabelecidos.

Ainda em Vedung (2017), dentro das classificações das avaliações, o autor mostra várias formas para estas avaliações como, por exemplo: o que se avalia, para que se avalia e como se avalia. Aqui Vedung destaca que a metodologia pode ser quantitativa, qualitativa ou de métodos combinados, mistos. E as técnicas para avaliação podem ser, como já dito, *Ex-ante* ou *Ex-post*, e também interna ou externa, de acordo com a posição do avaliador. O autor destaca ainda as tipologias de avaliação e as técnicas de análises que são: a avaliação normativa e pesquisa avaliativa.

A avaliação normativa composta pela apreciação da estrutura, a apreciação do processo e a apreciação dos resultados. E devemos fazer as seguintes perguntas: Os recursos são adequados para se obter os resultados adequados? Os serviços são adequados para que se obtenham os resultados? Os resultados obtidos correspondem aos almejados? Já pesquisa avaliativa consiste em três modelos de avaliação: a avaliação de diagnóstico, que está dividida em duas categorias de análises, a análise estratégica e a análise lógica; a avaliação por processos, dividida em análise da produção e análise da implementação; e a avaliação de utilidade, composta pela análise da eficiência e a análise dos efeitos. Dentro de cada avaliação temos os tipos de análise e para cada tipo de avaliação têm-se as perguntas e as técnicas adequadas a sua utilização e verificação. As avaliações qualitativas de políticas públicas são enquadradas nos tipos de análise de efeitos e/ou eficiência da política aplicada (VEDUNG, 2017).

Além de entender os conceitos de políticas públicas e as possibilidades teóricas de suas avaliações, precisamos analisar alguns aspectos da educação profissional e suas técnicas. A história da educação profissional tem sua origem assentada no assistencialismo, e como ponto central, o atendimento aos órfãos e aos desvalidos. Esta educação profissional era vista como um trabalho menor, vinculada ao esforço manual e físico, curso considerado de pequena estatura social para os homens livres e de famílias abastadas (CUNHA, 2005). No Brasil, o trabalho físico foi por muito tempo destinado aos escravos. Apesar de não ser possível dizer que houve educação profissional destinada aos escravos, que exerciam os trabalhos mais brutos,

de maneira forçada, sabemos que muitos escravos exerceram ofícios como de carpinteiro, marceneiro, sapateiro, entre outros. O legado escravista deixou traços e modelos na nossa concepção da educação profissional e na sua formação. Conseqüentemente, e por este legado, a formação acadêmica e erudita é, ainda hoje, destinada a uma pequena parcela da população.

Segundo Cunha (2005), com algumas mudanças no contexto da época, séculos XIX e XX, por exemplo, o crescimento da classe média, que era composta por negociantes, funcionários públicos, profissionais liberais, militares, religiosos, intelectuais e pequenos proprietários de comércios, criou-se a demanda por trabalhadores mais qualificados, fazendo com isso que o governo fundasse novas escolas. O surgimento de escolas públicas profissionalizantes esteve diretamente relacionado com a política de desenvolvimento econômico do país, marcada pelo avanço industrial. A educação profissionalizante tinha como objetivo central a qualificação da mão-de-obra, a fim de manter e oportunizar pequenos empregos aos excluídos do processo de produção. (MOURA, 2007).

Durante o período dos governos militares aconteceu a reforma do ensino fundamental e médio com a Lei 5.692/71 que equiparou o curso secundário com os cursos técnicos, pois a intenção era fazer a opção pela profissionalização universal de segundo grau, mudando o modelo humanístico/científico para um científico/tecnológico. Em 2003, a Secretaria de Educação Tecnológica e o governo federal apresentam a responsabilidade social como um indicador significativo para a expansão da educação profissional tecnológica. Neste momento, o desenvolvimento local e regional, com direcionamento na inclusão social, passa a ser primordial para essa modalidade de ensino, assumindo o aspecto principal da educação. A partir deste ponto-de-vista, decide-se expandir os números das escolas federais de educação profissional e tecnológica. (MAGALHÃES, 2020).

Logo em seguida, em 2006, surge a primeira fase do crescimento, que teve como foco a implantação de escolas federais de formação profissional e tecnológica nos Estados, que ainda não tinham educação tecnológica nas periferias das grandes cidades e nos interiores, trazendo cursos conectados com as potencialidades regionais e locais para a geração de trabalho (RIBEIRO; CARDOSO, 2014). Dando continuidade, tem-se a segunda fase da expansão, que foi marcada pela estimativa de fundação de 150 unidades de ensino em cidades polos do país, do qual o tema intitulado era “Uma escola técnica em cada cidade-polo do país” demonstrando o interesse de investimento do governo federal com a rede federal de educação profissional. (RIBEIRO; CARDOSO, 2014).

A educação profissional e técnica é uma categoria de ensino oferecida aos alunos do ensino médio concomitante ou subsequente, bem como ao trabalhador em geral, sendo jovem

ou adulto. Segundo a UNESCO, a educação profissional é um processo educativo que demanda, além de uma formação geral, estudo de caráter técnico e técnicas práticas relativas a atividades de certas profissões em diversos setores da vida econômica. Como resultado de seus objetivos, o ensino técnico e profissional diferencia-se da formação profissional que pretende essencialmente a obtenção de qualificações práticas e informações específicas necessárias para a atividade de um determinado emprego (MAGALHÃES, 2020).

A partir do ano de 2008, foram criados os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs), pela Lei nº 11.892/2008 que, institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, acrescentando nesta rede as Escolas Técnicas Federais e Centros Federais de Educação. A Lei, no Art. 6º Inciso III, apresenta as finalidades e particularidades desses Institutos Federais, conforme transcrito a seguir:

III - promover a integração e a verticalização da educação básica à educação profissional e educação superior, otimizando a infra-estrutura física, os quadros de pessoal e os recursos de gestão; (BRASIL, 2008).

A Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/1996), diz que “a educação profissional será desenvolvida em articulação com o ensino regular ou por diferentes estratégias de educação continuada, em instituições especializadas ou no ambiente de trabalho”. São três os níveis de educação profissional na legislação em vigor no Brasil: 1) Básico: cursos destinados a trabalhadores jovens e adultos. Independem de escolaridade pré-estabelecida e têm por objetivo requalificar. Por se tratar de cursos livres, não requerem regulamentação curricular. 2) Técnico: para jovens e adultos que estejam cursando ou tenham concluído o ensino médio, mas cuja titulação pressupõe a conclusão da educação básica de 11 anos. 3) Tecnológico, que dá formação superior, tanto de graduação como de pós-graduação, a jovens e adultos.

Os Institutos Federais desenvolveram-se como políticas públicas que têm como intuito a promoção da justiça social, equidade, e desenvolvimento sustentável, abrangendo a inclusão social e a produção de tecnologias renovadas, preparadas para enfrentar de maneira imediata e eficiente as demandas do mercado que necessitam de formação profissional, com a disseminação de conhecimentos para darem suporte aos arranjos produtivos locais.

### **3.2 Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego - Pronatec**

Apesar de uma mudança de perspectiva com a compreensão de uma Educação Profissional como direito, da necessidade de atrelar esta formação à elevação da escolaridade, consubstanciado na revogação do Decreto nº 2.208/1997 e edição do Decreto nº 5.154/2004, o

circuito histórico dos anos 2000 é marcado por avanços e retrocessos no âmbito da formação profissional, ou como diria Moura (2013a), por movimentos contraditórios. Nesse contexto, se ancora a gênese do Pronatec. O Pronatec foi criado pelo governo federal em 2011, através da Lei nº 12.513, de 26 de outubro de 2011, tendo como objetivo central ampliar a oferta de cursos de educação profissional e tecnológica. Dessa forma, se propôs a aumentar as oportunidades educacionais aos trabalhadores, por meio de cursos de formação inicial e continuada ou qualificação profissional (CASSIOLATO; GARCIA, 2014).

No discurso oficial, o programa visa, através da formação ofertada por seus cursos, proporcionar a inserção no mercado de trabalho. Essa racionalidade traz consigo a concepção de que o valor da educação está na sua instrumentalidade, em formar para o mercado, confundindo, então, trabalho com emprego, deixando de lado o sentido ontológico do trabalho para assumir, assim, apenas o seu sentido histórico. As ações desse programa são voltadas ao acesso e à permanência na escola, à aprendizagem e à valorização do universo cultural das populações do campo. Elas são estruturadas em quatro eixos: gestão e práticas pedagógicas; Formação Inicial e Continuada (FIC) de professores; educação de jovens e adultos e educação profissional; e infraestrutura física e tecnológica. Nesse aspecto, as ações do Pronatec, como também englobam o campo, fazem surgir o Pronatec Campo, com o objetivo de promover a inclusão social de jovens e trabalhadores do campo por meio da ampliação da rede federal de educação profissional e tecnológica e da oferta de cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC) para trabalhadores, de acordo com os arranjos produtivos rurais de cada região (BRASIL, 2014b).

O Pronatec, essencialmente em 2011, vem como continuidade da política de expansão de vagas, reunindo um conjunto de iniciativas. Uma de suas finalidades foi o de expandir a quantidade de vagas nos cursos da educação profissional e técnica, além disso, levar mais oportunidades às cidades menores, qualificando, assim, os interiores do país, aumentando sua presença física de atendimento. É o Pronatec, portanto, uma iniciativa de pulverizar e dar acesso profissional a milhões de brasileiros, os capacitando nas diversas áreas e cursos ofertados. Com o Pronatec o governo buscou ampliar as oportunidades de ensino e de formação profissional qualificada para os jovens, trabalhadores e beneficiários de programas de transferência de renda. Segundo o MEC, de 2011 a 2014, por meio do programa, realizaram-se mais de 8,1 milhões de matrículas, entre cursos técnicos e de qualificação profissional, em mais de 4.300 municípios. E em 2015, foram 1,3 milhão de matrículas (BRASIL, 2011).

No Brasil, em 2013, o governo federal lançou o Programa Nacional de Educação do Campo (Pronacampo), que tem como objetivo, de acordo com o documento orientador,

disponibilizar apoio técnico e financeiro aos estados, municípios e Distrito Federal para a aplicação da política de educação do campo. O programa visa a ampliação do acesso e a qualificação da oferta da educação básica e superior, por meio de ações de melhoria da infraestrutura das redes públicas de ensino, cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC) de professores, além da produção e disponibilização de materiais específicos aos estudantes do campo e quilombolas, em todas as etapas e modalidades de ensino (BRASIL, 2014b).

Guimarães (2014) relata que a versão do Pronatec Campo traz em seu bojo outro projeto, a subordinação do não assalariado à lógica do agronegócio, ou seja, a subordinação do agricultor familiar e do pequeno agricultor. A partir do momento em que, com o Pronatec, a execução de cursos rápidos no campo brasileiro virou meta a ser cumprida, os institutos federais, principais instituições públicas envolvidas com o programa, viram-se diante do desafio de dar conta de todas essas especificidades do meio rural, até porque, na modalidade em que o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) é demandante, contando com mais participação dos movimentos sociais, a tendência tem sido escolher essas instituições – e não o Sistema S<sup>2</sup> – como ofertantes (GUIMARÃES, 2014). De acordo com Guimarães (2014), mais de 60% das vagas preenchidas em 2013 e quase 80% das vagas pactuadas para o primeiro semestre de 2014, pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), estão dentro do eixo recursos naturais. Desse percentual, mais de 43 mil matrículas, o equivalente a 55,6%, foram realizadas pelo Pronatec, tendo como instituição ofertante o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural.

Para Sales (2012), nos deparamos com um contexto de conversões das políticas, isto é, a conversão de políticas de trabalho pela de escolarização, e substituição da proteção social por políticas de formação profissional, com a perspectiva de enfrentar os riscos sociais provocados pelo desemprego, ao passo “[...] que a intensificação da educação profissional desempenharia um papel importante na diminuição do desemprego, com a adequação da oferta de trabalho às novas exigências das empresas” (SALES, 2012, p. 54).

Oliveira e Menezes (2016) apresentaram um relatório de pesquisas sobre a disputa por financiamento através do Pronatec. Segundo estas, o Sistema S teve uma reviravolta com o

---

<sup>2</sup> “[...] homens, mulheres, jovens, trabalhadores, pequenos empreendedores, têm mais chance de conseguir um emprego, melhorar seu negócio ou progredir na sua carreira se tiverem capacitação profissional. Foi para dar oportunidade aos brasileiros de melhorar sua formação profissional que nós criamos, no início de meu governo, o PRONATEC.” Programa de rádio: café com a presidente, 2014. 16 Serviço Nacional de Aprendizagem Rural - SENAR; Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC; Serviço Social do Comércio - SESC; Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo - SESCOOP; Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial SENAI; Serviço Social da Indústria - SESI; Serviço Social de Transporte -SEST; Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte - SENAT; Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE.

Pronatec, diante da dispensa da formalização de acordos ou convênios para essas instituições, garantindo acesso direto ao fundo público “[...] vale registrar o fato de que, somente no ano de 2012, de acordo com o relatório de gestão do MEC, foram habilitadas 339 unidades de ensino, sendo que 85 são privadas e 254 do Sistema S.” (OLIVEIRA; MENEZES, 2016, p. 231).

A Lei de criação do Pronatec também possibilitou investimentos do governo federal não somente em suas instituições públicas, mas também nas instituições do Sistema “S” ((Senai, Senac, Senar, Senat e Sebrae) e instituições privadas, o que retira do seu controle a execução desses recursos, bem como a própria formação, o que pode configurar indiretamente uma privatização da oferta pública da educação. É importante frisar que, apesar da lei de criação já prever o repasse de recursos para o Sistema “S”, que são entidades que administraram o recurso público de forma privada, sem uso de licitação ou outras exigências, o repasse de recursos às instituições privadas só fora positivado a partir da Lei nº 12.816, de 5 de junho de 2013, que acrescentou o Art. 6º-A à lei do Pronatec:

A execução do Pronatec poderá ser realizada por meio da concessão das bolsas-formação de que trata a alínea a do inciso IV do caput do art. 4o aos estudantes matriculados em instituições privadas de ensino superior e de educação profissional técnica de nível médio, nas formas e modalidades definidas em ato do Ministro de Estado da Educação (BRASIL, 2013).

No que tange o aporte desses recursos, o trabalho de Melo (2015) que trata justamente da perspectiva da expansão e privatização da Educação Profissional no Brasil, com foco no Pronatec, nos apresenta importantes dados extraídos do Relatório Anual de Contas/2013 pela Controladoria Geral da União (CGU) na Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação (SETEC/MEC):

As transferências de 2011 a 2014 às instituições ofertantes do Pronatec somam 6.455.688.267,27 bilhões de reais. Desse montante, 1. 737.627.276,95 destinam-se a esfera pública e 4.718.060.990,32 à esfera privada, ou seja, 73% do recurso designado ao Pronatec está direcionado ao capital privado, e apenas 27% enviado à oferta pública (MELO, 2015, p.102).

Para cumprir sua finalidade, o Pronatec reuniu iniciativas que vinham sendo desenvolvidas pelo MEC, através de ações organizadas pelos Institutos Federais e pelo Sistema “S”, para a expansão da oferta de cursos de educação profissional, entre elas se encontram: I) Acordo de Gratuidade com o Sistema “S” (Senai, Senac, Senar, Senat e Sebrae); II) Brasil Profissionalizado; III) Fortalecimento e Expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica; IV) Rede e-Tec. Entre as novas iniciativas criadas, encontra-se: I) o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES) Técnico e Empresa; e o II) Bolsa Formação, que utiliza a

capacidade das instituições de educação profissional, ampliando de forma significativa a oferta de cursos técnicos.

Conforme Cassiolato e Garcia (2014), o programa é parte de uma estratégia de desenvolvimento, em escala nacional, constituindo-se como instrumento de fomento ao desenvolvimento profissional, de inclusão social e produtiva, bem como de promoção da cidadania. Com base nesses dados, é possível compreender a importância do Pronatec para a reprodução do capital em uma de suas dimensões, que é a do financiamento e a face da privatização da Educação Profissional que se torna bem distinta daquela iniciada nos anos 1990. Pois, se, naquele período, a reprodução do capital exigia que o governo abrisse mão de atividades econômicas e direitos, para que estes fossem explorados na forma de serviço pelo capital, agora este, dada a agudização das suas crises, necessita também de financiamento direto por parte do governo, para garantir o consumo e a lucratividade (MELO, 2015).

Ao observarmos o aporte de recursos públicos do Pronatec, percebe-se outra questão central, no cerne da disputa por hegemonia e dominação na sociedade, que foi a aprovação do PNE 2014-2024, que teve como centralidade o acirramento dos seus debates sobre a ampliação do montante do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro para educação. Até então, vinha sendo construída, junto à sociedade, uma proposta de destinação de 10% do PIB para a educação pública, enquanto o campo hegemônico defendeu, até a sua vitória legislativa, a supressão do termo público, possibilitando o investimento destes recursos públicos na esfera privada (MELO, 2015).

A análise do Plano Nacional de Educação (PNE) cumpre uma importante etapa da avaliação política do Pronatec, por ser aquele que segundo Cotta (1998) implica na análise da relação entre a política e o Plano, enquanto intervenções públicas, uma vez que, estas não existem de forma isolada. Ainda sobre o PNE 2014-2024, é importante destacar que dentre as estratégias o PNE vigente estão as estratégias 8.4, e a 11.7, que tratam de:

8.4) expandir a oferta gratuita de educação profissional técnica por parte das entidades privadas de serviço social e de formação profissional vinculadas ao sistema sindical, de forma concomitante ao ensino ofertado na rede escolar pública, para os segmentos populacionais considerados; [...] 11.7) expandir a oferta de financiamento estudantil à educação profissional técnica de nível médio oferecida em instituições privadas de educação superior (BRASIL, 2014).

Nesse sentido, situando o Pronatec enquanto programa parte do PNE, apesar da sua aprovação e execução ser anterior à vigência deste último, cumpre um papel central para a reprodução e ampliação do capital, qual seja, a privatização mascarada da educação profissional brasileira, pela transferência de recursos públicos para a esfera privada. Mas, este é apenas um

dos objetivos (agenda) implícitos do programa, pois é possível, ainda, identificar outros (BRASIL, 2014).

Como já mencionado, o Pronatec foi estabelecido pelo governo federal por meio da Lei nº 12.513, de 26 de outubro de 2011, com o objetivo de ampliar a oferta de cursos de educação profissional e tecnológica, democratizando o acesso a essa modalidade de ensino. Seu principal objetivo é o de expandir, interiorizar e democratizar a oferta de cursos de educação profissional, aumentando assim, as oportunidades dos trabalhadores egressos e por consequência, a renda e a qualidade de vida dessas pessoas (CASSIOLATO; GARCIA, 2014).

Em relação aos cursos, a Portaria do MEC nº 168, de 7 de março de 2013, regulamentou a Bolsa Formação<sup>3</sup> e constitui a oferta gratuita de cursos técnicos e cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC) presenciais, custeados com recursos repassados pelo MEC à instituições de ensino de educação profissional do país. As instituições credenciadas fazem parte do Sistema “S” que tem sido um dos maiores ofertantes do Pronatec (BRASIL. Portaria MEC nº 168, de 7 de março de 2013). Os cursos oferecidos se dividem em dois tipos: 1) cursos técnicos de maior duração, de um ano e meio a dois anos de extensão, com carga horária igual ou superior a 800 horas, que são destinados aos alunos regularmente matriculados no ensino médio público; e 2) Cursos FIC, de formação/qualificação, inicial e continuada, profissional de curta duração, que vão de dois a seis meses, com carga horária mínima de 160 horas, nos quais já se matricularam mais de 3,1 milhões de estudantes.

O Guia Pronatec de Cursos FIC é o documento que relaciona os cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC) ou qualificação profissional e orienta a oferta no âmbito do Pronatec/Bolsa Formação, conforme dispõe a Lei nº 12.513, de 26 de outubro de 2011, em seu artigo 5º, parágrafo 1º. Os cursos contam com carga horária de, no mínimo, 160 horas e são organizados em 12 eixos tecnológicos. A primeira versão do Guia, elaborada pela SETEC, foi aprovada pela Portaria nº 1.568, de 3 de novembro de 2011, com 442 cursos. A 2ª edição foi apresentada pela Portaria nº 1.232, de 5 de outubro de 2012, com 515 cursos. A terceira edição, publicada pela Portaria nº 899, de 20 de setembro de 2013, contém 657 cursos, incluindo o aditivo válido a partir de abril de 2014. Quanto à oferta dos cursos do Pronatec, segundo o guia de cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC) e o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos, que são documentos que referenciam a oferta de tais cursos, tivemos para 2014 o seguinte panorama: 220 opções de cursos técnicos, que apresentam em média carga horária de 1200

---

<sup>3</sup> A bolsa formação do Pronatec se dá pela oferta de cursos de educação profissional técnica de nível médio e de formação inicial e continuada (Bolsa Formação Estudante e Bolsa Formação Trabalhador respectivamente), sendo custeados pelo Governo Federal.

horas e 646 cursos de Formação Inicial Continuada, os quais têm carga horária de 160 horas, em sua maioria. (BRASIL, 2013).

Com o intuito de melhorar e aprimorar as informações contidas no Guia Pronatec de Cursos FIC 2016, nesta edição, os cursos foram resumidos em 646, com a carga horária mínima exigida. O perfil de conclusão e os requisitos para acesso e as respectivas ocupações foram organizadas e resumidas de acordo com a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), distribuídos em doze eixos tecnológicos. Os doze eixos tecnológicos estão divididos da seguinte maneira: Ambiente e Saúde; Controle e Processos Industriais; Desenvolvimento Educacional e Social; Gestão e Negócios; Informação e Comunicação; Infraestrutura; Produção Alimentícia; Produção Cultural e Design; Produção Industrial; Recursos Naturais; Segurança; Turismo, Hospitalidade e Lazer. O curso de Agricultor Familiar está inserido no eixo tecnológico de Recursos Naturais junto com outros 60 cursos oferecidos.

De acordo com Andriola (2014), o sistema educacional está em dinâmica e contínua interação com o contexto social em que está posto, dessa forma, nada é mais expressivo que a investigação das repercussões sociais das atividades de uma instituição de ensino. Essa avaliação pode acontecer através do acompanhamento sistemático dos egressos, mapeando opiniões, atitudes e crenças acerca da instituição e da sociedade. A rede federal de Educação Profissional e Técnica, ampliada e fortalecida a partir do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) de 2007 e pela lei federal 11.892/2008, recebeu, entre os muitos parceiros, a atribuição de operacionalizar o Pronatec em determinadas localidades, dada sua capilaridade de estar presente em todo o território nacional. Assim, a nova rede federal de educação profissional e técnica alcançaria cidades que os parceiros privados não conseguiam, permitindo uma melhor operacionalização do programa (MAGALHÃES e CASTIONI, 2019).

Segundo Moura (2013), há um movimento contraditório de um governo que apresentava alguns avanços na sua proposta educacional, inclusive na educação profissional, como por exemplo, na perspectiva de aproximar essa oferta da elevação de escolaridade. Isso se confirma com a centralidade do Pronatec como política de Educação Profissional em nosso país e sua predominância em cursos FIC o que faz perder de vista a perspectiva de avanço de escolaridade. Melo (2015) em sua pesquisa que a dimensiona a oferta dos cursos FIC no universo da oferta geral do Pronatec, ao partir de dados do próprio MEC: “[...] dos mais de 8 milhões de matrículas já realizadas pelo Pronatec, cerca de 30% foram realizadas em cursos técnicos e o restante em curso de formação inicial e continuada” (MELO, 2015). Silva, Souza e Moura (2016) apontam que essa materialização do Pronatec, com base nos cursos de Formação Inicial Continuada

(FIC) se contrapõe às demandas históricas da classe trabalhadora brasileira, ampliando a dualidade histórica de nossa educação:

[...] observa-se que a proposta da chamada democratização da educação profissional via Pronatec se assenta em ações que têm bases históricas direcionadas para o oferecimento de um modelo que retoma e reforça a dualidade estrutural da educação. Isso quer dizer que a ampliação da educação profissional proposta no Pronatec, principalmente no que concerne aos cursos de qualificação profissional desarticulados da elevação da escolaridade, caminha num sentido oposto ao que classe trabalhadora brasileira organizada anseia há bastante tempo. Daí evidenciar o atendimento aos segmentos hegemônicos da sociedade brasileira, ou seja, aos grandes empresários (SILVA; SOUZA; MOURA, 2016, p. 157).

Esse programa se constitui numa involução por sua concepção de formação diretamente voltada apenas para o mercado de trabalho. Isso ocorre com o oferecimento de cursos rápidos, totalmente voltados para o desenvolvimento de habilidades objetivas e limitadas, que visam qualificar profissionais para serem contratados com vínculos temporários. Esses cursos são predominantemente ofertados em instituições privadas de educação (SILVA; SOUZA; MOURA, 2016).

Por fim, o Pronatec é, portanto, um dos mais relevantes programas do governo federal, que busca proporcionar uma educação profissional com a maior abrangência possível, entre cursos de pequena e longa duração, nos centros urbanos ou no campo.

### **3.3 Aplicação das avaliações de políticas públicas do Pronatec**

Considerando importante destacar a aplicação da avaliação de políticas públicas de educação do Pronatec e correlatos, por parte da academia, apresentamos a seguir, as principais informações de importantes trabalhos científicos (artigos, dissertações e teses), que trataram do tema, desde que o programa foi criado em 2011.

#### **3.3.1 Souza (2015)**

A dissertação de Souza (2015), intitulada “Educação Profissional e Tecnológica: análise do Pronatec no Campus de Paraíso do Tocantins do IFTO.” teve como objetivo analisar a política pública do Pronatec, executada pelo Campus de Paraíso do Tocantins do Instituto Federal do Tocantins (IFTO), nos anos de 2012 e 2013, quanto aos resultados na vida profissional, educacional e social de seus egressos. Para realizar esta pesquisa, o autor usou como percurso metodológico a investigação dentro de uma abordagem tanto quantitativa como

qualitativa para ter um melhor entendimento do fenômeno em estudo, tendo em vista que, na pesquisa social, o interesse está na maneira como as pessoas se expressam e como elas se posicionam diante de suas próprias ações. O autor realizou sua pesquisa com os egressos do Pronatec, dos cursos de Formação Inicial Continuada (FIC) dos anos de 2012 e 2013, desta instituição, por fazer parte do quadro de funcionários e por estar perto dos egressos dos cursos ofertados. Na coleta de dados o autor utilizou-se de um questionário com perguntas abertas e fechadas, direcionadas aos objetivos específicos que sustentaram os eixos norteadores da pesquisa, que foram: aspecto profissional, educacional e social dos egressos do Pronatec.

O modelo do instrumento utilizado na pesquisa foi o roteiro da entrevista de Rippel (2007), em um estudo sobre a avaliação de uma política de correção de fluxo na cidade de Toledo, no Paraná, com a utilização de entrevistas semiestruturadas. Na pesquisa foram utilizadas algumas questões fechadas deste estudo dentro de cada eixo norteador, porém notamos que algumas questões foram adaptadas para a forma de questionário, facilitando o entendimento. Já em relação aos resultados alcançados, Souza (2015) chega a preocupantes informações. Os dados obtidos mostram que, na variável trabalho, os resultados são frágeis: temos 58% de desempregados e os 42% do restante destes egressos estavam se ocupando em empregos com baixos salários e em posições informais no mercado de trabalho, no período pesquisado.

Nas entrevistas realizadas, em todas as oportunidades, os alunos egressos de todos os cursos e categorias argumentaram que a expectativa maior antes da realização dos cursos era a de conseguirem um emprego, mesmo estes reconhecendo que o mercado de trabalho no município era escasso. Nesta pesquisa, nota-se que os jovens egressos dos cursos têm em média 19 anos, e que estes estão preocupados mesmo é com a inserção no mercado de trabalho e não em dar continuidade nos estudos. De acordo com os dados pesquisados por Souza (2015), independentemente de 42% estarem ocupados, não se viu qualquer outra evidência que confirmasse o aumento da renda após o curso. A renda dos que estão trabalhando parece ser natural pela idade dos que procuram uma oportunidade e, por isso, parece não sofrer influência direta do curso. Para o autor, o Pronatec não levou melhores condições sociais e nem profissionais para os egressos. Segundo ele, não há evidências de melhoria na renda e o emprego não é uma realidade para os egressos. O autor observou uma ausência de renda e uma baixa renda, com falta de emprego e empregos precários. De acordo com os resultados da pesquisa, o autor acredita que as possíveis causas para este quadro são mais amplas e complexas. (SOUZA, 2015)

### 3.3.2 Ananias (2015)

Ainda sobre as avaliações do Pronatec, o autor Ananias (2015) em sua dissertação cujo título é “O significado do curso do Pronatec e a inserção no mercado de trabalho do jovem egresso do programa” buscou analisar os impactos efetivos do Pronatec na vida e na inserção dos jovens no mercado de trabalho no município de Santa Maria - RS. O autor utiliza como metodologia de trabalho a pesquisa quanti/qualitativa, através da análise de 415 fichas de matrícula de jovens egressos de cinco cursos de formação inicial continuada do Pronatec de uma instituição do sistema S, procurando registrar informações a respeito da contribuição do curso para os egressos. Nestas fichas foram apontadas informações quanto ao sexo, estado civil, etnia, escolaridade e, um dos principais itens a ser pesquisado: a situação ocupacional destes jovens.

Para aprofundar as informações requeridas, o autor realizou entrevistas com 10 jovens egressos. Nestas entrevistas, o pesquisador iniciou as discussões e sua abordagem conversando sobre juventude, educação, oportunidade de trabalho, e principalmente os pontos fortes e fracos do curso ofertado pelo Pronatec e sua real contribuição em relação à qualificação profissional destes jovens (ANANIAS, 2015). O autor realizou um estudo de caso por ter a necessidade de compreender e observar o curso que para ele representa um determinado contexto em uma determinada população. O autor tratou este objeto de pesquisa como uma representação singular da realidade, que se representa em caso particular e que pode ser representativo.

Os jovens foram convidados aleatoriamente para a entrevista. Os dados foram obtidos junto aos jovens egressos através de suas falas, com base em um roteiro elaborado e em consonância com o interesse da pesquisa. Após a coleta das informações, o autor procedeu à análise de conteúdo (ANANIAS, 2015). Realizada a análise, o pesquisador relatou os resultados, com os seguintes dados: em relação ao item sexo, os alunos são compostos por 50,6% de homens e 49,4% de mulheres; quanto estado civil, 87,9% dos jovens se declararam solteiros; quanto à etnia, 83,86% declaram-se brancos, apenas 9,16% declaram-se negros e 6,99% pardos. Neste item da pesquisa, etnia, houve discrepância em relação ao pesquisador Abramo (2009) e a Pesquisa Nacional Sobre Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros (BRASIL, 2013). Nestas duas pesquisas, os jovens, em sua maioria, se declararam pardos. E em relação à escolaridade, o autor observou que a maioria dos jovens que procuram o Pronatec, ao menos iniciaram o Ensino Médio. E na parte mais importante para ele, a situação ocupacional, a pesquisa demonstrou que, em sua maioria, 72,30% dos jovens não estavam inseridos no mercado de trabalho, estes se declarando desempregados ou à procura do primeiro emprego.

O pesquisador destacou a importância do acesso à capacitação em áreas como comércio, indústrias, setor de transporte, entre outras áreas. Segundo ele, os jovens estavam realmente muito interessados no aprendizado. No entanto, foi destacado que a execução do programa por instituições do Sistema S é alvo de críticas por facilitar repasses de verbas públicas às instituições privadas (ANANIAS, 2015). Segundo o pesquisador, a rede federal poderia ofertar de forma intensa o Pronatec, através de Escolas Técnicas e Institutos Federais, diminuindo assim o repasse dos recursos públicos às redes de lógica privada (ANANIAS, 2015).

E finalizando o autor dá enorme ênfase ao relato dos jovens sobre os cursos ofertados em Santa Maria. Segundo eles, esses cursos, muitas vezes, não estão de acordo com as exigências locais. Também foi observado que, para cada jovem empregado após o curso, havia dois desempregados. Isso mostra o quanto a continuidade de cursos e estudos é importante para a inserção dos jovens e outros trabalhadores no mercado de trabalho (ANANIAS, 2015).

O pesquisador deixa claro uma crítica a respeito da dificuldade em encontrar os jovens egressos, e deixa uma reclamação de que houve uma grande dificuldade para localizar os jovens para a realização desta pesquisa, que partiu de um universo de 415 fichas de matrículas do ano de 2013, mas que foram encontrados somente treze jovens e, destes, somente oito resolveram participar e contribuir com a pesquisa. Isso mostrou um completo descuido com a vida pós-curso, por parte da empresa responsável que pertence ao sistema S. Para o autor, o que ficou claro além do descuido foi a pergunta: O que estão fazendo estes 405 jovens hoje? E onde eles estão?

### 3.3.3 De Souza (2016)

De Souza (2016) relata em sua dissertação, “Avaliação da efetividade dos principais cursos FIC Pronatec do Instituto Federal de Santa Catarina: *Benchmarking* com cursos técnicos de longa duração”, que o seu objetivo era avaliar a efetividade dos principais cursos de curta duração do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), por meio de um *benchmarking*<sup>4</sup> com os cursos técnicos de longa duração da região sul do Brasil, em específico. O autor comparou a qualidade entre os cursos de curta e longa duração e a situação dos seus egressos quanto à empregabilidade e continuidade dos estudos. Neste trabalho foi utilizada a metodologia de

---

<sup>4</sup> Processo de contínuo mensuração e comparação em relação a outras organizações, situadas em qualquer lugar do mundo, para se obter informações sobre filosofias, políticas, práticas e medidas que ajudarão uma organização a agir para melhorar sua performance.

pesquisa do tipo exploratória e descritiva, que busca maior familiaridade com o tema proposto, descrevendo as características de determinada população ou fenômeno. O levantamento realizado teve uma abordagem quantitativa, utilizando a estatística descritiva, o Teste do Qui-Quadrado e o Teste U de *Mann-Whitney*. Para a análise dos dados qualitativos, a autora utilizou como método a análise de conteúdo. (DE SOUZA, 2016).

Com este trabalho a autora obteve os seguintes resultados: as porcentagens dos egressos dos cursos de curta ou longa duração, empregados, foram iguais. Porém, nos cursos de longa duração ofertados pelo Pronatec, o número de egressos que trabalham na área de formação foi maior. E os egressos dos cursos de longa duração demonstraram uma maior confiabilidade, esforçando-se mais para encontrar trabalho, com isso, aproveitando oportunidades e empregos em diferentes regiões do Brasil (DE SOUZA, 2016).

Com relação à continuação dos estudos, De Souza (2016), percebeu que os egressos dos cursos de longa duração mostraram uma maior vontade para uma continuidade. Esses egressos investiram em cursos de nível superior, e a maior parte dos egressos dos cursos de curta duração buscaram outros cursos técnicos de nível médio. Mas, de modo geral, a pesquisa mostra que a avaliação quanto à qualidade dos cursos, pelos diferentes egressos analisados, em sua maioria, está entre boa e ótima.

#### 3.3.4 Castro (2017)

Castro (2017) em sua dissertação com o título “Avaliação do modelo formativo do Pronatec: aspectos da inserção educacional e produtiva dos egressos dos cursos de qualificação profissional do Instituto Federal do Ceará - (IFCE)” tem como objetivo principal do trabalho a concepção formativa do Pronatec, analisando o processo de inserção social e profissional do público beneficiário. Nesta pesquisa de Castro (2017) é adotada uma metodologia de estudo de caso, o modelo de investigação mais propício quando queremos saber o motivo de determinados eventos nos quais não exercemos nenhum controle. O local pesquisado foi o campus Fortaleza do IFCE e se deu pelo destaque na execução da Bolsa-Formação, sobretudo no que diz respeito ao quantitativo de pessoas que receberam uma formação profissional. A escolha deste local ocorreu pela relação institucional que o pesquisador possui com essa unidade de ensino. Essa relação facilitou as condições técnicas e operacionais para a realização da pesquisa documental, bem como o acesso aos gestores institucionais locais, já que o pesquisador trabalha na instituição. Metodologicamente, esta pesquisa se propôs a privilegiar o entendimento das mudanças qualitativas da Bolsa-Formação/Pronatec. Sendo assim, a opção

por utilizar uma abordagem qualitativa visou verificar a relação da realidade com o objeto de estudo, no que tange a escolha dos procedimentos e técnicas dessa pesquisa social. A investigação ocorreu através da análise bibliográfica, documental e empírica das atividades da Bolsa-Formação no Instituto Federal do Ceará e de algumas particularidades dos indivíduos pesquisados. Inicialmente, sua meta era entrevistar dezenove egressos, porque era este o número de cursos FIC ofertados pelo IFCE - campus Fortaleza. Foram aplicados questionários, tendo como participantes trinta e cinco egressos dos cursos. O trecho a seguir, extraído da dissertação acima mencionada, sintetiza os resultados da pesquisa exposta pelo autor:

Ao que tudo indica, ao enfatizar a oferta de cursos de curta duração, a Bolsa-Formação esteve sujeita às demandas restritas dos postos de trabalho que são criados e fechados de acordo com os interesses do mercado, desprezando a proposta de uma educação capaz de integrar formação básica e técnica. Essa iniciativa buscou apoiar-se na concepção de urgência na formação de mão de obra e de linearidade entre formação e inserção no mercado de trabalho (CASTRO, 2017, Pág. 34).

Contudo, essa investigação teve, precisamente, a pretensão de avaliar se a concepção formativa dos cursos de qualificação profissional da Bolsa-Formação/Pronatec, ofertados no Instituto Federal do Ceará – campus Fortaleza, correspondeu de forma qualitativa à proposta de inserção social e produtiva do público beneficiário. E segundo o autor, essas transformações na economia e no processo produtivo influenciam a demanda por qualificação profissional de qualidade, indicando ao Estado a necessidade de promover políticas e programas de qualificação profissional, a exemplo do Pronatec.

### 3.3.5 Santos (2018)

A dissertação de Santos (2018), intitulada “Avaliação participativa de resultados sociais do Pronatec Campo” teve por objetivo avaliar o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego no Campo (Pronatec Campo), com enfoque na qualidade social dessa oferta educacional e no atendimento à especificidade e diversidade da Educação do Campo no Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), especificamente no Campus Canguaretama. Tendo como método de pesquisa uma abordagem qualitativa, para a explicação da realidade encontrada na pesquisa, o autor utilizou e aproximou-se do materialismo-histórico e dialético, que compreende a investigação científica como um caminho que parte da análise do concreto da realidade dada, enquanto fenômeno, ou representação caótica de um todo para assim, segundo o autor, chegarmos a determinações mais simples, indo de encontro ao ponto

da partida, após uma totalidade concreta e rica de determinações. Indo da aparência à essência do objeto pesquisado (SANTOS, 2018).

Nesta pesquisa, o autor observou que a carga-horária utilizada foi muito reduzida, o que impossibilitou aos sujeitos um quantitativo de aulas práticas mais apropriadas, e que a falta de tempo para a preparação dessas aulas – ou da aquisição do material para preparação de uma horta – bem como na ausência de disciplinas que favorecessem uma participação mais prática sobre as possibilidades de uso daqueles conhecimentos após o curso, impossibilitaram o alcance ou a aproximação do padrão necessário estabelecido pelo curso (SANTOS, 2018).

O autor ainda observou que houve perda de qualidade desejada, no âmbito social, ocasionada pelo fato de a equipe profissional responsável pelo acompanhamento desses alunos ser bastante reduzida e pela disparidade entre a quantidade de profissionais em relação ao tamanho das turmas (SANTOS, 2018).

### 3.3.6 Nascimento (2019)

Seguindo na análise de trabalhos sobre avaliações de Políticas Públicas na educação com foco no Pronatec, temos a autora Nascimento (2019) que em sua dissertação com título “A formação profissional e empregabilidade dos egressos do Pronatec: análise do caso IFPI” avalia o impacto do programa em estudo sobre o público-alvo, na perspectiva do usuário, utilizando o Instituto Federal do Piauí (IFPI) Campus Teresina Central como estudo de caso. Nesta dissertação a autora Nascimento (2019) buscou estudar e responder os seguintes problemas: “os cursos do Pronatec contribuíram para a empregabilidade de egressos? A qualificação profissional via Pronatec proporcionou alguma mudança na vida desses egressos?” (NASCIMENTO, 2019). Uma hipótese apresentada pela autora foi que a formação profissional auxilia na inserção das pessoas no mercado de trabalho.

Para atingir os objetivos da pesquisa, a autora usou como metodologia operacional um estudo de caso, analisado a partir da abordagem qualitativa, utilizando-se das técnicas de entrevistas em profundidade individuais, aplicadas de forma presencial, juntamente com uma análise documental do tipo análise de conteúdo para a coleta e tratamento dos dados. Com esta abordagem a autora pôde alcançar uma maior profundidade na interpretação de dados, preocupando-se com os aspectos numéricos e não-numéricos da avaliação do Pronatec, a partir da percepção dos egressos. Conforme descrito pela pesquisadora, seus objetivos se constituíram

numa pesquisa explicativa, pois buscou reconhecer elementos que determinam ou favorecem a ocorrência do evento observado.

Em relação aos resultados alcançados em sua pesquisa de campo, Nascimento (2019) obtém, através da compreensão dos resultados empíricos, que o Pronatec atingiu seu propósito de oportunizar emprego, tendo em vista que a maior parte dos egressos está trabalhando, sugerindo então uma grande absorção pelo mercado. Porém, levando em consideração a dimensão correspondente do trabalho, função exercida em relação ao curso concluído, pouco mais da metade dos egressos estavam vinculados ao curso oferecido pelo Pronatec. E em relação à dimensão do tipo de trabalho, aproximadamente metade destes egressos estavam trabalhando em empregos informais.

### 3.3.7 Fonseca e Ferreira (2019)

Já a pesquisa para o artigo de Fonseca e Ferreira (2019) cujo título é “Pronatec-FIC: uma avaliação da eficiência, eficácia e da efetividade dos cursos oferecidos pelo programa” tinha por objetivo fazer uma avaliação *ex post* ou avaliação de resultados da política pública do Pronatec, tendo como foco os cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC). Este autor opta em seu trabalho por verificar as fases dos ciclos das políticas públicas, a agenda, a implementação e a avaliação, com o foco na avaliação, tendo como interesse também, os critérios da eficiência, da eficácia e da efetividade destes cursos oferecidos por FIC. Os autores usaram como metodologia a pesquisa qualitativa, exploratória, descritiva e documental. Também foi utilizada uma revisão bibliográfica em alguns autores, nas legislações e sites pertinentes ao tema como uso de fontes primárias e secundárias, e os resultados alcançados acabaram por confirmar a hipótese levantada com relação aos benefícios não contemplados pelo programa. Na hipótese de pesquisa, os autores supõem que os tais critérios propostos por essa política pública, intitulada Pronatec, no que diz respeito às satisfações das necessidades dos trabalhadores e da sociedade, tiveram efetividade (FONSECA E FERREIRA, 2019).

Em relação à eficiência ou à rentabilidade econômica esperada com o programa, considerando a relação entre os custos desembolsados, os resultados são desconhecidos, pelo fato de o governo não ter apresentado, de forma clara, nenhuma avaliação real e efetiva do programa nos meios de comunicação oficiais ou extraoficiais, o que demandou muitas críticas (FONSECA E FERREIRA, 2019). Enquanto que, o critério da eficácia, que consiste no grau em que os objetivos e metas foram alcançados no programa, também se mostrou irrelevante do ponto de vista de seus resultados. Segundo os autores, a transferência de recursos foi maior para

a iniciativa privada, em detrimento do público (FONSECA E FERREIRA, 2019). E quanto à efetividade, os resultados também não foram alcançados no que se refere aos benefícios gerados para a população, por meio da educação profissional, sobretudo, para os principais destinatários: a classe trabalhadora e os desocupados desprovidos de atividades laborais.

Diante do exposto pelos autores da pesquisa Fonseca e Ferreira (2019), entende-se, em vista disso, como resultado da pesquisa avaliativa, que o Pronatec FIC não atendeu aos critérios da eficiência, da eficácia e tampouco da efetividade, pelos motivos acima elencados, entre outras variáveis não citadas pelos autores.

## 4 ITINERÁRIOS DOS PROCESSOS METODOLÓGICOS

O objetivo deste capítulo é proporcionar uma visão detalhada do percurso metodológico seguido nesta dissertação. Entre outras informações, constam os sujeitos que foram convidados a participar, os critérios para inclusão destes, os instrumentos, os procedimentos adotados e como se deu a coleta e o tratamento dos dados. A construção do método para se chegar aos objetivos propostos, fundamenta-se na base norteadora da pesquisa, que é: a contribuição do curso FIC do Pronatec, Agricultor Familiar, para seus egressos.

### 4.1 Abordagens

O objeto da pesquisa foi os alunos/egressos do curso Agricultor Familiar ofertado na modalidade de Formação Inicial Continuada (FIC), no âmbito da Rede e-Tec/Pronatec. A modalidade do curso é educação profissional. A carga horária do curso foi de 200 horas e o período para integralização foi de três meses. O curso foi sediado pelo Campus Porto Nacional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - IFTO e oferecido aos agricultores dentro do reassentamento São Francisco de Assis na Escola Municipal Antonio Benedito Borges.

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, que se aproxima mais da subjetividade e da complexidade, no entanto não permite a generalização (BARDIN, 2011; FLICK, 2009; MINAYO, 1996; YIN, 2001). Gil (2002, p. 133) destaca que:

A análise qualitativa depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação. Pode-se, no entanto, definir esse processo como uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório (grifo nosso).

Assim, o foco do método está sob a qualificação do que foi pesquisado, de maneira a interpretar os dados e demonstrar seus efeitos sob o objeto do estudo. Trata-se também de uma pesquisa descritiva, considerando o nosso interesse em descrever o fato ou o fenômeno. Para Gil (2008, p. 28), a pesquisa descritiva tem como objetivo descrever: “características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis [...] visam descobrir a existência de associação entre variáveis [...] pretendendo determinar a natureza dessa relação”, o que a faz se aproximar bastante da pesquisa explicativa.

É comum, neste tipo de pesquisa, se utilizarem questionários ou entrevistas como técnica de coleta de dados. A pesquisa descritiva expõe características de determinada

população ou fenômeno, mas “não tem o compromisso de explicar os fenômenos que descreve, embora sirva de base para tal explicação” (VERGARA, 2000, p. 47).

Gil (2008, p. 28-29) propõe também que:

algumas pesquisas descritivas vão além da simples identificação da existência de relações entre variáveis, e pretendem determinar a natureza dessa relação [...] têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Este é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas.

Esta pesquisa compreende também um estudo de caso, posto que se propõe estudar o Curso Agricultor Familiar ofertado pelo FIC do Pronatec em duas oportunidades, uma no ano de 2013 e outra no ano de 2014, oferecido pelo IFTO, campus Porto Nacional, no reassentamento São Francisco de Assis em Porto Nacional - TO. Não é uma técnica específica, mas um método de olhar para uma realidade local, um meio de organizar dados locais preservando o caráter unitário do objeto estudado. “O ‘caso’ pode ser algum evento ou entidade que é menos definido do que um único indivíduo. Já se realizaram estudos de caso sobre decisões, sobre programas de vários tipos [...]” (YIN, 2001).

## **4.2 Coleta de dados**

Na consecução dos objetivos e das metodologias de abordagens ora escolhidas, se tentou, primeiramente, estabelecer como método de coleta de dados um grupo focal combinado com história oral. A metodologia de grupo focal que se tentou aplicar se sustentava em Minayo (1992) e Borges e Dos Santos (2005). O grupo focal se fundamenta na capacidade social de formar opiniões e atitudes na interação com outros indivíduos. É uma técnica que, desde os anos 1980, vem sendo utilizada na avaliação de programas sociais, o que nos chama mais a atenção ainda para sua utilização em pesquisas qualitativas.

Para a aplicação das entrevistas, foram seguidos os preceitos da história oral, que como método se traduz na tentativa de que o grupo de entrevistados possa interagir no mesmo ambiente, por meio de suas vivências e memórias e intermediado pelo pesquisador, com o intuito de construir o que Le Goff (1984) chamava de documento monumento, trazendo à tona uma metodologia qualitativa de pesquisa voltada para o estudo do tempo presente e baseada na voz de testemunhas. Como se trata de um trabalho com fontes orais, posto que a intencionalidade é latente no testemunho, o qual é criado primeiramente pelo pesquisador que incita o entrevistado a falar sobre um tema específico, abordado para um fim ainda mais específico e delimitado. Depois, pelo entrevistado que criará uma narrativa racional e

intencional sobre os aspectos que lhe forem interrogados, reorganizando racionalmente seu passado (CERTEAU, 1982; LANG, 2001; ALBERTI, 2005).

Foram selecionados 12 egressos que aceitaram participar da pesquisa, por meio de uma amostragem não probabilística, do tipo por julgamento, que é aquela onde a seleção dos elementos da população para compor a amostra depende, ao menos em parte, do julgamento do pesquisador ou do entrevistador em campo (MATTAR, 1996). Utilizou-se como critérios de escolha de participantes da investigação, a participação do aluno nos dois anos do curso Agricultor Familiar. Outro critério utilizado, para a inclusão dos alunos na pesquisa, foi o de estarem interessados em participar voluntariamente e assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Ficaram excluídos da pesquisa, portanto, os estudantes que não estavam cadastrados nos dois cursos e os sujeitos que não tiveram interesse em participar.

Algumas interferências impossibilitaram uma aplicação exata da metodologia. Tentou-se reunir o grupo focal em concordância com a história oral, pela primeira vez, no dia 25 de junho de 2019, na Escola Municipal Antonio Benedito Borges, no próprio reassentamento. Porém, somente quatro alunos egressos compareceram. Houve uma segunda tentativa no mesmo local, no dia 06 de agosto de 2019, no qual compareceram apenas três. Na terceira tentativa - no dia 10 de setembro de 2019, na casa de um dos selecionados - apareceram sete. Porém, com estes não foi possível sequer desenvolver o roteiro anteriormente preparado, pois houve celeumas entre os participantes e a preponderância de dois deles, fazendo com que as perguntas não fossem respondidas pelos demais. Além disso, parte do grupo abandonou o local, em virtude do desconforto com a situação, o que inviabilizou a aplicação do instrumento, mesmo após algumas tentativas.

Em razão disto, migrou-se para a aplicação de entrevista semiestruturada (roteiro e entrevistas transcritas na íntegra, em apêndice) individualizada, aplicada entre os meses de setembro e novembro de 2019, no próprio reassentamento, por meio de visita de campo. Dos doze indivíduos inicialmente aptos, apenas sete efetivamente participaram das entrevistas. Os demais ficaram impossibilitados, devido a diversas indisponibilidades relatadas *a priori* e *a posteriori*. De tal forma que, ao final, se estabilizou no seguinte perfil: 02 (homens) e 05 (mulheres), com idade entre 23 e 62 anos, com formação variando entre o ensino fundamental incompleto e o superior completo, conforme pode ser visto no Quadro 1 abaixo.

**Quadro 1 - Perfil dos entrevistados**

Nº.	ENTREVISTADOS <sup>1</sup>	IDADE <sup>2</sup>	FORMAÇÃO	TEMPO NO ASSENTAMENTO <sup>2</sup>	ASSISTÊNCIA TÉCNICA <sup>3</sup>
1	ALBETIZA	23	ENSINO MÉDIO	18	SIM
2	BERNADETE	24	ENSINO MÉDIO	10	NÃO
3	KARLA	52	ALFABETIZADA	18	
4	JOANA	39	ENSINO MÉDIO	08	
5	MÁRIO	62	ALFABETIZADA	18	
6	PATRÍCIA	25	PEDAGOGA	18	
7	SAULO	23	ENSINO MÉDIO	18	

Fonte: Autor (2020). Notas: <sup>1</sup>Os nomes dos entrevistados são fictícios em respeito ao termo de confidencialidade da pesquisa. <sup>2</sup>Em anos. <sup>3</sup>Se o entrevistado recebeu dos governos federal, estadual ou municipal alguma assistência técnica ou formação ou curso no reassentamento (exceto o curso FIC do Pronatec).

### 4.3 Métodos de análise

Como método de análise utilizou-se a análise de conteúdo de Bardin (2011), consistindo em um conjunto de técnicas de investigação que, através de uma apresentação determinada, organizada, de conteúdo evidente nas comunicações, tem por propósito a interpretação das comunicações observadas e realizadas. A análise de conteúdo, atualmente, pode ser definida como um conjunto de instrumentos metodológicos, em constante aperfeiçoamento, que se presta a analisar diferentes fontes de conteúdos (verbais ou não-verbais).

A análise de conteúdo ora empregada se utilizou de uma categorização *a priori* em que categorias foram estabelecidas a partir da teoria, dos objetivos e das questões de pesquisa. Tratando-se de destacar a construção da validade e pertinência de sua aplicação, especialmente nesta análise qualitativa. Diferencia-se *a posteriori*, pois, na mesma, a construção das categorias que são estabelecidas a partir do próprio material (*corpus*), isto é, que ocorre ao longo do processo de exploração do material. Se utilizou neste intento, as principais regras (ou argumentos) em sua confecção que são: validade, exaustividade, homogeneidade, exclusividade e objetividade (MORAES, 1989; MINAYO, 1998; BARDIN, 2011).

A análise de conteúdo proposta obedeceu às três etapas comumente empregadas (MORAES, 1989; MINAYO, 1998; BARDIN, 2011). 1) Pré-análise: é uma fase de organização que estabelece os indicadores para a interpretação das informações coletadas, uma leitura geral do material para a análise, no caso a análise das entrevistas semiestruturadas, transcritas, que é a constituição do *corpus* para o trabalho, onde se explicitaram as direções para análise; 2)

Exploração do material: tratou-se da codificação e categorização, que é um ponto crucial da análise de conteúdo. Definiu-se, na codificação a Unidade de Registro, a regra de enumeração (como exemplos: presença ou ausência, frequência, intensidade, etc.) e a Unidade de Contexto, procedendo-se com a categorização baseada nos objetivos deste trabalho. Evitaram-se repetições de elementos, indicando só um registro por categoria. Destacou-se, dentro das respostas, a pertinência destas ao contexto e a pergunta. Buscaram-se, dentro deste material, os resultados mais férteis para a produtividade; 3) Tratamento dos resultados, inferência e interpretação: a partir do *corpus*, submetido à categorização proposta, os resultados foram ordenados pelos temas, no qual se aplicou a inferência qualitativa específica, na tentativa de responder ao problema deste trabalho e sua interpretação, em conjunto, decorrente da aglutinação das ocorrências de todos os temas.

Uma vez definidas as etapas, é importante descrever algumas definições prévias que balizaram o processo metodológico de análise. A Unidade de Registro (UR) foi estabelecida como sendo de natureza temática – uma afirmação a respeito de algo – como regra de enumeração, que é a forma de contagem. Tomou-se a presença do tema definido na categorização e como Unidade de Contexto (UC) se definiu o próprio instrumento de coleta de dados, a entrevista realizada.

Realizada a categorização de forma *a priori*, como o mais adequado ao alcance dos objetivos, em consonância com a UR estabelecida, encontram-se no Quadro 1 as categorias e temas utilizados como fundamento da análise e discussão dos resultados do capítulo posterior.

**Quadro 2 - Categorização**

<b>CATEGORIAS</b>	<b>TEMAS</b>	<b>DEFINIÇÃO</b>
1. Produção e manejo	1.1 Como era antes	A percepção a respeito de como era a questão produtiva anterior à realização do curso.
	1.2 Como é hoje	A percepção a respeito de como é a questão produtiva após a realização do curso.
	1.3 Houve melhorias	Se houve melhorias produtivas.
2. Dificuldades	2.1 Foco na prática	Se o curso focava em um binômio: teoria e prática.
	2.2 Dificuldades no curso	Dificuldades que os alunos sentiram para realização do curso.
	2.3 Escassez de apoio técnico	A percepção dos entrevistados a respeito da escassez de apoio técnico.
3. Utilidade e aprendizado	3.1 Qualidade de vida	Se houve melhorias na qualidade de vida e no crescimento pessoal após o curso.
	3.2 Achou o curso útil	Se o curso trouxe alguma utilidade.
	3.3 Avaliação positiva do curso	Se os participantes do curso avaliaram positivamente os cursos que fizeram.

Fonte: Autor (2020).

## **5 BENEFÍCIOS DO PRONATEC PARA OS PEQUENOS PRODUTORES RURAIS DO REASSENTAMENTO SÃO FRANCISCO**

Neste capítulo, através dos resultados da pesquisa de campo junto aos alunos egressos dos cursos FIC do Pronatec, residentes do reassentamento São Francisco de Assis -, da análise e das interpretações desses dados, observaremos se houve benefícios a estes pequenos agricultores rurais, após a realização dos referidos cursos.

### **5.1 O Processo produtivo**

Inicialmente, é importante ressaltar uma das características relativas aos entrevistados, apresentadas no capítulo anterior, no quadro 1: a deficiência de escolaridade. Essa condição é observada, principalmente, nos entrevistados com idades mais avançadas.

No quadro 3, é possível observar os resultados referentes ao tema 1.1, da análise das entrevistas, que trata da percepção dos entrevistados a respeito de como os processos produtivos eram desempenhados antes da participação deles nos cursos do Pronatec e de como são realizados hoje, após o curso. Conforme recomenda Bom Meihy (2005), para o tratamento das entrevistas, a fim de facilitar a leitura do texto e possibilitar uma melhor compreensão da narrativa, foram realizadas adequações às regras gramaticais vigentes e a supressão de partículas repetitivas, sem valor analítico, típicas do discurso oral.

### Quadro 3 - Como era antes

Categoria 1 - Produção e manejo
Tema 1.1 - Como era antes e como é hoje
<p><b>1. Albetiza:</b> Continuamos com a mesma coisa, mesmo depois do curso, nós aprendemos muitas coisas diferentes. Antes as coisas eram passadas de pai para filho. Eu mesma aprendi, com meu pai e minha mãe, a plantar, porque nos levaram cedo para roça. Eu aprendi a lidar com a terra assim, com meu pai e minha mãe. Mas agora eu aprendi muita coisa nova e um pouco diferente com o curso, sabe. Hoje, você tira o feijão para você consumir e vender e, ao mesmo tempo, você pode plantar o milho. Antes, não era assim. Esse ano mesmo, nós plantamos eles juntos, e antes nós não plantávamos assim. Tinha que ser um pedaço de uma coisa e um pedaço de outra, e assim ia. E a gente planta sem jogar veneno nenhum, agora.</p> <p>---</p> <p><b>2. Bernadete:</b> Eu plantava como o meu pai e o meu marido me ensinaram. Plantávamos hortaliças em geral, e algumas frutas: limão, laranja, acerola e jabuticaba, que vendo bastante na época dela e faço doce. E aprendi que antes faltava era um bom preparo da terra. Mas hoje temos até a criação de porco e galinha, porque tiramos algumas coisas da terra para esses animais. Melhorou bastante, porque, agora, sempre plantamos as hortas na época certa e de forma certa. Melhorei o que aprendi com meu pai e com meu marido. Até para plantar a mandioca melhorou. Hoje, fazemos rotação da terra. Num ano plantamos a mandioca, no outro o milho e depois o feijão. Então, temos três partes da chácara para isso hoje.</p> <p>---</p> <p><b>3. Karla:</b> É o mais comum mesmo... É a mandioca, o milho, o feijão e o cheiro verde. Só que produzia menos. Eu aprendi devagar a fazer horta com meu marido, porque quando ele ia trabalhar eu ficava em casa, cuidando das coisas. Aí, fui aprendendo, assim, com ele, até o curso chegar e melhorar algumas coisas. Teve um ensino muito bom. Olha, depois do curso, melhorou muita coisa aqui para nós plantarmos. Agora estamos com uma técnica melhor. A forma de plantar mudou, aprendemos com o professor. Aprendemos a melhorar o solo e a usar material mais natural no adubo, de forma simples. Nossa horta e frutas melhoraram.</p> <p>---</p> <p><b>4. Joana:</b> Eu fiz o curso para aprender, porque eu morava na cidade. Quando eu casei, vim morar aqui na chácara. Depois do curso, meu marido fez um canteiro para mim e fomos plantar. Antes, eu não sabia de nada, por isso fiz o curso. E o que eu planto hoje e cuido é a alface, a cebolinha e a couve. É mais para o consumo mesmo. Ah, tem a pimenta. Como eu não morava aqui, não sei como era antes. Mas meu marido me disse que, com o curso, muita coisa melhorou. Minha sogra também fez o curso e fala isso também, que melhorou e muito a forma de plantar. Eu aprendi no curso as etapas de plantar. Mas meu marido ficou satisfeito demais.</p> <p>---</p> <p><b>5. Mário:</b> Nós herdamos muito conhecimento. Meu pai que me ensinou. E ele aprendeu trabalhando de empregado na lavoura. E agora não, agora estamos com uma facilidade melhor, aprendemos até mais umas práticas de adubagem, que ajudam demais. Quando eu era jovem, não tinha esses cursos. É uma pena. Na minha época, plantávamos de qualquer jeito mesmo. Quando eu era jovem, aprendemos a usar o esterco, sofrendo, errando, queimando as plantas. Não sabíamos usar. Hoje, o curso ensinou isso e bem. Antes, chegávamos com o esterco e colocávamos água e ele dava uns sapeco na planta, uma queimada. A planta parecia fraca. Aí, os professores ensinaram o certo. Eu disse para eles que os meus filhos tinham que estar aqui, mas eles não querem.</p> <p>---</p> <p><b>6. Patrícia:</b> Nossa forma de plantar era com o conhecimento passado do meu avô para o meu pai, que até hoje vive do cultivo. Com o Pronatec, eu e meu pai melhoramos o plantio e a utilização do adubo. Antes, o meu pai dizia que não precisava de adubo, nas terras antigas. Hoje precisa. Com o curso, a gente aprendeu a usar a adubação de forma melhor. Ensinaram de forma natural, bem prática, e aí houve melhorias. Hoje, ajudando o meu pai e a minha mãe, eles falam que a forma de plantar mudou bastante. O curso ensinou a produzir melhor. Então, melhorou. Hoje, eu e minha família temos uma visão diferente da terra, usamos produtos orgânicos, por exemplo, que falam que é o adubo natural. E o biofertilizante é muito simples de fazer. Isso melhorou para nós.</p> <p>---</p> <p><b>7. Saulo:</b> Para plantar, sempre arrumávamos a terra como meu pai ensinou, para a terra ficar boa para o cultivo. Mas plantávamos sem muito conhecimento de adubação, que aqui precisa e muito, e não adubávamos direito. Mas, agora, a terra ficou boa. Nós vemos isso hoje. Nós já sabemos o melhor tempo para plantar e produzir. Aprendemos a usar algumas técnicas que ajudam na hora de cultivar, de plantar mesmo. Já sabíamos, mas aprendemos outras coisas também sobre a adubação.</p>

Fonte: Autor (2020).

Entre as muitas percepções em relação às falas dos entrevistados, presentes no quadro 3, observou-se uma relação de ensino-aprendizagem do laboro com a terra extremamente

vinculado aos saberes passados de pai para filho. Isto é, a tecnologia empregada é entendida por eles como um mandato hereditário. Isto é explicitamente dito pelos entrevistados Albetiza, Bernadete, Patrícia, Saulo, Mário e Patrícia (excetuando Joana, pois passou ao âmbito rural por relação de casamento), o que coaduna com o que Silva *et al* (2018) afirma ser o saber tradicional possuidor de valor intrínseco como forma de sobrevivência de povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos e camponeses. É, portanto, essa característica de repasse oral do conhecimento que permite que as gerações futuras também consigam, neste caso em específico, a sobrevivência, mediante as técnicas de plantio e o saber lidar com a terra.

A análise deste tema evidenciou, portanto, o tipo de cultura produtiva que antes dos cursos era empregada pelos entrevistados. Percebeu-se que, na maior parte dos casos, os agricultores estavam inclinados a produzir aquilo que haviam aprendido com seus antepassados. Hortaliças, limão, laranja, acerola, milho, mandioca, feijão e jaticoba eram as culturas realizadas com repetição de ciclos produtivos em maior ou menor grau, ao longo dos anos. Essa característica apresentada traz, ao menos, uma questão evidenciada, como o tipo de cultura produtiva que antes dos cursos era empregada pelos entrevistados. Percebe-se que o saber tradicional adquirido os direcionava no sentido de produzir aquilo que haviam aprendido com seus antepassados, em sua maioria.

Aqui é importante destacar a diferença entre o conhecimento científico e o tradicional. Esse último, segundo Silva e Batista (2019) é a forma de comunicação entre os conhecimentos, habitualmente transferido através da oralidade, enquanto o científico ocorre através da escrita. E segundo Silva (2005), é importante destacar que uma das características das comunidades tradicionais é o fato de possuírem grande diversidade cultural e produtiva e esse conhecimento, muitas vezes aprofundado, da natureza e de seus vários ciclos, são transferidos entre eles, de geração em geração.

Como consequência disso, Teixeira (2005) explicita que há neste tipo de processo produtivo uma ausência de técnicas, tecnologias de plantio e de variedades produtivas modernas, e que já foram introduzidas no campo pela modernização tecnológica ocorrida na segunda metade do século XX. Modernização esta que foi capaz de fazer saltar a produtividade agrícola brasileira. E que torna a agricultura familiar tecnologicamente em desvantagem em relação à grande produção.

Os entrevistados também trazem, em sua maioria, a percepção de que anteriormente ao curso, a sua atividade produtiva carecia de informações e instruções mais técnicas. Mário chega a dizer que em sua época, plantavam “de qualquer jeito mesmo”, trazendo a ideia de que o que faziam anteriormente não seguia o rigor sistematizado e técnico que a ciência moderna trouxe

às atividades produtivas do campo. Questões como o aprendizado de um adubo orgânico se tornam, aos olhos de alguns, uma espécie de revolução produtiva, o que pode ser evidenciado na fala de Saulo que afirma que plantavam sem muito conhecimento de adubação. O agricultor admite que o solo por eles cultivado estivesse desprovido de adubação, pois que não adubavam adequadamente. Segundo ele, é perceptível que a terra ficou boa, depois que aprenderam as novas técnicas de adubação ensinadas no referido curso.

Foi possível observar, através das falas dos entrevistados, que diante de suas experiências, eles podiam perceber com clareza as diferenças entre as formas de manejo e produção que haviam aprendido anteriormente e as que estavam ocorrendo após a realização do curso. Ao compararem as duas formas, demonstraram que consideravam diferentes, sendo menos adequada a forma que haviam aprendido anteriormente. É importante salientar a preponderância e o foco em falas relacionadas a técnicas de produção e agricultura sustentável.

Em relação às técnicas de produção, as falas estão pautadas na ideia de desenvolvimento de uma técnica de plantio e manejo, que aos olhos deles, era revolucionária, como podemos observar na declaração de Albetiza que aponta uma grande mudança no fato de poder produzir feijão para consumo e para venda, ao mesmo tempo em que pode plantar milho. Bernadete impressiona-se com o fato de até mesmo o plantio de mandioca ter melhorado em função da rotação da terra, pois, atualmente, se num ano é plantada a mandioca, no outro é o milho e depois o feijão. Segundo ela, foram reservadas três partes da chácara para a realização desse rodízio. Para eles, o rodízio da terra é uma grande inovação. Porém, essas técnicas são antigas e como aponta Maluf (1995), o sistema de rotação de culturas obtém resultados avançados na proteção do solo e numa agricultura sustentável.

No que se refere à produção e utilização de biofertilizantes (adubos orgânicos), as falas reportam a essa transformação no modo produtivo, como podemos observar nos dizeres de Patrícia que observa que, hoje, mudou a visão que ela e sua família tinham da terra. Atualmente, utilizam um adubo natural, produzido a partir de produtos orgânicos. E considera que “o biofertilizante é muito simples de fazer”. Essa ideia da utilização de biofertilizantes é também muito antiga e foi gradativamente deixando de ser usada ou sendo relegada a poucos produtores, após as transformações decorrentes da revolução industrial, como afirma Lima (2014).

O fato de essa prática antiga, baseada em um conjunto de informações simples, ser vista pelos entrevistados como algo novo, deixa transparecer uma característica da agricultura familiar brasileira que é a carência de assistência técnica. Teixeira (2005) considera que os agricultores familiares, por serem pequenos, são excluídos da modernização dos processos produtivos no campo. Essas técnicas de produção e manejo orgânicas colaboram efetivamente

para a realização de um modelo de agricultura sustentável e que tem na agricultura familiar o terreno fértil para tais práticas, ao contrário dos latifúndios que visam o aumento da produção por quaisquer meios possíveis.

É importante frisar que a popularização do acesso ao conhecimento técnico necessário para o desenvolvimento produtivo da agricultura familiar, através de ações públicas na educação, tem papel crucial na inserção social dos agricultores e no equilíbrio ambiental. Ao mesmo tempo em que aperfeiçoa o uso da terra, contribui para o fortalecimento e desenvolvimento econômico das famílias que vivem no campo. Neste tema, encontramos uma percepção global por parte dos entrevistados, que se funda numa distinção clara do efeito que a participação nos cursos do Pronatec teve sobre as suas técnicas produtivas e de manejo. Em suas falas é perceptível o corte temporal entre como faziam e o que plantavam e o como estavam fazendo após a participação nos cursos.

O quadro 4, apresenta os resultados da análise feita sobre as entrevistas para o tema 1.2, onde é possível observar a percepção dos entrevistados a respeito da ocorrência ou não de melhorias nas técnicas produtivas e de manejo da terra.

### Quadro 4 - Houve melhorias

Categoria 1 - Produção e manejo
Tema 1.2 - Houve melhorias
<p><b>1. Albetiza:</b> O que melhorou mesmo foi que hoje nós temos outra visão. O curso trouxe melhor qualidade de preparo e cultivo. Hoje, eu sei, [...] eu vou plantar, eu sei se a terra é boa ou não. É bom isso, né? Aí, eu escolho o melhor lugar.</p> <p>---</p> <p><b>2. Bernadete:</b> Eu, o meu marido e o meu pai percebemos que melhorou a quantidade, como eu já falei. E a qualidade... Nossa, melhorou! Eu penso... Eu vejo que a qualidade foi a que mais melhorou.</p> <p>---</p> <p><b>3. Karla:</b> É, como eu disse, melhoramos, e muito, a quantidade. E parece que até o produto está mais bonito. Aqui, como nós produzimos e comemos... Está mais vistoso. Eu acho que tudo melhorou. Vejo assim. E é porque nós melhoramos a terra, nós aprendemos bem e aí fizemos muito bem aqui, na prática. Isso foi importante. Nossa, melhorou muito a produção!</p> <p>---</p> <p><b>4. Joana:</b> Como nós aprendemos hoje é melhor. Nós melhoramos, e muito, a terra, o local. Isso melhorou, e muito, a forma de nós plantarmos. Aprendi bem mais as etapas de plantar. [...] nós conhecemos hoje como fazer melhor.</p> <p>---</p> <p><b>5. Mário:</b> Então, com o curso, nós aprendemos a ter um melhor cuidado com a terra. Preparando e adubando corretamente, ela nos dá o alimento na hora certa. Tudo isso faz diferença para nós. No cultivo, são pequenos detalhes que ajudam muito.</p> <p>---</p> <p><b>6. Patrícia:</b> Eu digo, com certeza, que a nossa família produzia parecendo que era de qualquer jeito. Nós tínhamos essa ideia antiga: vamos produzir isso aqui para ver o que vai dar. Porque aqui sofremos na adaptação. Nós fazíamos em períodos, às vezes, fora de época, e isso dava uma raiva. Depois que aprendemos a melhorar a terra, somos mais independentes, e hoje queremos é produzir mais.</p> <p>---</p> <p><b>7. Saulo:</b> Hoje os vizinhos e nós, estamos plantando de forma mais organizada, nós conseguimos plantar num local menor e colher mais. A minha forma de cultivar melhorou e mudou bastante. Hoje eu tenho uma visão diferente da terra, de usar produtos orgânicos.</p>

Fonte: Autor (2020).

Dentre os diversos depoimentos observados no quadro 4, nota-se um consenso entre os entrevistados de que, com o conhecimento adquirido no referido curso, eles puderam melhorar tanto a quantidade como a qualidade do que cultivavam, como aponta Joana em seu relato. Para ela, a produção se tornou melhor e mais saudável, além de ter aumentado a quantidade dos produtos. Bernadete acena no mesmo sentido, comentando que perceberam o aumento na quantidade e enfatiza que pode ver a melhora da qualidade. Isso nos dá uma ideia da importância do repasse do conhecimento técnico ao indivíduo envolvido no lidar com o campo, principalmente no que tange à agricultura familiar. Romeiro (2011) define o valor da assistência técnica promovida pelo poder público como de vital importância para o pequeno agricultor. E são estes conhecimentos que irão permitir algum ganho de produtividade em relação à forma e ao que era produzido anteriormente.

É evidente também, nos relatos coletados, que havia uma falta considerável de conhecimentos técnicos que ajudassem a melhorar a atividade produtiva. Quando se refere às

práticas de plantio que sua família utilizava antes do curso, Patrícia comenta que produziam “parecendo que era de qualquer jeito”. Segundo ela, a ideia antiga era: “vamos produzir isso aqui para ver o que vai dar”. No que se refere às novas práticas, Saulo afirma que atualmente estão plantando de forma mais organizada. Nas percepções dos depoentes, anteriormente, o manejo da terra e a produção agrícola era realizados de qualquer forma e não de maneira organizada, o que conseqüentemente contribuía para um baixo desempenho da produção.

Diniz e Bermann (2012) ressaltam a importância da organização no campo para os resultados obtidos pelo pequeno agricultor, não somente nos fatores produtivos como também nos fatores sociais e ambientais. Em virtude do seu tamanho, a agricultura familiar não possui condições físicas e financeiras para arcar com mecanização, treinamento e recursos humanos que vão além dos próprios membros da família. Romeiro (2011), salienta que se não há um excedente, a produção acaba por ser quase integralmente para consumo. Na medida em que aumenta a produtividade, há alguma margem de sobra que pode ser comercializada, gerando, assim, alguma renda que vá além da subsistência do agricultor.

Outro ponto sensível na percepção dos entrevistados se encontra na noção que eles têm da melhoria no processo produtivo, isto é, nas técnicas e formas de manejo na hora de preparar a terra, plantar e colher. Karla, por exemplo, afirma que aprendeu novas etapas de plantio e que puderam melhorar muito a qualidade da terra e a forma de plantar. Enquanto Mário diz que com o curso, aprenderam a cuidar melhor da terra, “preparando e adubando corretamente”. Ao que parece, há um entendimento entre eles de que as técnicas que operacionalizaram no passado eram, em alguma medida, menos eficientes em relação às que eles aprenderam após os cursos do Pronatec. Isso demonstra também a importância que políticas públicas de amparo e assistência técnica podem fazer em relação ao agricultor familiar, no sentido de permitir-lhes ganho de produtividade. Cassiolato e Garcia (2014) e Diniz e Bermann (2012), destacam a importância que uma política pública bem planejada tem sobre os que dela usufruem, trazendo resultados positivos, não somente em relação à produtividade, mas também em melhorias sociais e ambientais.

Por fim, como síntese desta categoria, encontramos um conjunto de falas dos entrevistados indicando uma percepção clara de que houve melhorias no processo produtivo e no manejo, que resultou numa melhor qualidade e quantidade dos produtos por eles cultivados, decorrendo em algum ganho econômico e social. Além disso, adotando um modelo de adubação por biofertilizantes, a agricultura será mais sustentável, alcançando um produto final orgânico ou com baixo teor de agrotóxicos, que, por sua vez, trará algum benefício à saúde em relação

ao modelo produtivo comercialmente adotado na agricultura de larga escala, geralmente monocultora.

## **5.2 O Curso e as dificuldades**

Nesta seção, apresentamos e discutimos a respeito da percepção dos entrevistados sobre curso e suas dificuldades. O quadro 5 apresenta o resultado da análise feita sobre as entrevistas para a categoria 2: Dificuldade, e o tema 2.1.: Foco na prática. Procuramos observar como estas práticas ensinadas nos cursos do Pronatec ajudaram os entrevistados em suas atividades diárias e quais as atividades que fizeram a diferença para estes agricultores.

### Quando 5 - Foco na prática

<b>Categoria 2 - O curso</b>
Tema 2.1 - Foco na prática
<p><b>1. Albetiza:</b> Tivemos o conhecimento sobre como melhorar a terra e fizemos na prática. Pegamos e fizemos um canteiro aqui, uma aula prática aqui mesmo. Pegamos um solo aqui e outro solo ali e construímos um canteiro na escola. Fizemos lá uma experiência com o professor. Isso é bom para nós. Nos anima a aprender mais.</p> <p>---</p> <p><b>2. Bernadete:</b> Sim, melhorou bastante. E mudou um pouco a nossa forma de plantar, porque hoje nós usamos adubação orgânica. Escolhemos o melhor momento. E o pedacinho de terra que plantamos fica bom. As aulas ensinaram isso para nós.</p> <p>---</p> <p><b>3. Karla:</b> O curso trouxe novas formas de cuidar da terra. Esse ensinamento foi bem simples e com muita prática. Como eu disse, o curso nos melhorou também como seres humanos, e melhorou o que meu avô me ensinou. E para mim, aqui em casa, como eu disse, eu vi que plantava e cuidava bem perto do que era ensinado. Fiquei feliz por isso.</p> <p>---</p> <p><b>4. Joana:</b> A forma de plantar, na prática, que você tá falando, só melhorou. As aulas mostraram que o jeito que nós estávamos plantando é bem parecido com o do professor. Mas a forma de usar o solo melhorou e muito com as aulas.</p> <p>---</p> <p><b>5. Mário:</b> Então, o curso, na forma como que nós já plantávamos, nos ajudou demais. Nós plantamos as mesmas coisas, com um cuidado com a terra maior. Com a nossa terra que a gente trabalha e vive nela, a produção e o cuidado vai ser melhor com as aulas.</p> <p>---</p> <p><b>6. Patrícia:</b> Os professores foram bem capacitados e tiveram muito cuidado em nos explicar na prática o que estavam tentando mostrar na teoria, na sala de aula. Queremos mais cursos. E os professores que vieram foram excelentes, de uma grande facilidade para ensinar. Os professores hoje têm muito conhecimento teórico. Nós temos a prática, então, juntando a prática e a teoria nós vamos melhorar. E foi isso que houve no curso.</p> <p>---</p> <p><b>7. Saulo:</b> Com as aulas, pegando na enxada mesmo, aprendemos uma maneira de adubar mais fácil e melhor as hortas. O preparo do solo melhorou e o manejo também. Então, ensinar assim, na frente da terra, para nós é muito importante, aprendemos a melhorar o plantio e a conservar mais o solo também, nas aulas.</p>

Fonte: Autor (2020).

No quadro 5 nota-se que quando perguntados sobre as dificuldades no aprendizado, os entrevistados destacaram no tema “foco na prática” que eles tiveram maior atenção nas aulas práticas de produção de adubo, para melhorar canteiros e frutas em geral. Houve um destaque sobre adubo orgânico pela senhora Bernadete. Porém, os demais mencionaram e fizeram de forma explícita ou implícita a prática de adubar. Melhorar o canteiro para o cultivo e adubar a terra para poderem ter mais resultados foi, um destaque no curso.

Esses agricultores relacionam as aulas práticas às atividades nas suas terras, como sinônimo de qualidade e melhoria para sua produção e para a manutenção de um equilíbrio como um todo. Nota-se isso na fala do entrevistado Mário que afirma que passaram a produzir e a cuidar melhor das terras onde vivem e trabalham, após a participação nas aulas. Romeiro (2012) salienta a importância desse cuidado ao qual se refere o entrevistado. Para o autor, esse entendimento leva à sustentabilidade do sistema econômico, não sendo possível sem uma

estabilização dos níveis de produção e dos resíduos por ela gerados, respeitando as limitações de capacidade do meio ambiente, evitando um desgaste excessivo, sendo o meio ambiente o fator limitante deste meio de produção. É um importante papel do sistema de educação, principalmente daquele voltado ao campo, o desenvolvimento da consciência coletiva sobre o entendimento de que o meio ambiente não pode ser visto como um simples produtor de matéria-prima.

O ambiente deve ser levado em conta como prioridade nas práticas e exercícios de produção. Precisamos construir uma sociedade que entenda que apesar das nossas necessidades de consumo, os meios produtivos e seus resíduos podem romper a barreira de equilíbrio da natureza. A educação que conduz a uma produção sustentável é o caminho para a manutenção desse equilíbrio, conforme explica Caldart (2009). Para ele, a educação, hoje, deve estar voltada para o desenvolvimento e difusão de um conhecimento que busque uma melhor e mais equilibrada produção dos bens necessários à sociedade, e ao mesmo tempo também questionar se formas já praticadas estão em conformidade com esse equilíbrio. Esta educação tem que ser produtora de um conhecimento que construa informações e referências para a solução de problemas, para evitarmos uma produção e exploração excessiva do meio, para que possamos juntos construir uma nova forma de cuidar da terra e do trabalho que nela se faz necessário.

Ainda nessa categoria, é bastante relevante o depoimento de Karla em relação à aplicação do curso. A agricultora considerou que o “ensinamento foi bem simples”, se referindo ao conteúdo das aulas teóricas, enfatizando que houve no curso “muita prática”. Considerou também que o curso possibilitou que melhorassem como seres humanos e que foi possível melhorar o que aprendeu com seu avô. Portanto, pode-se observar o quanto as informações passadas no curso proporcionaram melhorias, tanto para a prática laboral quanto para o conhecimento e valorização da vida dos agricultores. Quando ela diz ter melhorado o que o seu avô havia ensinado e quando afirma que houve crescimento pessoal, se torna evidente o quanto a educação - configurada para a realidade da luta pela melhoria e conservação da terra, pelo trabalho digno dos pequenos agricultores - pode favorecer a igualdade social e auxiliar os indivíduos a alcançarem as condições necessárias a uma vida digna e feliz, a partir do seu trabalho diário, na medida em que possam ser produtivos no lugar em que estejam.

Wanderley (2009) expõe em seu artigo que a agricultura familiar também é um local onde a família pode ser a proprietária dos meios produtivos do cultivo, assim como, assume o trabalho do seu estabelecimento conduzindo-o à produção para o consumo, acreditando que a agricultura camponesa tradicional fundamenta-se na relação que se observa neste relato:

trabalho, família e propriedade. E a autonomia econômica das sociedades camponesas se expressa pela capacidade que esse grupo tem de prover a subsistência do grupo familiar.

Nas falas de Patrícia e de Saulo, notamos que eles desejam adquirir conhecimento para produzir melhor e não ficarem parados. Estas famílias querem produzir e se sentirem úteis e produtivas. Em seus relatos manifestaram o desejo de participarem de outros cursos. Os dois lembraram-se das aulas práticas e acharam esta forma de ensinar mais produtiva e útil aos agricultores familiares, porque assim eles entenderam o que os professores estavam ensinando com a teoria. Em suas falas é possível observar a importante associação entre teoria e prática, que proporcionou uma clareza maior ao aprendizado. Com esta ação notaram de forma clara o que o curso pretendia oferecer, uma forma mais adequada para a produção e melhor aplicação dos aspectos teóricos contidos nas aulas e apostilas utilizadas.

A partir do ponto de vista dos entrevistados, pode-se notar e projetar que a atuação do ensino com atividades voltadas para o melhoramento das práticas e soluções de problemas vividos pelos agricultores deste reassentamento, trouxe alguns benefícios, segundo seus relatos. Destaca-se os pontos de vistas sobre a produção do seu próprio adubo e uma melhoria do manejo e cultivo. Nota-se também que estes anseiam por conhecimentos que tragam melhorias em suas práticas e, conseqüentemente, em suas vidas. E que cursos que envolvam técnicas, práticas e teorias voltadas para a realidade dos que ali desejam conhecimento tem uma maior atenção e aproveitamento do ensino em suas percepções.

No quadro 6 observamos os resultados das análises para o tema 2.2: "dificuldades no curso. Nosso interesse foi o de compreender quais as principais dificuldades encontradas pelos alunos na participação do curso do Pronatec.

### Quadro 6 - Dificuldades no curso

Categoria 2 - O curso
Tema 2.2 - Dificuldades no curso
<p><b>1. Albetiza:</b> Eu não tive muita dificuldade, apesar de não ter estudado muito. O curso era bem claro, prático mesmo. E o professor procurava passar para nós da maneira que nós entendêssemos. Foi muito bom, mas fácil. ---</p> <p><b>2. Bernadete:</b> Houve muito pouco na hora da escrita e de ler também. Nós que não estudamos muito, temos dificuldade de aprender. Foi só isso mesmo. Mas na hora que partiu para a prática, aí eu tive mais facilidade. Então, para mim, a parte melhor do curso foi a prática, porque você vai para o campo mesmo. ---</p> <p><b>3. Karla:</b> Não, não tive nenhuma dificuldade. A dificuldade maior foi vir o curso para as pessoas estudarem. Eu acho que deveria ter um curso assim pelo menos uma vez por ano. Mas eu aprendi bem. ---</p> <p><b>4. Joana:</b> Não tive nenhuma dificuldade de fazer o curso. As aulas eram bem práticas, eu não tive dificuldade de aprender. O curso foi muito bom, eu não tenho nenhuma reclamação. ---</p> <p><b>5. Mário:</b> A minha dificuldade foi porque quando eu era jovem não tive como estudar, era só trabalho e mais trabalho. No curso não teve dificuldade não. O professor tinha paciência de me explicar, porque eu leio bem pouquinho mesmo. ---</p> <p><b>6. Patrícia:</b> A dificuldade maior foi a questão de o curso vir mesmo. Eu acho que todos aprenderam bem, porque depois só se falava nesse curso. ---</p> <p><b>7. Saulo:</b> Não, eu não tive dificuldade para entender. Eu entendi bem os ensinamentos. O treinamento foi bom e simples.</p>

Fonte: Autor (2020).

Nota-se que a maioria dos entrevistados não relatou ter enfrentado dificuldades durante o curso, como é possível observar nas falas de Albetiza, Joana, Karla, Patrícia e Saulo. O que nos traz um questionamento a respeito do motivo para tal. Já foi demonstrado na seção anterior haver uma carência de assistência técnica e cursos desenvolvidos nesta área para aquele público, em âmbito local, o que pode deturpar a percepção do processo, não permitindo enxergar alguma dificuldade que tiveram.

Como foi possível observar, Karla e Patrícia afirmaram em seus depoimentos que a verdadeira dificuldade que perceberam foi a ausência destes cursos, que poderiam ocorrer todos os anos. No mesmo sentido, Bernadete lamentou o fato de que estes cursos não sejam regulares, ao dizer: “só precisa vir mais, faz tempo que não tem outro”. Essa carência é perceptível desde o início das falas, demonstrando a necessidade que possuem de melhorias na formação técnica no campo e, em especial, na agricultura familiar. Essa carência pode ajudar a entender por que os entrevistados procuraram negar terem sentido dificuldades na realização do curso, ou, ao menos, minimizaram tais dificuldades. Caldas (2008) define que quando esperamos por algo e esse algo acontece como evento raro, acaba por nos trazer de um local de racionalização e críticas para um lugar de sonhos e expectativas. É assim, pois, que os problemas deixam de ser

enxergados no processo de ensino-aprendizagem. Uma comunidade carente desse tipo de apoio não poderá dizer que teve problemas, sob risco de que estes cursos não voltem a acontecer. Não se está aqui negando o real aprendizado, mas reconhecendo ser pouco provável que o curso tenha ocorrido sem nenhum tipo de dificuldade, seja técnica ou no processo de ensino-aprendizagem.

Neste sentido, mais importante ainda se torna observar as falas dos únicos dois que aventaram a existência de alguma dificuldade. Bernadete aponta ter sentido alguma dificuldade na hora da escrita e da leitura, o que atribuiu ao seu baixo grau de instrução. No mesmo sentido, Mário aponta como única dificuldade o fato de ler “bem pouquinho mesmo”, pois estudou pouco quando era jovem, por ter que se dedicar integralmente ao trabalho. Entretanto, ao final, afirma não ter havido dificuldade no curso, porque “o professor tinha paciência de explicar”. É perceptível que o pouco estudo é para ele a dificuldade central. Mesmo que num segundo momento, afirme não ter havido dificuldade. Isso nos leva a pensar se os instrumentos didáticos estariam adequados à realidade de todos os alunos.

Cassiolato (2014) e Garcia (2014), ressaltam a importância de que os materiais e cursos devem estar voltados para o seu público-alvo. Se seu público tem pouco estudo, o material deveria estar em seu mesmo nível, para facilitar o entendimento e o repasse das informações. O depoente Mário aponta que o professor precisou encontrar uma solução própria, a fim de sanar ou minimizar o problema, quando diz: “o professor tinha paciência de me explicar”. Essa é uma dificuldade que atinge toda a realidade da educação brasileira, não somente a dos cursos do Pronatec. Veja que Mário tem 62 anos de idade e não havia podido estudar. Isto nos leva a pensar no que Caldart (2009) dizia sobre a educação ser uma política que tem grande importância, porque promove as condições políticas essenciais para o um desenvolvimento equilibrado. Deste modo, para construir o desenvolvimento do pequeno agricultor, é necessária uma política educacional que atenda às suas diversidades, e que entenda esta população como detentora de conhecimentos. Esta política educacional não deve considerá-los como apenas beneficiários e usuários dos meios em que se relacionam.

Boa parte das falas dos entrevistados negou a existência de alguma dificuldade na participação dos cursos oferecidos pelo Pronatec e aqueles que afirmaram ter alguma, centraram nas suas próprias deficiências, relacionadas à formação básica da qual tiveram pouco ou nenhuma acesso, implicando em dificuldades para ler e escrever, por exemplo. O que não é um problema irrelevante, uma vez que boa parte dos cursos é formatada partindo do pressuposto que as pessoas que deles participarão têm domínio básico de leitura e escrita, além dos conhecimentos mínimos de matemática, necessários ao dia a dia.

Inevitavelmente, a construção da usina hidrelétrica provocou a migração, que modificou o modo de viver dos agricultores, principalmente em relação ao cultivo de seus produtos para a subsistência de suas famílias, conforme estavam habituados anteriormente. Agora, sendo obrigadas a tomar rumos diferentes, acabam perdendo o vínculo antes estabelecido por muitos anos. Esse fato amplia a necessidade de realização de cursos que possibilitem uma melhor adaptação aos meios de produção do local. Através de novas técnicas para a produção agrícola, estes camponeses podem buscar melhores condições para enfrentar as dificuldades impostas pela natureza do novo local. Os cursos ofertados pelo Pronatec, segundo os entrevistados, ofereceram os recursos necessários para o enfrentamento das adversidades. Assim, através de aulas com técnicas de conservação e fertilização do solo, busca-se a obtenção de maior produtividade, sem maiores dificuldades e sem necessidades de mecanização do plantio, para estes agricultores familiares.

Menestrino (2011) e Parente (2011), demonstram a realidade que os atingidos por barragens têm nesse deslocamento compulsório e como isso atinge, não só socialmente, aos assentados, como também alterando o perfil produtivo, o manejo e a própria qualidade da terra. Assim, não é trivial a necessidade relatada de uma certa constância de apoio técnico, traduzida em cursos, oficinas, e a presença de técnicos que possam auxiliar no novo processo produtivo da agricultura familiar, decorrente da realocação.

Continuando na mesma categoria, apresentamos no quadro 7 o resultado da análise feita para o tema 2.3., sobre como a escassez de apoio técnico, na percepção dos entrevistados, prejudica as atividades diárias destes agricultores, e se havia cursos constantemente, antes do Pronatec.

### Quando 7 - Escassez de apoio técnico

Categoria 2 - O curso
Tema 2.3 - Escassez de apoio técnico
<p><b>1. Albetiza:</b> Tivemos um pouco de apoio do Ruraltins. E o outro foi o Pronatec também, que nós tivemos o nosso primeiro curso aqui. E aí, no ano seguinte, teve de novo o do Pronatec. Tivemos mesmo só os dois cursos. Um curso foi de capacitação para a produção rural, depois nunca mais ninguém pisou os pés aqui. ---</p> <p><b>2. Bernadete:</b> Nós recebemos sim, mas eu acho que foi bem pouco, ocasionalmente, porque eu não me lembro de ter cursos assim aqui não. E recentemente, digo, há uns quatro anos, só me lembro do curso do Pronatec. Só esse mesmo, o do Pronatec, que eu estou com o diploma aqui. ---</p> <p><b>3. Karla:</b> Tivemos um apoio só no início, nos primeiros anos. Hoje, nós não temos assistência nenhuma. ---</p> <p><b>4. Joana:</b> Participar mesmo, assim, foi só nos dois do Pronatec, que eu lembro. ---</p> <p><b>5. Mário:</b> Vieram uns, muito poucos, do Ruraltins. Muito poucos, mesmo. Bem pouquinho. Nós recebemos muito pouca assistência. E aí, teve o curso do Pronatec. Tirando o curso que teve, não veio outro aqui não. ---</p> <p><b>6. Patrícia:</b> Às vezes sim. Às vezes nós recebemos, depende de nós pedirmos muito, bastante mesmo. Aí vem um curso de vez em quando ou um treinamento. Às vezes nós precisamos de acompanhamento. Mas só tinha isso quando nós pegávamos financiamento. Aí, eles vinham e acompanhavam. Mas quando passava esse período, eles não compareciam mais. Sem financiamento, eles não vêm. Mas se tiver o financiamento, eles vêm. ---</p> <p><b>7. Saulo:</b> A minha chácara não recebeu não. Aqui, treinamento... Só recebi umas visitas lá, da Secretaria do Município de Porto Nacional. Eles fizeram umas perguntas e foram embora. Do Ruraltins veio. Mas, ultimamente, eles não vêm mais. Do Pronatec, que eu me lembre... Mas, para mim, essa ajuda tinha que ser regular, todo ano mesmo. Mas não vem não.</p>

Fonte: Autor (2020).

Nas falas dos entrevistados, apresentadas no quadro 7, há a reclamação de certo abandono, mencionando a ausência de cursos oferecidos aos reassentados. Além disso, também manifestam o entendimento de que, para eles seria muito importante ter uma regularidade no acompanhamento, através de cursos que viabilizassem a produção, ou seja, uma verdadeira assistência técnica rural. Os entrevistados expressam que, havendo mais cursos como o de Agricultor Familiar, oferecido pelo Pronatec, que tem como iniciativa dar acesso profissional, capacitando trabalhadores nas diversas áreas e oferecendo diversos cursos, haverá maior produção e uma melhor utilização do que eles têm em suas terras.

Nota-se também que, os produtores rurais, ao receberem mais visitas regularmente, sentem-se mais amparados e apoiados na condução correta de suas produções. Isto também pode ser percebido nas falas dos entrevistados Albetiza, Bernadete, Patrícia, Joana, Saulo, Mário e Patrícia. Joana, por residir a pouco tempo neste reassentamento, relatou que realmente só lembra de um curso feito por ela, que foi o do Pronatec. Os demais residentes, que estão ali

há pelo menos 18 anos, lembram-se de poucos cursos oferecidos por qualquer que seja a instituição.

Esta parca assistência técnica por parte dos órgãos responsáveis, há anos, pode medir talvez um grande distanciamento das melhores práticas. Soma-se a isso a falta da renovação das tecnológicas, e a defasagem das práticas de cultivo e manejo, sem contar as carências relacionadas aos aspectos diretamente ambientais, que hoje se referem à redução de uso dos insumos industriais. Diniz e Bermann (2012), relatam que todos estes avanços das técnicas e tecnologias mudaram e muito os cenários agrícolas das últimas décadas. Entretanto, a falta citada nas falas destes agricultores, da regularidade de treinamentos, visitas técnicas e assistência rural, dificulta o acesso aos novos paradigmas de produção mais equilibrada.

A partir das informações e dos conhecimentos oferecidos por cursos como este, os agricultores podem alcançar um maior entendimento em relação à correta utilização das tecnologias necessárias no desenvolvimento da produção, tornando-se melhores produtores. Além do aperfeiçoamento produtivo, os cursos podem fomentar as práticas que levam a uma menor degradação do meio ambiente, com uma produção de alimentos que possa respeitar os limites da natureza, a partir de práticas onde há uma mínima intervenção no ambiente e nos processos naturais. Ou seja, a assistência técnica e o acesso a aperfeiçoamento, além de manterem os agricultores atualizados sobre novas práticas, e as novas necessidades, lhes oferecem o conhecimento necessário para o desenvolvimento de uma produção ecologicamente sustentável. Os modelos de agricultura menos agressiva, podem ter processos muitas vezes simples de serem executados pelos agricultores e temos como exemplos as seguintes práticas agrícolas: rotação de culturas, utilização de adubos verdes, emprego de composto e uso de coberturas mortas – restos de vegetais – sobre o solo. Práticas estas com uma perfeita acessibilidade por todos os agricultores, de fácil utilização e que foi evidenciado por eles na seção 4.1.

Sobre as práticas agrícolas, qualquer novidade, como as ensinadas no curso, oferece grande incentivo para os agricultores. Por isso, eles sempre pedem novos cursos e mais conhecimentos, a fim de produzirem mais e com um cuidado maior com a terra. Todos os temas relacionados ao curso, de forma geral, englobam algumas das propostas descritas anteriormente, qualificando-os em práticas agrícolas mais sustentáveis. Neste sentido, Almeida (1998) afirma que a agroecologia tem o intuito de formar um campo de conhecimento científico, que facilite a produção da agricultura com o menor consumo dos recursos. Então, tem-se como proposta básica, um cuidado e respeito maior com a diversidade ambiental, sociocultural e dos

sistemas agrícolas, realçando a importância da agricultura convencional e de conhecimentos que podem ser adaptados à realidade local.

É importante observarmos nas narrativas da Albetiza, Bernadete e Karla que, quando foi perguntado sobre cursos e assistência técnica, as agricultoras apontaram que somente se recordam do curso do Pronatec, e que depois deste curso, há poucas lembranças de visitas de técnicos, indicando uma ausência recorrente de assistência. Entretanto, devemos considerar também que, apesar de não haver recordações, é possível ter havido alguma visita que naquele momento não foi lembrado ou mencionado por elas. Além da lembrança do Pronatec, Albetiza lembra um pouco do apoio e visita do Ruraltins. Bernadete informou que acha que recebeu, embora dizer ter sido pouco, não se lembrar do nome do órgão e tampouco do que se tratava esta visita. Karla, por sua vez, afirma ter recebido apoio no início, que isso foi há muito tempo, logo que eles foram reassentados pelo consórcio responsável pela barragem que decorreu na formação do lago da Usina Hidrelétrica. Em seguida, a agricultora afirma não ter recebido mais visitas. Mário informou sobre algumas poucas visitas, também do órgão estadual Ruraltins. Segundo ele, foram pouco mais importantes estas visitas, mas que haviam ocorrido há muito tempo.

O que foi dito pelos entrevistados em relação ao curso integra-se ao que diz Guimarães (2014), que a partir do momento em que o Pronatec e a execução dos cursos rápidos no campo brasileiro viraram metas a serem cumpridas, os institutos federais, principais instituições públicas envolvidas com o programa, sentiram-se desafiados diante da missão de dar conta de todas essas especificidades e necessidades do meio rural, na modalidade em que o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) é demandante, apoiando-se na forte presença das instituições espalhadas por todo o território brasileiro, sendo mais próximas dos trabalhadores rurais.

### **5.3 Utilidade e aprendizado**

No quadro 8 temos a apresentação dos dados sobre a qualidade de vida dos reassentados e em seguida o resultado da análise feita sobre este conteúdo para a categoria 3, utilidade e aprendizado. E o tema 3.1, qualidade de vida. Procurou-se observar como estas práticas, ensinadas nos dois cursos do Pronatec, beneficiaram a vida dos agricultores deste reassentamento.

## Quando 8 - Qualidade de vida

### Categoria 3 - Utilidade e aprendizado

#### Tema 3.1 - Qualidade de vida

**1. Albetiza:** Melhorou com o conhecimento. Hoje temos outra visão. Não é só cultivar, mas é como cultivar as coisas que importa. O que melhorou mesmo foi isso, hoje. O curso nos mostrou isso... qualidade de preparo e cultivo, que melhorou tudo.

---

**2. Bernadete:** não houve falas nesta categoria.

---

**3. Karla:** O curso me fez ter mais ânimo. Isso me ajudou e muito.

---

**4. Joana:** não houve falas nesta categoria.

---

**5. Mário:** Então, esse conhecimento que nos foi passado no curso e pelo pessoal do curso, nos fez viver melhor, já que tudo que se aprende se usa na vida. Para mim já não dá, mas para os outros aqui, dá tempo de aprender e usar. Não é?

---

**6. Patrícia:** Um dia desses, eu fui a Palmas visitar um amigo e ele estava comendo uma farinha. Eles estavam falando que a farinha era boa e deliciosa, e que tinha um cheiro bom. A farinha era produzida pelo meu tio, Para mim, isso sim é qualidade de vida. E é isso que nós queremos, produzir coisas com qualidade.

---

**7. Saulo:** Por causa da adubação e preparando melhor a terra para cultivar as nossas hortas, melhorou a nossa vida.

Fonte: Autor (2020).

Ao analisar a percepção dos entrevistados em relação a qualidade de vida, tem-se a impressão de que para eles o tema está diretamente relacionado com uma produção mais saudável, já que os agricultores são os primeiros a consumir seus produtos. Isso fica evidente no depoimento de Patrícia que associa a qualidade de vida á boa impressão e o prazer dos amigos ao degustarem a farinha que seu tio produziu com os cuidados e as novas técnicas aprendidas. O depoimento de Saulo segue no mesmo sentido, quando que sua vida melhora por causa da adubação e do melhor preparo da terra. É importante salientar, que Saulo se referia às técnicas de adubação sustentáveis aprendidas no curso.

As ideias de qualidade de vida que os entrevistados expressam estão diretamente atreladas à terra e às suas produções. O sentido de suas vidas gira em torno do que produzem. Diniz e Bermann (2012), salientam que a produção por parte dos pequenos agricultores os atinge diretamente, pois dela fazem uso. Nesse sentido, o curso foi capaz de satisfazer os produtores, sanando preocupações, ao introduzir formas de fertilização orgânica e com o menor impacto possível sobre a natureza.

Outra percepção das melhorias na qualidade de vida que o curso trouxe sobre as vidas dos participantes entrevistados foi manifesta por Karla, quando disse: “o curso me fez ter mais ânimo”. Aqui falamos da questão da motivação, que é essencial em tudo que a alma humana se

propõe a fazer. Menestrino e Parente (2011) nos dão uma luz a este respeito quando explanam que alguém motivado é um dos fatores mais importantes na produção, não só no chão de uma fábrica, mas em qualquer atividade produtiva humana. Um pequeno agricultor animado, incentivado pelo apoio técnico recebido, tende a realizar seu trabalho sobre a terra de maneira muito mais eficaz e eficiente. E isto, acaba em algum momento também melhorando a qualidade de vida. Sem contar que o aumento de produção decorrente do aprendizado do curso é algo que também tende a gerar maiores excedentes que são escoados para as feiras locais, gerando assim um aumento da renda do produtor rural.

A terceira percepção geral desta categoria é a ideia de qualidade de vida atrelada ao aumento do conhecimento adquirido. Albetiza confirma que houve melhorias a partir dos novos conhecimentos e os agricultores passaram a ter outra visão após o curso. Da mesma forma, Mário afirma que o conhecimento passado pelo curso e seu pessoal os fizeram viver melhor. Essas duas falas demonstram que no entendimento deles o curso melhorou suas capacidades para lidar com a terra, na medida em que houve um acréscimo de conhecimento, teórico e prático, às noções que antes possuíam.

Conforme se evidencia nos estudos de Caldart (1995) e Gianezini (2017), o conhecimento traz melhorias para as vidas dos agricultores, conforme as circunstâncias descritas por eles. A partir de seus relatos podemos supor que os próprios trabalhadores rurais, por meio de seus interesses, também estimulam as organizações políticas a construir conhecimento para uma produção mais conservacionista. Então, esses agricultores se tornam sujeitos de suas ações e chamam a atenção dos estudiosos, que por sua vez, buscam teorias que os ajude em suas práticas. A partir desta ação, a educação deixa de fazer parte apenas de um plano geral de desenvolvimento da nação e se torna uma reivindicação de um grupo social. Dessa forma, podemos considerar que a luta por conhecimento do agricultor familiar está intimamente vinculada a uma luta para conquistar meios mais equilibrados para a produção e assim também minimizar as desigualdades sociais existentes entre o campo e a cidade.

Isso pode levar ao entendimento de que é possível proporcionar o desenvolvimento de unidades familiares de produção mais viáveis, com investimento em educação técnica, conduzindo o saber para que haja disponibilidade e volume de recursos naturais suficientes para as futuras gerações. É evidente também, que só a realização constante de cursos e o apoio técnico, sozinhos, não são capazes de abarcar toda a possibilidade de melhoria da qualidade de vida dos agricultores. Há aspectos de infraestrutura que também precisam ser resolvidos, como água, luz, estradas, pontes, entre outros. Assim como, o acesso à educação básica para os filhos e à saúde pública de assistência local ajuda a complementar este processo. Devemos enfatizar

que as várias ações de políticas públicas devem estar presentes nestes reassentamentos, como um conjunto de medidas interligadas, que faça com que o consumidor tenha acesso à produção agrícola por meio da criação de mecanismos de distribuição e comercialização, com ênfase na agricultura familiar.

É importante que se criem e se concretizem investimentos em capital humano, a partir de políticas educacionais, como confirma Souza (2006), ao dizer que o bem-estar da sociedade de forma coletiva está relacionado a ações públicas bem desenvolvidas em várias áreas, principalmente na educação. Além disso, a educação é responsável pelo processo de modernização da agricultura, principalmente da agricultura familiar, estando inserida no processo de beneficiamento produtivo, a partir das modernas técnicas que estão à disposição.

Assim, no conjunto, há uma percepção por parte dos entrevistados de que o curso trouxe alguma melhoria na qualidade de vida, seja pelo conhecimento adquirido, pela motivação renovada ou pela própria produção que é consumida por eles.

No quadro 9 temos a apresentação dos dados relativos ao que os depoentes perceberam e consideraram importante e útil no curso. Procurou-se observar como estas práticas ensinadas nos dois cursos do Pronatec foram úteis e adequadas para as práticas diárias dos agricultores deste reassentamento.

### Quadro 9 - Achou o curso útil

<b>Categoria: 3 - Utilidade e aprendizado</b>
Tema: 3.2 - Achou o curso útil
<p><b>1. Albetiza:</b> Sim, o que esse curso mostrou foi bom demais. Tivemos muito aproveitamento mesmo. Era tanto que a sala era cheia. Às vezes, não tinha nem carteira para sentar lá. Esses aprendizados foram bons e importantes demais para nós aqui na roça.</p> <p>---</p> <p><b>2. Bernadete:</b> Esse curso foi bom. O curso para mim foi bom, apesar de tanto tempo que nós trabalhamos. Nós aprendemos muitas coisas novas, coisa que nós usamos. Isso é que foi bom mesmo.</p> <p>---</p> <p><b>3. Karla:</b> Eu avalio que foi bom. Para mim, foi bom porque trouxe melhorias. Na verdade, foi uma vantagem para nós. Foi uma grande ajuda. Esse curso foi bom demais, porque a gente aprendeu muitas coisas, sobre embalar, produzir e conservar também. Para mim foi excelente.</p> <p>---</p> <p><b>4. Joana:</b> Eu avalio que para mim foi ótimo. A forma que eu planto e cuido hoje é por causa do curso. Hoje, eu vejo que o motivo de melhorar aqui foi a ajuda que o curso me trouxe. Para mim, foi ótimo.</p> <p>---</p> <p><b>5. Mário:</b> Eu avalio que foi bom para os jovens, trouxe mais conhecimento, trouxe facilidade também. Na verdade, foi uma vantagem para nós. Foi bom demais. Nós aprendemos muitas coisas. Mas o melhor é que eu mesmo velhinho assim, me lembro de algumas coisas. Estudar só é bom.</p> <p>---</p> <p><b>6. Patrícia:</b> O curso para mim foi ótimo, muito bom. Valeu a pena e muito participar. Aprendemos muitas coisas novas. Exemplo foi a adubagem, o biofertilizante. Eu vejo que nós temos muita coisa para aprender ainda. Achamos que hoje temos uma facilidade maior para cultivar a terra.</p> <p>---</p> <p><b>7. Saulo:</b> Eu achei bom por causa do que eu aprendi, uma adubação melhor, usar melhor o solo, a terra. Precisamos nos alimentar e as nossas criações. Nós aprendemos novidades e muito boas, sobre o preparo do solo, plantio e colheita e também de armazenagem e conservação. Eu aprendi e achei muito importante.</p>

Fonte: Autor (2020).

Para refletirmos sobre a percepção dos entrevistados a respeito da utilidade do curso para os agricultores, temos que entender que o Pronatec campo foi criado para qualificar os trabalhadores rurais por meio de cursos de educação profissional e tecnológica para os jovens e adultos. Esta política educacional de ação faz parte do Programa Nacional de Educação do Campo (Pronacampo). Com as falas, observa-se que mesmo um curso de curta duração como o ofertado para estes agricultores, pode trazer benefícios, simplesmente por fazerem estes despertar para outros conhecimentos de fácil acesso e que tragam melhores produções e qualidade dos produtos.

Iniciamos a discussão sobre a percepção dos entrevistados a respeito da utilidade do curso com a fala de Albetiza. A agricultora considerou que o curso foi bom demais e teve muito aproveitamento. Ela também observou que, muitas vezes, a sala ficava tão cheia que faltavam carteiras para os alunos. Uma das primeiras utilidades do curso que podemos apontar é o despertar do interesse em aprender que ficou aceso nestas pessoas. Além disso, Albetiza deixa claro que houve aproveitamento. Joana também exprime que a ajuda que o curso lhe ofereceu

foi ótimo para si e que a forma que planta e cuida da terra atualmente foi aprendida no curso. No caso desta participante não podemos deixar de comentar que ela veio da cidade para o campo, e que, após o curso ela pôde melhorar seu canteiro de hortas, juntamente com seu marido. Portanto, é possível notar uma utilização do que foi aprendido. Seja pela carência, pelo entusiasmo ou pela qualidade do curso, parece haver uma indicação de que as aulas foram úteis, de alguma forma. Não só nesta categoria isolada, mas em cada categoria é perceptível até aqui, nas falas dos entrevistados, que há um consenso de que as aulas foram úteis e produtivas.

Em relação à fala de Mário, é importante atentar para a parte onde ele relata a importância deste conhecimento para os jovens. Segundo o entrevistado, o curso trouxe conhecimento e mais facilidade para os que vivem do trabalho no campo. Para ele, houve conversas produtivas e trocas de informações. Sua declaração “estudar só é bom”, mostra o quanto para ele isso faz diferença, e este acredita que para os jovens o estudo faz mais sentido ainda por terem toda uma vida para trabalharem e conhecerem novos ensinamentos.

Para Patrícia, mesmo trabalhando em sua casa e estudando, ela não faltava às aulas do Pronatec. Apesar de todas as ocupações, sua presença era constante. Sempre em busca de novos aprendizados, mesmo que já tivesse algum entendimento a respeito do assunto, ela participava, porque sempre havia algo interessante a relacionar ou melhorar com o que já praticava. Não são apenas conhecimentos implantados na sala de aula, mas também há aqueles formados na prática de produção, com as famílias e amigos, na convivência entre os moradores. Existe aprendizado também no lazer e nos agrupamentos sociais. A sala de aula é um espaço específico de estruturação, estudo, observação e de composição dos conhecimentos, se constituindo num espaço de encontro das diferenças, pois é estando nela que se provocam novas formas de ver e conviver com o mundo.

Assim, os entrevistados quando confrontados com a percepção que tinham sobre se o curso tinha sido útil para eles, há uma concórdia no sentido positivo para a questão. Não é de se estranhar tal fato, pois se atentarmos que anteriormente (vide seção 4.1.) havia uma carência de apoio do Estado aos agricultores do reassentamento, cursos como os ofertados pelo Pronatec, se bem executados, trariam algum benefício e seriam úteis para a melhoria produtiva dos participantes. Caldas (2008) nos lembra de como uma política pública bem executada pode beneficiar, não só os atingidos diretamente por ela, mas toda a sociedade, seja por meio da melhoria do abastecimento de alimentos locais, pelo aumento da renda dos agricultores ou pela qualidade de vida que adquirem quando melhoram a eficiência e eficácia produtiva.

No quadro 10 apresentam-se as opiniões e falas decorrentes da categoria 3.3. sobre a avaliação do curso. Procurou-se observar como os entrevistados julgam o curso, se foi positivo

ou não, de acordo com as práticas ensinadas nos dois cursos do Pronatec. E se as aulas foram adequadas para as práticas diárias dos agricultores deste reassentamento.

### Quando 10 - Avaliação positiva do curso

<b>Categoria 3 - Utilidade e aprendizado</b>
Tema 3.3 - Avaliação positiva do curso
<p><b>1. Albetiza:</b> Eu avalio que teve um bom aproveitamento aqui. Foi muito positivo para nós. ---</p> <p><b>2. Bernadete:</b> O curso trouxe troca de informações, conversamos mais um com o outro. Para mim foi bom. ---</p> <p><b>3. Karla:</b> Eu, como aluna, achei muito bom. Não faltei nenhum dia. ---</p> <p><b>4. Joana:</b> Eu avalio assim: para mim foi excelente. ---</p> <p><b>5. Mário:</b> Não houve falas nesta categoria. ---</p> <p><b>6. Patrícia:</b> Eu vejo que foi totalmente positivo. ---</p> <p><b>7. Saulo:</b> Eu vejo que veio muita coisa boa com o curso. Eu achei ótimo!</p>

Fonte: Autor (2020).

Sobre a avaliação dos entrevistados em relação à aprendizagem no curso, se foi positiva ou não, percebe-se que os participantes destes cursos fizeram uma avaliação positiva, exceto Mário que não exprimiu o que achou do curso. Porém, os demais entrevistados responderam dizendo que os cursos para eles foram muito bons. Albetiza acrescenta que teve um bom aproveitamento, indicando que as informações tiveram um valor e algum uso nos seus afazeres, objetivo ao qual o curso e o Pronatec se propunham. Cassiolato e Garcia (2014) descrevem que as ações desse programa Pronatec são voltadas ao acesso e à permanência na escola, à aprendizagem e à valorização do universo cultural das populações do campo. Segundo os mesmos, é importante levar em consideração que toda pessoa possui conhecimentos que pode transferir, construir ou reformular, através de cursos profissionalizantes, buscando um aprimoramento profissional. Mário, por sua vez, não tratou do assunto em suas falas, o que pode evidenciar um esquecimento, devido à sua idade e ao fato do curso ter sido realizado há alguns anos.

O crescente acesso das populações rurais aos processos da educação é, segundo relatos dos participantes, um fator decisivo para a produção e uso equilibrado do ambiente em seus territórios, como bem afirmam Paiva, Alves e Gomes (2019) quando dizem que a educação é uma condição importante e essencial ao desenvolvimento local. E no caso estudado, podemos afirmar que o curso trouxe novas informações e conhecimentos. Encontramos isso na fala de

Saulo, quando diz “eu vejo que veio muita coisa boa com o curso. Eu achei ótimo!”. Isso pode evidenciar que eles estejam fazendo uma correlação dos aprendizados com a utilidade de fato, em seu cotidiano campesino.

Para Guimarães (2014), aspectos como o da comunidade e da realidade local na seleção dos conteúdos escolares são importantes para permitir que o público atingido pela política pública se interesse em aprender e interpretar o conhecimento que lhe é repassado. Portanto, espera-se como ideal que os cursos oferecidos levem em consideração os conhecimentos pré-existentes. É importante que exista um resgate dentro da sala de aula, buscando a troca de informações para poderem construir novos conceitos nas diferentes áreas de conhecimento. Isso é confirmado quando Bernadete relata que “o curso trouxe troca de informações, conversamos mais um com o outro”. A troca de informações sem dúvidas ajudou no processo de construção de uma memória positiva que ficou sobre os cursos.

Vale lembrar que historicamente existem vários fatores e dificuldades para o desenvolvimento da produção agrícola familiar no Brasil. Dentre estes fatores, podemos mencionar o acesso à tecnologia, à assistência técnica à produção rural e à educação e cursos adequados à realidade destes produtores. Tudo isso talvez contribua para uma dificuldade de produção no campo para os agricultores familiares. Por isso, ações dos poderes públicos, através de órgãos responsáveis para conduzir e orientar as comunidades, como a pesquisada, surgem com o intuito de facilitar e trazer a educação no campo para estes agricultores.

Barbosa (2015) nos traz que nas políticas de reconhecimento do campo, a educação é compreendida como uma ação habilidosa para o resgate e preservação dos trabalhadores jovens e adultos do campo, podendo facilitar a manutenção destes reassentados em suas propriedades rurais. Sendo assim, políticas públicas como a do Pronatec que tem o intuito de oportunizar e melhorar as condições de produção no campo e fazem uma diferença significativa para os reassentados ora pesquisados.

Isto é complementado por Wanderley (2009) que considera que as pessoas que vivem neste Brasil rural têm necessidade de produzir e serem úteis, e que muitas vezes isso não ocorre por falta de conhecimento. Os trabalhadores do campo que não tiverem acesso à educação em suas comunidades terão dificuldades para dominar os meios de produção e garantir seus empregos e rendas em suas propriedades familiares. Esses problemas podem não acontecer se puderem participar de treinamentos e cursos. Pode-se supor que a falta do processo educativo traz poucas perspectivas para o fortalecimento e manutenção destes trabalhadores rurais em suas comunidades.

É perceptível nesta categoria uma unanimidade nas falas no sentido de avaliação positiva dos cursos que fizeram, mas, como já foi tratado anteriormente, isso pode indicar um misto de carência de apoio técnico e políticas públicas bem executadas no sentido de lhes prestar uma melhoria no conhecimento que lhes favorecem o manejo e produção da terra, da qual são intrinsecamente dependentes social, cultural e economicamente. Seria adverso entender que um grupo com tal grau de carência pudesse, numa entrevista, dizer que não gostaram ou que avaliavam negativamente os cursos. E isto é expresso nas categorias anteriormente analisadas, no sentido de “precisamos que venha mais”, o que foi explanado verbalmente em vários momentos deste capítulo, indicando não só a necessidade e a carência, mas também indicando para o receio de não lhes serem oferecidos novos cursos, caso depreciem ou critiquem o curso.

Apesar dessa possibilidade real, *in loco*, houve a percepção contrária de que, ao menos, parte do conhecimento adquirido realmente modificou a maneira de produção e isto é evidenciado na seção 4.1. deste capítulo. E de que fora de algum proveito, trazendo alguma melhoria nas técnicas de produção e manejo adotadas pelos entrevistados.

Ao final, apesar de ter-se analisado as categorias em separado, ao se olhar o conjunto que forma a presente análise, não se pode deixar de perceber que as falas, do *corpus* documental analisado, parecem exprimir que o resultado da política pública do Pronatec, ao menos para este grupo pesquisado em específico, foi importante e trouxe resultados. E é a isto que uma avaliação de políticas públicas se propõe, quanto ao fim e ao resultado.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a construção da presente dissertação procurou-se desenvolver uma observação que levasse ao entendimento mais geral entre o resultado da política pública educacional do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) sobre a agricultura familiar, a partir de um estudo de caso. Assim, foi observada a aplicação desta política pública na comunidade rural de reassentados, denominada de São Francisco de Assis, que é fruto de um deslocamento de pessoas decorrente da construção da Usina Hidrelétrica Luís Eduardo Magalhães. Estes foram transferidos para o município de Porto Nacional no estado do Tocantins. Nosso objetivo principal foi verificar se a realização dos cursos FIC do Pronatec, junto aos participantes ali residentes, resultou em impactos positivos sob suas perspectivas, mesmo com todas as dificuldades encontradas - e debatidas ao longo da pesquisa - em buscar respostas diante do problema.

Na tentativa de constatação de tal objetivo geral, se traçou os objetivos secundários. O primeiro objetivo secundário foi o de identificar a percepção dos entrevistados quanto à aquisição de conhecimentos técnicos que trouxeram melhorias no processo produtivo, e dedicou-se à seção 5.1 do quinto capítulo desta dissertação, buscando alcançar respostas através da análise de conteúdo. Nesse aspecto, encontraram-se evidências de que, sob as perspectivas dos entrevistados, houve melhorias técnicas no processo produtivo e manejo, destacando principalmente a questão do aprendizado do adubo orgânico e das técnicas melhoradas de conhecimento, preparação e uso do solo. Restando, assim, tal objetivo devidamente alcançado.

O segundo objetivo secundário, tratado na seção 5.2 do capítulo quinto, propunha verificar se os entrevistados tiveram alguma dificuldade ou problemas durante o curso. Como resultados, tem-se que, em âmbito geral, não houve dificuldades acentuadas ou problemas. Aqui os entrevistados fizeram questão de reforçar a necessidade de que novos cursos deveriam ocorrer com mais frequência que em 2019, ano em que a coleta de dados foi feita. Até aquele período, os únicos cursos e assistência técnica mais próximas, realizados com eles, os reassentados, haviam sido os cursos do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) realizados nos anos de 2013 e 2014, isto implica em que se passaram cinco anos e aquelas experiências ainda eram vívidas para eles.

O terceiro e último dos objetivos secundários, tratado na seção 5.3 do quinto capítulo, se destinou a identificar a percepção dos entrevistados quanto à utilidade pessoal e a importância dos cursos para eles. A análise revelou que para eles a percepção foi de que o curso

teria sido muito útil e muito importante, tanto na questão técnica quanto para a qualidade de vida, além do óbvio conhecimento adquirido na feitura de tais cursos.

É possível afirmar que todos os objetivos secundários foram alcançados e, por consequência, o objetivo geral também o foi. E a resposta ao problema levantado na parte inicial fora, ao nosso entender, respondido de igual maneira. Não é incorreto afirmar que por mais bem sucedidas que possam ter sido tais respostas, este estudo não teve a capacidade de explorar por completo o tema. Pelo contrário, por ser um estudo de caso, a análise limitou-se ao resultado local e pontual, não podendo ser estendido aos demais casos similares. Assim como, não possibilita um entendimento completo da questão, pois se tratou de um estudo de avaliação de políticas públicas, utilizando as perspectivas de uma amostra dos impactados gerados por ela. Não se procurou entender ou revelar a própria produção da política pública do Pronatec, nem discutir seus fundamentos. Nossa pretensão foi apenas a de entender o efeito da referida política sobre as pessoas por ela atingida, numa ínfima parcela de residentes de um pequeno reassentamento rural. Assim, há uma série de pesquisas que ainda podem ser feitas para melhor compreender o tema.

Cabe afirmar também que durante a realização da pesquisa, ainda em 2019, de início, se utilizou um método de coleta de dados do tipo grupo focal combinado com história oral. Porém, durante a execução em campo houve diversos problemas e dificuldades que impediram a aplicação de tal processo metodológico, desde várias reuniões fracassadas, em que poucos participantes apareciam às visitas, a reuniões inócuas, cujos conteúdos sequer puderam ser aproveitados. Tais insucessos nos obrigaram a uma mudança radical no processo metodológico para a aplicação de entrevista semiestruturada (como método de coleta de dados) e da análise de conteúdo, método utilizado na pesquisa e no exame dos resultados apresentados ao longo da dissertação.

Ressalto também a importância de políticas educacionais serem mais específicas, e que garantam uma maior participação e acesso aos trabalhadores, sejam rurais ou não, com material e conteúdo voltado à realidade dos envolvidos. É preciso inserir na agenda do Estado mais demandas para cursos como este. Essa foi uma percepção geral entre entrevistados e entrevistador, de que uma política pública bem elaborada, executada e contínua, pode trazer benefícios para um determinado local. Sendo assim, é possível melhorar a produtividade a partir de cursos de curta duração, como o curso Agricultor Familiar, realizado pelo Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec).

Com este apoio educacional, pode-se atender, e ao mesmo tempo estimular a que todos tenham uma melhor produção e autonomia nesta região, de forma equilibrada. Fatores

educacionais ajudam nos dois aspectos, tanto na produção mais equilibrada como na independência dos reassentados. A agricultura familiar é um fator importante e significativo para o desenvolvimento local, uma vez que possibilita emprego e renda para as famílias do reassentamento, trazendo uma utilização das terras com outras atividades, além do agronegócio e da pecuária tão intensa na região.

Portanto, a inexistência ou a ineficácia de políticas públicas pode vir a ser um fator que impeça o avanço do potencial desta agricultura familiar, e talvez possa ser a maior obstrução à viabilidade do campo ser mais equilibrado. Isso acontece, como no caso dos reassentados, quando se trata de agricultores residentes em comunidades rurais que se encontram geograficamente mais distantes das sedes dos municípios. Muitos dos entrevistados demonstraram de forma clara a vontade de ter estudado mais, no entanto, quando questionados sobre a adequação da escolaridade e as atividades que desempenham em suas unidades de trabalho, eles confirmaram ser mais ou menos satisfatória.

Ao final, espera-se que esta pesquisa tenha contribuído para o processo de desenvolvimento e ampliação do conhecimento científico e possa inspirar novas pesquisas e ampliar ainda mais o conhecimento que se tem sobre o tema, sobre a metodologia utilizada e sobre os resultados encontrados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. Fontes Oraís. História dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Oraís**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-202.

ANANIAS, Lucas Andrade. **O significado do curso do PRONATEC e a inserção no mercado de trabalho do jovem egresso do programa**. 2015. 136p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

ANEEL. **BIG-Banco de Informações de Geração: capacidade de geração do Brasil**. Disponível em <<http://www.aneel.gov.br/15.htm>> Acesso em: 14 de maio de 2005.

AYRES, R. Evolutionary economics and environmental imperatives. **Structural Change and Economic Dynamics**, v.2, n.2, p.255-73, 1991.

BARBOSA, Willer de Araújo. **Cultura Puri e Educação Popular no Município de Araponga, Minas Gerais: Duzentos Anos de Solidão em Defesa da Vida e do Meio Ambiente**. Florianópolis, 2005. Tese de Doutorado. UFSC, CED, 165 p.

BATISTA, Eloísa. **A recomposição do modo de vida dos reassentamentos rurais do setor elétrico: estudo comparativo entre Flor da Serra e São Francisco de Assis (Estado do Tocantins)**. 2009. 231f. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2009.

BORGES, Camila Delatorre; DOS SANTOS, Manoel Antônio. **Aplicações da técnica do grupo focal: fundamentos metodológicos, potencialidades e limites**. Revista da SPAGESP. Ribeirão Preto, v. 6, n. 1, p. 74-80, 2005.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 18 São Paulo: Saraiva, 1998.

BRASIL. Constituição Federal da República Federativa do Brasil - 1998. In: BRASIL, Ministério da Educação. **Educação profissional e tecnológica: legislação básica**. Brasília. 2005.

BRASIL. **Emenda Constitucional nº 90, de 15 de setembro de 2015**. Dá nova redação ao art. 6º da Constituição Federal. Diário Oficial da União: Seção 1, Brasília, DF, 15 set. 2015. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Emendas/Emc/emc90.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Emendas/Emc/emc90.htm). Acesso em: 2 jun. 2020.

BRASIL. **Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Institui as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Lei no 10.696, de 2 de julho de 2003. **Dispõe sobre a repactuação e o alongamento de dívidas oriundas de operações de crédito rural, e dá outras providências**. Brasília: Congresso Nacional, 2003.

BRASIL. **Lei Nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008b**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Diário Oficial da União, 30 dez. 2008.

BRASIL. **Lei Nº 12.513, de 26 de outubro de 2011**. Institui o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec); altera as Leis no 7.998, de 11 de janeiro de 1990, que regula o Programa do Seguro-Desemprego, o Abono Salarial e institui o Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), no 8.212, de 24 de julho de 1991, que dispõe sobre a organização da Seguridade Social e institui Plano de Custeio, no 10.260, de 12 de julho de 2001, que dispõe sobre o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior, e no 11.129, de 30 de junho de 2005, que institui o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem); e dá outras providências. Diário Oficial da União, 27 out. 2011.

CALDAS, R. W. (Coord.). **Políticas públicas: conceitos e práticas**. Belo Horizonte: SEBRAE/MG, 2008.

CARVALHO, Gildene Soares; PEDROSO NETO, Antonio José. O Programa de Aquisição de Alimentos no Tocantins: as condições sociais de realização de mercados com práticas de acesso individuais e coletivas. **Redes (St. Cruz Sul, Online)**, Santa Cruz do Sul, v. 21, n. 3, p. 258-276, set. 2016. ISSN 1982-6745. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/view/7622>>. Acesso em: 18 mar. 2020. doi:<https://doi.org/10.17058/redes.v21i3.7622>.

CASSIOLATO, Maria Martha M. C. GARCIA, Ronaldo Coutinho. **Pronatec: múltiplos arranjos e ações para ampliar o acesso à educação profissional**. Rio de Janeiro: IPEA, p.7-63, 2014. Texto para discussão/ Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

CASTRO, Daniel Ferreira de. **Avaliação do modelo formativo do Pronatec: aspectos da inserção educacional e produtiva dos egressos dos cursos de qualificação profissional do IFCE**. 2017. 187f. Dissertação (Mestrado Profissional em Avaliação de Políticas Públicas) - Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. 2017.

CAVALCANTI, N. T. F. **Diagnóstico socioeconômico do Programa de Aquisição de Alimentos no município de Monteiro-PB**. 2016. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Carlos, Araras, 2016.

CERTEAU, Michel de. **A operação historiográfica**. In: CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 65-119.

COHEN, Ernesto; FRANCO, Rolando. **Avaliação de Projetos Sociais**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

COHEN, Ernesto; FRANCO, Rolando. **Avaliação de Projetos Sociais**. Petrópolis, Vozes, 2004.

COSTA, F. L.; CASTANHAR, J. C. Avaliação de Programas Públicos: desafios conceituais e metodológicos. **Revista de Administração Pública**. Rio de Janeiro, Set./Out. 2003.

COTTA, Tereza C. Metodologias de Avaliação de Programas e Projetos Sociais: análise de resultados e de impacto. Brasília, **Revista do Serviço Público**, ano 49, n. 2, abr./jun., 1998.

COZENDEY, C. M. **Green Economy as a programme for sustainable development**. In: UNCTAD. The Road to Rio+20: for a development-led green economy. New York; Geneva: United Nations, 2011. p.39-45.

CUNHA, Luiz Antônio. **O ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravocrata**. 2.ed. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: FLACSO, 2005.

DA FONSECA, Janilson Gomes; FERREIRA DOS SANTOS, Maria Aparecida. **PRONATEC FIC: uma avaliação da eficiência, eficácia e da efetividade dos cursos oferecidos pelo programa**. Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica, [S.l.], v. 1, n. 16, p. e 7860, mar. 2019. ISSN 2447-1801. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/7860>>. Acesso em: 30 jun. 2020. doi:<https://doi.org/10.15628/rbept.2019.7860>.

DASGUPTA, C. **Reflections on the relationship between the “green economy” and sustainable development**. In: UNCTAD. The Road to Rio+20: for a development-led green economy. New York; Geneva: United Nations, 2011. p.33-5.

DE SOUZA, Maria Luisa Hilleshein. **Avaliação da efetividade dos principais cursos FIC Pronatec do Instituto Federal de Santa Catarina: benchmarking com cursos técnicos de longa duração**. Orientador: Dr. Alexandre Nascimento de Almeida. 2016. 72 p. Dissertação (Mestrado em Gestão Pública) - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB, Brasília, DF, 2016.

DELGADO, G. C.; CONCEIÇÃO, J. C. P.; OLIVEIRA, J. J. **Avaliação do Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar (PAA)**. Brasília: Ipea, 2005. (Texto para Discussão, n. 1145).

DINIZ, Eliezer M .; BERMANN, Celio. Economia verde e sustentabilidade. **Estud. av.** , São Paulo, v. 26, n. 74, pág. 323-330, 2012. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142012000100024&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142012000100024&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 25 de Nov. de 2019.

DORNELLES, Rachel Pereira. **Avaliação da Educação Profissional: um estudo sobre indicadores educacionais específicos**. 138f. Dissertação. Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, 2011.

FAO – Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura; INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **Diretrizes de política agrária e desenvolvimento sustentável: resumo do relatório final do Projeto UTF/BRA/036**. Brasília: FAO; Incra, 1995. v. 2.

FAO – Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura; INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.. **Novo retrato da agricultura familiar: o Brasil redescoberto**. Brasília: FAO; Incra, 2000.

FARAH, M. F. S. **Temas emergentes em gestão e políticas públicas: tendências gerais**. Cadernos Gestão Pública e Cidadania, Brasília, DF, n. 48, p. 43-66, jan./jun. 2006.

FERREIRA, N. Z.; CRUZ, J. C. F. **Mercado institucional como fortalecedor da agricultura familiar e promotor da segurança alimentar e nutricional**. Revista Capital Científico – Eletrônica, Guarapuava, v. 11, n. 2, p. 1-14, maio/ago. 2013.

GIANEZINI, Kelly; BARRETTO, Letícia Manique; GIANEZINI, Miguelangelo; LAUXEN, Sirlei de Lourdes; BARBOSA, Gabriel Dario; VIEIRA, Reginaldo de Souza. **Revista de Políticas Públicas**. Políticas Públicas: definições, processos e constructos no século XXI, [s. l.], ano 2017, v. 21, n. 02, p. 1-20, 8 mar. 2017. DOI <http://dx.doi.org/10.18764/2178-2865.v21n2p1065-1084>. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/8262>. Acesso em: 20 mar. 2020.

GRISA, C.; SCHNEIDER, S. **Três gerações de políticas públicas para a agricultura familiar e formas de interação entre sociedade e Estado no Brasil**. In: \_\_\_\_\_. Políticas públicas de desenvolvimento rural no Brasil. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015.

IANNI, Octavio. **Teorias da Globalização**. 4<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

IBGE. **Censo agropecuário, 2017**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=73096>. Acesso em: 20 mar. 2020.

KEMP, R.; SOETE, L. Inside the "green box": on the economics of technological change and the environment. In: FREEMAN, C.; SOETE, L. (Ed.) **New explorations in the economics of technical change**. London: Pinter Publishers, 1990. p. 245-57.

LA ROVERE, Emílio Lebre; MENDES, Francisco Eduardo. **Estudo de Caso da Comissão Mundial de Barragem: Usina Hidrelétrica de Tucuruí, Brasil**. Rio de Janeiro: COPPE/UFRJ, 2000.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo, et. al. **História oral e pesquisa sociológica: a experiência do CERU**. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2001.

LE GOFF, Jacques. Documento Monumento. In: LE GOFF, Jacques (coord). **Memória e História**. Enciclopédia Einaudi. v. 1. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984, p. 95-106.

LOPES, Brenner; AMARAL, Jefferson Ney (ed.). **Políticas Públicas: conceitos e práticas**. Belo Horizonte: Casa de Editoração e Arte Ltda, 2008. 48 p. v. 7. Disponível em: [http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS\\_CHRONUS/bds/bds.nsf/E0008A0F54CD3D43832575A80057019E/\\$File/NT00040D52.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/E0008A0F54CD3D43832575A80057019E/$File/NT00040D52.pdf). Acesso em: 6 abr. 2020.

LUSTOSA, M. C. J. **Inovação e tecnologia para uma economia verde: questões fundamentais. Política Ambiental**. Economia verde: Desafios e Oportunidades, Belo Horizonte, n.8, p.111-22, jun. 2011.

LUSTOSA, M. C. J. **Meio ambiente, inovação e competitividade na indústria brasileira: a cadeia produtiva do petróleo**. 2002. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

MAGALHÃES, Guilherme Lins de; CASTIONI, Remi. **Educação Profissional no Brasil – expansão para quem?**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 27, n. 105, p. 732-754, Dec. 2019. Acessado em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40362019000400732&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362019000400732&lng=en&nrm=iso)>. access on 02 June 2020.

MALUF, R. S. ; CARNEIRO, M. J. T. **Multifuncionalidade da agricultura familiar**. Cadernos do CEAM, v. 5, n. 17, p. 43-58, 2005.

MATTAR, F. **Pesquisa de marketing**. Ed. Atlas. 1996.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2005.

MENESTRINO, E.; PARENTE, T. G. **O estudo das territorialidades dos povos tradicionais impactados pelos Empreendimentos Hidrelétricos no Tocantins**. Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities research medium, v. 2, n. 1, p. 1–19, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 5. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1998.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MOURA, Dante Henrique. **A relação entre a educação profissional e a educação básica na Conae 2010: possibilidades e limites para a construção do novo Plano Nacional de Educação**. Educação e Sociedade. São Paulo: Cortez; Campinas: Cedes.- Vol.31,n.112,p.875-894, jul.set., 2010. ISSN 0101- 7330

MOURA, Dante Henrique. **A relação entre a educação profissional e a educação básica na Conae 2010: possibilidades e limites para a construção do novo Plano Nacional de Educação**. Educação e Sociedade. São Paulo: Cortez; Campinas: Cedes.- Vol.31,n.112,p.875-894, jul.set., 2010. ISSN 0101- 7330.

MÜLLER, A. L. **A construção de políticas públicas para a agricultura familiar no Brasil: o caso do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA)**. 2007. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.  
n. 1, p. 1–19, 2011.

NASCIMENTO, Sandra Portela do. **A formação profissional e empregabilidade dos egressos do PRONATEC: análise do caso IFPI**. 2019. 121f. Dissertação (Mestrado em Gestão Pública) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2019.

PACHECO, Juliana Thaisa Rodrigues. KAWANISHI, Juliana Yuri. Nascimento, RAFAELLY do. **Meio ambiente e desenvolvimento sustentável** [recurso eletrônico] / Organizadoras Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco, Juliana Yuri Kawanishi, Rafaelly do Nascimento. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.

PORTER, M. E. America's green strategy. **Scientific American**, v.264, p.168, 1991.

PORTER, M. E.; Van der LINDE, C. Green and competitive: ending the stalemate. **Harvard Business Review**, p.120-34, Sep.-Oct.1995a.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O MEIO AMBIENTE (PNUMA), 2011. **Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável e a Erradicação da Pobreza – Síntese para Tomadores de Decisão**. Disponível em < [www.unep.org/greeneconomyPNUMA](http://www.unep.org/greeneconomyPNUMA)>. Acesso em 27 Jan. 2020.

RAMOS, Marise. **Ensino Médio Integrado: ciência, trabalho e cultura na relação entre educação profissional e básica**. In: MOLL, Jaqueline (Org.). Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: Desafios, tensões e possibilidades. Porto Alegre: Artmed, 2010.

RIBEIRO, Gustavo Lins. **Empresas transnacionais: um grande projeto por dentro**. São Paulo: Marco Zero: ANPOCS, 1991.

ROMEIRO, A. R. **Agricultura para uma economia verde**. Política Ambiental. Economia Verde: Desafios e Oportunidades, Belo Horizonte, n.8, p.123-30, jun. 2011.

SACHS, Ignacy. Do aproveitamento racional da natureza a boa sociedade. In STROH, Paula Yone (Org.). **Ignacy Sachs: caminhos para o desenvolvimento sustentável**. 3. ed. Rio de Janeiro: Garamound, 2002. p. 47-64.

SANTOS, A. R. et al. Agricultura familiar e segurança alimentar e nutricional: análise dos resultados do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA Doação Simultânea) nos estados da Bahia e Minas Gerais. **Cadernos Gestão Social**, Salvador, v. 3, n. 1, p. 9-24, 2012.

SANTOS, Shilton Roque dos. **Avaliação participativa de resultados sociais do PRONATEC Campo**. 2018. 186f. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Natal, 2018.

SAWYER, D. **Economia verde e/ou desenvolvimento sustentável?** Política Ambiental. Economia Verde: Desafios e Oportunidades, Belo Horizonte, n.8, p.36-42, jun. 2011.

SCHNEIDER, S. (Org.) **A diversidade da agricultura familiar**. Porto Alegre, Ed. UFRGS, 2006.

SCHNEIDER, S. et al. **A pluriatividade e as condições de vida dos agricultores familiares do Rio Grande do Sul**. In: SCHNEIDER, S. (Org.). A diversidade da agricultura familiar. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006. p.137-164.

SECCHI, Leonardo. **Políticas Públicas. Conceitos, esquemas de análises, casos práticos**. 2º ed. São Paulo: Cengage Learning. 2014.

SEROA DA MOTTA, R.; DUBEUX, C. B. S. **Mensuração nas políticas de transição rumo à economia verde**. Política Ambiental. Economia Verde: Desafios e Oportunidades, Belo Horizonte, n.8, p.197-207, jun. 2011.

SILVA JUNIOR, J. M. da. **Reassentamentos rurais da usina hidrelétrica Luis Eduardo Magalhaes – Tocantins**: a efetividade do programa de remanejamento populacional quanto a sua sustentabilidade socioambiental. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Ciências do Ambiente. Universidade Federal do Tocantins, 2005. 142 p.

SILVA, J. G.; GROSSI, M. E. D.; FRANÇA, C. G. (Orgs.). **Fome Zero: a experiência brasileira**. Brasília: MDA, 2010.

SIMÕES, Armando (2013): Entrevista Evert Vedung. In: **Revista Brasileira de Monitoramento e Avaliação**, n. 6, p. 80-91.

SILVA, M. L. S.; BAPTISTA, G. C. S. Conhecimento tradicional como instrumento para dinamização do currículo e ensino de ciências. **Gaia Scientia**, v. 12, n. 4, 21 jan. 2019.

SOUZA, C. **Políticas Públicas: uma revisão da literatura**. Sociologias, Porto Alegre, v. 8, n. 16, p. 20-45, jul./dez. 2006.

SOUZA, Flávio Eliziario de. **Educação Profissional e Tecnológica: Análise do Pronatec no Campus de Paraíso do Tocantins do IFTO**. 2015. 132f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão de Políticas Públicas) - Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2015.

VEDUNG, E. **Models of Evaluation (cap. 4)**. In Vedung, E. **Public Policy and Program Evaluation**. New York: Routledge, 2017. (First Published by Taylor and Francis 1997).

VEDUNG, Evert, 1997, **Políticas Públicas e Avaliação de Programas**, 209-245, Piscataway, NJ e Londres: transação.

VERDUM, Ricardo. (2007), “**Obras de infraestrutura no contexto da integração sul-americana**”, in VERDUM, Ricardo (org.), **Integração, usinas hidroelétricas e impactos socioambientais**, Brasília, Inesc, pp. 13-40.

WANDERLEY, M. N. B. **Raízes históricas do campesinato brasileiro**. In: João Carlos Tedesco. (Org.). **Agricultura familiar: realidades e perspectivas**. 1ed. Passo Fundo, RS: universidade de Passo Fundo, 1999.

WANDERLEY, M. N. **O lugar dos rurais: o meio rural no Brasil moderno**. Trabalho apresentado no XXI Encontro da ANPOCS, Caxambu, MG. 1997.

ZITZKE, Valdir Aquino. **A rede sociotécnica da Usina Hidrelétrica do Lajeado (TO) e os reassentamentos rurais das famílias atingidas**. 2007. Tese de Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. 2007. 316 p.

## APÊNDICES

### Apêndice A – Roteiro das entrevistas semiestruturadas realizadas com os agricultores reassentados.

Questionário nº \_\_\_\_\_

I - Dados socioeconômicos

1 – Nome da Propriedade:

2 – Idade:

3. Sexo:

4. Estado Civil:

5. Escolaridade:

( ) Ensino Fundamental incompleto

( ) Ensino Fundamental completo

( ) Ensino Médio incompleto

( ) Ensino Médio completo

( ) analfabeto

( ) alfabetizado.

6. Tempo de residência na propriedade:

II capacitação rural

07. Se o reassentado recebeu alguma assistência técnica ou orientação municipal ou estadual ou federal excluindo-se o Pronatec?

( ) Sim      ( ) Não

( ) Ocasionalmente (esporadicamente)      ( ) Regularmente.

Qual

08. Houve dificuldades de entendimento do conteúdo durante a realização do curso no Pronatec?

Sim ( )

Não ( )

quais?

09. Se houve dificuldades, o que poderia ser feito para amenizar ou solucionar as dificuldades encontradas do curso?

10. Houve ou não mudança de espécie cultivada antes do curso do Pronatec. E como era feito o plantio (etapas), e como é feito hoje?

11. De que forma os conhecimentos adquiridos no curso Gestão de Agricultura Familiar contribuiu para uma melhoria na produção agrícola Ou nas etapas comercialização? E na sua qualidade de vida?

12. Você achou útil o treinamento em Gestão de Agricultura Familiar?

13. Como você aluno avalia o curso oferecido do PRONATEC, pelo IFTO, Gestão de Agricultura Familiar?

## Apêndice B – Entrevistas

### Entrevista com Albetiza

#### I Dados socioeconômicos

1 – **Nome da Propriedade:**

2 – **Idade:**

3. **Sexo:**

4. **Estado Civil:**

5. **Escolaridade:**

( ) Ensino Fundamental incompleto

( ) Ensino Fundamental completo

( ) Ensino Médio incompleto

( ) Ensino Médio completo

( ) analfabeto

( ) alfabetizado.

6. **Tempo de residência na propriedade:** Já estamos aqui há 18 anos.

#### II capacitação rural

07. **Se o reassentado recebeu alguma assistência técnica ou orientação municipal ou estadual ou federal excluindo-se o Pronatec?**

(X) Sim ( ) Não

( ) Ocasionalmente (esporadicamente) ( ) Regularmente.

Qual

Resp.: Questão 07 - Sim, alguns do Ruraltins e o outro foi do Pronatec também, que nós tivemos 1 no de curso, que aí no outro ano teve o outro também do Pronatec que nós tivemos dois cursos um curso foi de capacitação para a produção rural, e também tudo que nós mexe aqui, tudo que nós fazia também, no dia de aula que nós levava tudo lá para escola para esclarecer lá e o que nós não, não tinha esclarecimento os professores passava lá pra gente na escola.

08. **Houve dificuldades de entendimento do conteúdo durante a realização do curso no Pronatec?**

Sim ( )

Não (X)

quais?

Resp.: Questão 08 - Não, não porque o curso era bem claro, bem esclarecido, prático mesmo e assim o professor procurava assim passar para nós da maneira mesmo que nós entendia, muito bom, mais fácil, sabe foi muito bom, bem claro e bem ensinado foi feito com muito cuidado e muita atenção pa ensina direitinho pra gente mesmo.

**09. Se houve dificuldades, o que poderia ser feito para amenizar ou solucionar as dificuldades encontradas do curso?**

Não assim não teve muita dificuldade não, nesse tempo assim o professor procurava ajudar nós de toda maneira, muitas vezes nós não podia ter aquele aula assim, mais muitas vezes o professor acrescentava as horas e as atividades em outra aulas, tinha algumas atividades que nós fazia aqui na chácara sabe que aí já falei que talvez fosse atrapalhar lá na sala aí nós já reprogramava tudo e aí ele dava tudo certo combinado nós conversava para ver o que nós íamos fazer no dia seguinte o que, que ia no dia das aulas no dia que nós tinha tarefa daqui da chácara para fazer aí ele adiava e enviava aula aí no outro dia era bem continuar.

**10. Houve ou não mudança de espécie cultivada antes do curso do Pronatec. E como era feito o plantio (etapas), e como é feito hoje?**

Não nós continuamos com a mesma produção dos produtos mesmo depois de novos conhecimentos porque aqui nós fazíamos e plantávamos na terra o que nós vendemos bem mesmo, e os produtos são os produtos que nós já vendíamos cheiro verde, farinha, e o que nós fazia mesmo sabe, nós não tinha como mudar o produto mais o plantio da terra sim, nós só não sabia melhora as coisa, não tinha conhecimento de como manejar a terra e aí o curso veio para aprimorar, aperfeiçoar nosso conhecimento assim aí hoje nós já, nós já faz o próprio adubo, nós já faz o próprio canteiro que é diferente, e também o biofertilizante que nós aprendeu a fazer também para jogar na planta para não jogar veneno, nesse mesmo tempo que nós fizemos esse curso nós fizemos também o da Ruraltins, então o curso do Pronatec melhorou o plantio de hortaliças que nós já tinha, nós trouxe desde pequeno esse jeito de planta para nossa terra, que nós vivia e plantava antigamente, antigamente nós só plantava e pronto, nós não precisava de nada dessas coisas “adubo e fertilizantes”, que antigamente a Terra era boa, já hoje não, hoje você tem que jogar veneno e muito nas plantas, muito mesmo, aí assim eles acham “Ruraltins e Professores do curso” que não é certo nós ficar mexendo com essas coisas de veneno não, porque assim, nós comia dessas coisas né, nas planta, aí ele “Ruraltins e Professores do curso” a procurou uma maneira melhor assim para se nós melhora-se nosso alimento que inclusive que

esse curso que nós fizemos da Ruraltins ajudou muito, e foi pra isso né, melhorar nosso alimento que nós come na mesa né e vende na feira. Era assim mesmo como era, passando de pai para filho aprendendo com seus pais e familiares porque nós aprendemos também com nosso pais, as pessoa vão aprendendo né lidar com a terra e de melhorar a condição da terra né, por isso que hoje tem a rotação de cultura né, que é bom que tem a rotação de Cultura, porque antes não acho que nós não estava plantando aqui nós estava plantando ali, hoje não assim você tira o feijão para você consumir feijão e ao mesmo tempo você pode plantar e tira da terra o milho né antes não, e hoje você plantar ele junto, e antes nós não plantava assim tinha que ser um pedaço de uma coisa e um pedaço de outra coisa e assim ia, fomo aprendendo não é como lidar com a terra, e melhorar a condição dela, sem precisar está jogando veneno. E isso o curso ensino. Depois do Pronatec do curso que nos fizemos nos aprendemos que pode plantar um pedacinho de terra para várias coisas no pedaço e de outra e assim só vão aprendendo né lidar com a terra e de melhorar as pranta né sem precisar tá jogando veneno sem precisar porque é ali onde que você joga o veneno acaba com tudo até com adubação dentro da terra, acaba com tudo mesmo, que você fez porque a depois se você for plantar depois já não serve, igual esse ano nós plantamos o milho e depois nós plantamos a mandioca aí quando nós tiro o milho a mandioca ficou dentro da terra, aí depois nós plantamos o mi e o feijão aí tiramos o feijão primeiro e o mil ficou então isso é uma rotação de cultura, e isso que me ensinou o curso foi o tipo de produto então que é mais saudável para a plantada aqui na chácara, sem veneno e com adubo feito por nós mesmo. Os produtos que mais eu planto é um milho e a mandioca e o feijão, e nós não deixamos de plantar porque tem a galinha né e tem as coisas da feira que a mandioca eu faço para a farinha que é mais fácil para eu levar para feira, mais mesmo os mais utilizados são, o milho a mandioca mais tem algumas frutas né e hortaliças pouquinhos cheiro verde e pimenta tem também, e tudo é para nós e para venda.

**11. De que forma os conhecimentos adquiridos no curso Gestão de Agricultura Familiar contribuiu para uma melhoria na produção agrícola Ou nas etapas comercialização? E na sua qualidade de vida?**

Não assim só melhorou mais assim o conhecimento da Por que antigamente a gente prantava na enxada né, aí hoje tem as máquinas tem um trator você viu né na entrada da roça, igual assim por exemplo com esse trator aqui né, aí foi os meninos aí e foi e comprou um abridor e um arador aí abre a terra e aí a gente só joga a mandioca dentro da terra e pronto tá prantado, hoje só precisa de duas pessoas pra todo o serviço, só duas pessoas plantam um alqueire de mandioca só num minutinho e antes, nós levava era mês, mês meu filho. E agora é rápida então

a forma de plantar nossa foi mudado de assim, conhecendo assim pra pranta com adubo natural, e o lugar de pranta e aí com esse trator a gente pranta e colhi melhor, mesmo, mesmo o que mudou foi a mecanização e aprender o lugar certo com o curso, a gente só mudou a mecanização e o local de pranta, e no caso e no caso o curso contribuiu bastante e esse curso melhorou e melhorou e muito hoje nós temos outra visão né e cultivar e como cultivar as coisa. Agora o que melhorou mesmo foi que hoje a gente tem outra visão né o curso trouxe melhor qualidade de preparo e cultivo, com conhecimento que melhorou tudo aqui pra nós é porque quando você fica muito assim para cá para roça do assentamento no assentamento o que está fazendo a cidade né, você quase não sabe do que tá acontecendo melhor lá, esse curso, assim esse curso ele veio, ele veio para melhorar nossa vida né, com conhecimento se melhora tudo de muitas pessoas a vida nós e muitas pessoas. Tinham muitas pessoas apagadas, assim tristes né com a produção com plantio o curso melhorou demais a depois do curso, as pessoas tem outra visão hoje, a gente não conversava assim, e hoje a gente via outra visão, as pessoas só via que tá difícil, aí hoje também tem outra visão sobre relação entre nós e as coisas, até sobre as pessoas mesmo sabe não só sobre o solo e a terra os conhecimentos melhorou o cultivo plantio de tudo mesmo, mas como pessoa sobre as pessoas as pessoas ficam mais interagidos sabe o curso foi bom demais no muitas pessoas aqui falaram com as outras, as pessoas eram muito distante uniu muito a gente trouxe troca de informações o pessoal conversou mais, com umas com outas e aí mais próxima mais amigo passamos a conversar mais depois do curso assim nós fica muito amigo tinha pessoa assim que a gente nem se falava nada aí depois do curso passamos a falar mais cumprimentar mais as pessoas né passamos a visitar então, o curso o trouxe tudo isso com o curso também trouxe tudo isso.

## **12. Você achou útil o treinamento em Gestão de Agricultura Familiar?**

Sim é que nós plantávamos mais nós não tinha conhecimento bastante assim, pra saber o melhor local e como fazer para ser certo, nós prantava, só que era de forma artesanal e não era o correto local a gente não prantava correto como deveria fazer para manter o produto melhor na terra por quê por exemplo, por exemplo se você for pranta hoje por exemplo eu vou plantar no lugar que a Terra é boa, dentro da minha terra né, onde é mio né, e antes não nós não estava nem aí não tinha conhecimento da terra e nós tivemos, tivemos o conhecimento sobre como melhorar um pouco a terra e onde era melhor, e fizemos na prática nós pegava nós pegamos até fizemos um canteiro aqui uma aula experimental aqui pegamos um solo aqui e outro solo ali e vimos o que era bom e o que era melhor e o que mais era certo, porque chegando lá na escola nós fizemos lá uma experiência lá com um professor e aí nós vimos que um era

mio que outro solo, e aí nós vemos o solo que nós temos bom para fazer o plantio, para aquele tipo de plantio que ia fazer, e nós tinha escolhido o que não prestava, risos, sê vê né, que conhecimento ajuda né, com essa experiência nós ficamos mais atento, e antes nós não tinha conhecimento da terra e assim nós fizemos uma aula sobre o solo e tivemos na prática como eu falei nós e nós fizemos aí assim tudo isso nós tivemos e fizemos em aula e isso foi bom, foi bom demais porque trouxe conhecimento demais para gente, hoje assim, eu sei, igual eu vou plantar eu sei se a terra é boa ou não, é bom isso né, aí eu escolho o melhor lugar, isso foi bom demais para nós.

### **13. Como você aluno avalia o curso oferecido do PRONATEC, pelo IFTO, Gestão de Agricultura Familiar?**

Teve muito aproveitamento assim porque com curso assim até que nós pedimos e pedimos, até outro e mais curso, que o professor não conseguiu mais que a gente queria fazer outro, e outro curso, mais curso seria bom, o que o curso mostrou foi bom demais ele teve muito aproveitamento era tanto que a sala era cheia às vezes não tinha nem carteira pá senta lá, mais que a gente gostava tanto do que a gente aprendia que pegava qualquer coisa para senta mesmo, e ia, se a gente chegar atrasado, mas ia chegar, é que nós tinha as coisas pa fazer em casa para fazer, aí assim a gente atrasava mais vinha assim com vontade, ninguém faltava, ninguém faltava era uma coisa mesmo assim era bom demais e passou rápido meu Deus do céu e nós falamos com o professor arruma outro curso para nós lá, pedimos para ver se ele arrumo outro curso mas aí não teve como ele arrumar, ele não conseguiu, o que bagunçou lá eu não sei o que que foi, aí não conseguimos mas curso, mais que foi bom foi, todo mundo gostou era tão tanto bom que ninguém faltava que ninguém faltava e podia tá chovendo podia, podia ter o problema que fosse nós íamos mesmo, mesmo, todo mundo num faltava, ninguém faltava nada, ninguém, foi bom demais então eu vejo assim a necessidade para outros cursos ou até mesmo para o mesmo curso a gente aprender mais porque assim esse curso que teve foi bom demais e muitas outras coisas que teve muitas outras coisas, dentro do curso bom, foi muito bom, muito mesmo, mesmo com os menino lá na escola, não tinha problema a aula, e nois não faltava e era de tarde a tarde era de tarde porque de manhã era complicado por causa das nossas coisas da roça mas de tarde era bom demais à tarde parece que todo mundo ia sem falta e à tarde passava rápida demais, quando nós pensava já dava a hora de ir embora mas no outro dia nós já estava lá esperando as aulas dia seguinte ninguém faltava então assim eu acho que deveria ter outro assim mas tomara que vem, tomara eu fiquei triste quando num teve, e eu quero que venha mais.

## Entrevista com Bernadete

### I Dados socioeconômicos

1 – **Nome da Propriedade:**

2 – **Idade:**

3. **Sexo:**

4. **Estado Civil:**

5. **Escolaridade:**

( ) Ensino Fundamental incompleto

( ) Ensino Fundamental completo

( ) Ensino Médio incompleto

( ) Ensino Médio completo

( ) analfabeto

( ) alfabetizado.

6. **Tempo de residência na propriedade:**

### II capacitação rural

07. **Se o reassentado recebeu alguma assistência técnica ou orientação municipal ou estadual ou federal excluindo-se o Pronatec?**

(X) Sim      ( ) Não

( ) Ocasionalmente (esporadicamente)      ( ) Regularmente.

Qual

Resp.: Questão 07

Hoje nós não temos assistência nenhuma e tá muito distante ficou muito difícil distante da feira que nós íamos de bicicleta era mais perto era mais fácil a pé ate nós ía, e aqui quem é que consegue ir lá em Palmas um pouco de bicicleta ou a pé não vai, não vai, e sobre a assistência rural aqui nós teve só a da Ruraltins e da Coopter muito pouco, que para mim que é de idade não ajudou muito. Que esse Governo do Estado, traga curso mesmo, curso bom de novo né, só recebendo ajuda de curso que a agricultura melhora. Muito antes nós recebeu um curso do professor, que é um curso que não me lembro, mais tenho o diploma aqui, é mesmo do Pronatec, esse foi bom demais, só durou pouco né, mais foi bom demais mesmo.

**08. Houve dificuldades de entendimento do conteúdo durante a realização do curso no Pronatec?**

Sim ( )

Não (X)

quais?

Resp.: Questão 08

Houve assim na hora da escrita a gente que não estudou mesmo assim, mas tudo bom para gente aprender a gente teve dificuldade mas aí da hora que partiu para a gente fazer a prática aí a gente teve mais facilidade então para mim a parte melhor do curso foi prática porque você vai para o campo vai ver com o professor como é que a gente planta certo correto os canteiros como é que planta direitinho como é que faz canteiro ali eu tenho um barraquinho lá, ali ó ali, eu guardo tudo lá, e bem ali mesmo eu fiz um canteiro novo na prática com o professor, e os meninos “Roosevelt” que não participou do curso veio vê e vai acompanhando também e aprendendo também, e ficou bom porque é nesse barraco que a gente guarda todas as ferramentas guardando tudo, aí ficou mais perto das pranta, e os meninos vizinho também vão acompanhando sempre, todo mundo acompanhando porque o Professor fez aqui a prática, fizeram bem aí, o professor dava aula na parte prática aqui pá gente, perto, e aqui e na escola também tinha aula prática e de escreve, aí a gente ia na escola e depois a gente vinha aqui na roça mesmo fazendo na prática na terra nossa.

**09. Se houve dificuldades, o que poderia ser feito para amenizar ou solucionar as dificuldades encontradas do curso?**

Tive, tive dificuldade assim, porque assim, que eu achava melhor, eu acho que era de uma escola que o curso era direto né a gente precisa assim desse curso para jovem e adulto aquelas pessoas que não têm oportunidade porque começou aí esse Pronatec e tem que ter mais, mas aí parou, parou não sei o que aconteceu que não teve mais aí parou a gente que não tem que ficar aqui é só mexendo aqui na roça na galinha criando porco, aí você não vai para escola você não estuda mais aí o que é que acontece você vai só indo para lá em baixo no trabalho, aí eu acho que tinha que ter um curso assim pelo menos uma vez por ano que fosse duas vezes por ano e aí a gente ficou bom nas coisa, porque vem coisa nova, e podia não ter para o curso, o tempo todo a gente podia ter né, então a dificuldade maior é o curso vir até nois, vindo fica bom o curso que é bom pa gente tem que vir até nois porque a gente não pode para de trabalhar, o trabalho aqui é grande mesmo com a idade, e não dá para ir na cidade todo dia fazer estudo lá mais aqui, quando vem o curso até nós era muito mais melhor.

**10. Houve ou não mudança de espécie cultivada antes do curso do Pronatec. E como era feito o plantio (etapas), e como é feito hoje?**

Então hoje nós pagamos os mesmos produtos os mesmos, mas com ajuda do curso melhorou o canteiro plantio a área e a gente acabou aprendendo a escolher o melhor pedacinho de terra aqui foi muito bom nisso aí também teve o adubo e os biofertilizantes que nós fizemos e foi muito bom melhorou, mas os produtos são mesmo produção mesmo nós não mudamos a posição o que é mais fácil para nós e é o que nós mais usamos que eu me feijão o cheiro verde e a mandioca que a gente usa também para comer e para fazer um pouco de farinha.

É o mais comum mesmo é a mandioca o milho o feijão e o cheiro verde também porque a gente planta na época antes de internar muito a gente ainda consegue produzir no verão a gente não produz e por falta da água também e temos esse grande problema aqui falta de água tem água, mas não é suficiente para a gente plantar e cultivar direto às vezes a água falta e a gente segura para limpar uma vasilha tomar um banho aí tem dificuldade de água e quando o curso veio no Pronatec eu já plantava mandioca feijão e o cheiro verde, mas concurso melhorou muito a quantidade que a gente planta melhorou muito. E o curso trouxe né conhecimento informação para gente melhorar já que nós já tínhamos já o que nós fazia ajudou ensinando a gente a fazer adubação orgânica O professor falou muito com a gente sobre adubação orgânica como fazer e como usar porque eu já eu das coisas para produzir eu já não gosto de jogar veneno nunca joguei, mas aí com mais essas aulas que a gente recebeu esse curso que a gente recebeu esse curso a gente fica mais atento ainda para não causar mal algum mesmo. então assim nossa do bairro aqui é toda natural toda natural isso foi trazer para nós pelo treinamento que nós tivemos no Pronatec um pouco pelos pratinhos, mas grande mesmo parte foi do Pronatec. Tem sim tem a época certinha de plantar a mandioca o milho feijão Cheiro Verde tem a neta tá certinha de plantar agora é uma época boa de plantar a época de plantar e agora na época da chuva e com o treinamento melhorou ou piorou melhorou bastante porque aí a gente sempre vai na época certa e usa a forma certa de plantar né porque aí a gente já planta mandioca aí No outro ano a gente já tem que plantar a mandioca de novo milho depois do milho e feijão aí a gente já pode cantar outra coisa.

**11. De que forma os conhecimentos adquiridos no curso Gestão de Agricultura Familiar contribuiu para uma melhoria na produção agrícola Ou nas etapas comercialização? E na sua qualidade de vida?**

Assim que nessa época do inverno a gente a gente produzi só que a gente ainda não consegue produzir muito aí não é para você, por exemplo, cheiro-verde cebola ela não gosta de chuva aí na época do verão a gente não produz e por falta da água e na época da chuva a gente tem dificuldade porque eles não gostam da água aí é a mesma coisa nem a mesma coisa a mesma quantidade o que falta um pouco no verão e chove muito no inverno, mas com a questão da adubação e do biofertilizante melhorou em muito, mas a gente não consegue produzir muito.

## **12. Você achou útil o treinamento em Gestão de Agricultura Familiar?**

Nossa melhorou por causa do curso melhoramos os canteiros direitinho de plantar e na hora mais correta, cada produto que a gente utiliza que são os mesmos produtos sempre, melhorou sim, melhorou bastante e mudou um pouco a forma de plantar. Porque hoje a gente usa adubação orgânica escolhe o melhor momento e o pedacinho de terra né e coloca os produtos a semente na terra mais de uma forma mais fácil os treinamento que nós tivemos foi ensinado assim a gente fazendo mesmo sabe, e o professor acompanhando eu lembro disso, até na forma de misturar ele olhava e falava, precisa esperar uns dias né precisa esperar e aí esparramar onde a gente vai plantar e isso facilito a planta cresce mais forte, a planta fica mais bonita, e isso é bom, e o importante também é que eles ensinaram a gente fazer a adubação e pediram para a gente tomar muito cuidado ensinando e mostrando como é que é para fazer pedindo sempre para gente tomar cuidado com a esquentação que não pode esquentar muito né tem que tomar cuidado e também mostrar para gente qual é o momento correto da gente colocar na terra para gente plantar pedindo para gente tomar cuidado com esquentamento porque se esquentar muito aí queima a semente aí não nasce nada você tem que sempre estar verificando para não queimar tem que tá jogando uma água mexendo aí foi muito bom esse treinamento de adubação e de escolha da terra do local da melhor área e o meu plantio hoje é mecanizado porque nós somos muito aqui na frente amigo irmão e acabamos comprando uma máquina para facilitar para gente plantar a mandioca né aí a gente usa essa máquina que é um trator só para gradear para ligação da terra mas jogar a planta a semente né na terra é nós mesmo aí nós faz aqui com os amigos com os irmãos todo mundo se ajuda, aí a gente já fazia a grade ação antes do curso mas com a chegada do curso com a chegada da do ensino da dublagem ficou muito melhor para gradear a terra e mais fácil para planta nascer para gente plantar para a gente continuar .

## **13. Como você aluno avalia o curso oferecido do PRONATEC, pelo IFTO, Gestão de Agricultura Familiar?**

O curso para mim foi bom foi muito bom, apesar de tanto tempo que a gente trabalha a gente aprendeu muita coisa nova muita mesmo adubagem biofertilizante curso foi muito bom só precisa ter mais a gente tem muita coisa para aprender ainda tendo mais curso Seria muito bom, mas esse curso do Pronatec eu não lembro o nome, mas foi muito bom muito bom melhorou e muito cultivo a gente hoje a gente acha que tem matéria uma facilidade maior para cultivar e hoje para plantar na terra no mesmo pedacinho melhorou. Melhorou; A gente só não dá conta de aumentar mais o nosso o nosso motivo não se plantar é porque assim a gente não consegue mais eu já estou com uma idade assim já assada né já não tem mais a mesma força aí esse curso melhorou e muito, mas a gente hoje já se sente meio cansado a produzir mais né cuidar mais plantar mais e hoje eu se eu tivesse condições de plantar mais eu plantava, mas até para eu achar gente que queira trabalhar aqui na roça comigo tá pronta mais para comer mais para trabalhar mais a gente não acha é difícil ninguém quer mais ficar hoje na roça no sítio achar ou na fazenda ninguém quer mais ficar assim não acha a gente fácil.

### **Entrevista com Karla**

#### **I Dados socioeconômicos**

1 – **Nome da Propriedade:**

2 – **Idade:**

3. **Sexo:**

4. **Estado Civil:**

5. **Escolaridade:**

( ) Ensino Fundamental incompleto

( ) Ensino Fundamental completo

( ) Ensino Médio incompleto

( ) Ensino Médio completo

( ) analfabeto

( ) alfabetizado.

6. **Tempo de residência na propriedade:** Tem 19 anos, 19 anos que eu moro aqui, eu e minha família estamos 19 anos aqui nesse local.

#### **II capacitação rural**

**07. Se o reassentado recebeu alguma assistência técnica ou orientação municipal ou estadual ou federal excluindo-se o Pronatec?**

( ) Sim ( ) Não

( X ) Ocasionalmente ( esporadicamente ) ( ) Regularmente.

Qual

Resp.: Questão 07

Rapaz muito pouco do Ruraltins muito pouco mesmo, bem pouquinho e aí é isso a gente recebeu muito pouco, mas foi o que eu vejo e fui cursar, era pouco, rapaz muito pouco, pouco mesmo do Ruraltins, não sei bem o porquê foi pouquinho mesmo. - tirando o Pronatec, outro não esteve, que eu me lembre, não teve, só teve aqui do Pronatec mesmo, então sobre o cultivo só o do Pronatec mesmo. Nele aprendi o melhor jeito de cultivar aqui na nossa terra, aprendi aqui mesmo só com professor aí que teve aqui e veio aqui visitar a gente, só teve esse curso que me lembre, foi só esse mesmo, lá na escola só esse Pronatec mesmo, que teve.

**08. Houve dificuldades de entendimento do conteúdo durante a realização do curso no Pronatec?**

Sim ( )

Não ( X )

Quais?

Resp.: Questão 08

Não para mim dificuldade não teve nenhuma que nós já estamos na roça já estava em relação ao local não para mim dificuldade não teve nenhuma que nós já mexia na terra, a gente vive na zona rural muito tempo, agora em relação ao local o melhor local foi aqui mesmo na escola o melhor local foi aqui mesmo dentro do assentamento na escola para mim foi melhor do que deslocar para a cidade na cidade não dava certo de nós ir, e sempre o melhor e aqui né no local do reassentamento, a escola é pertinho da gente sendo perto do local é tudo mais fácil tudo, e aí eu não tive muita dificuldade porque eu gostava era muito da prática com a terra desde criança eu trabalho com a terra o meu pai aprendeu com meu avô e eu aprendi com meu pai, estou aqui com meu pai trabalhando junto é desde de criança né desde criança, até hoje aqui então assim, dificuldade não tive nenhuma mesmo.

**09. Se houve dificuldades, o que poderia ser feito para amenizar ou solucionar as dificuldades encontradas do curso?**

Teve dificuldade só na situação do local que, que para a escolha do local deu um probleminha, mais a Prefeitura deixou a gente fazer na escola né, a escola é para os meninos mais a gente ia à tarde e dava tudo certo, a gente o cuidado de não atrapalha a escola para as crianças né, a gente sabe que a escola é para eles, mas nós só fomos lá para estudar e às vezes junto com os filhos da gente, só foi essa dificuldade porque eles queria levar a gente pa cidade mais aí deu tudo certo depois da conversa que tivemos, e aí até que nós concordamos de ficar aqui o que é mais fácil então dificuldade mesmo foi só no problema do local, aí depois o curso foi bom e muito bom mesmo.

**10. Houve ou não mudança de espécie cultivada antes do curso do Pronatec. E como era feito o plantio (etapas), e como é feito hoje?**

Olha os produtos continua sendo os mesmos, os produtos são o milho a mandioca e os outros aí que já falei, mas aqui nós melhoramos e muito a forma de plantar no chão na terra esses produtos, e melhorou também a quantidade melhorou e muito a quantidade nossa aumentou em muito a quantidade se precisar ver, melhorou e muito e aumentou a quantidade, com esse curso que fizemos lá na escola, plantamos os mesmo produtos, mais agora mais forte. Rapaz aqui é o milho, rapaz aqui é um milho a mandioca que nós faz a farinha né tem a farinha, a hortaliça em geral, o frango, porco, de tudo um pouco tem umas frutas também tem muita manga aqui tem o Caju, mas o mais forte mesmo é o milho mandioca hortaliça e aí na criação é o porco e a galinha e aí nós consumimos né a gente come muito, come muito e vende também a gente vende um pouco de tudo, vende galinha vendo um pouquinho de hortaliça né e a Pimenta também a gente vende. Então é isso produzo e vendo e consumo aqui tudo isso. Benefício muito, melhorou e muito com o curso, foi muito bom e muito importante para gente, teve informações muito boa rapaz, olha depois do curso melhorou muita coisa aqui para gente plantar muito mesmo a gente plantar na terra a maneira de plantar não era muito certa com o curso, que nós aprendemos com o professor aí do Pronatec melhorou muito a forma da gente plantar, uma forma da gente melhorar uma forma da gente escolher o chão que nós vamos plantar fazer a correção do solo foi uma coisa importante que a gente aprendeu e usar material mais natural, e para fazer isso foi muito simples aprender e fazer essa correção o tipo mesmo da gente plantar a gente era muito sem informação e conhecimento sabe, e agora não, agora a gente tá com uma técnica melhor, a forma melhor de plantar, aprendemos até mais umas tecnologias aí que o professor ensinou, hoje a gente usa a máquina usa a máquina mas a forma de cuidar do chão melhorou muito, muito mesmo, se precisava de ver.

**11. De que forma os conhecimentos adquiridos no curso Gestão de Agricultura Familiar contribuiu para uma melhoria na produção agrícola Ou nas etapas comercialização? E na sua qualidade de vida?**

Olha meu amigo melhorou a quantidade como eu te falei né a quantidade, nossa melhorou eu penso, eu vejo eu imagino né que a qualidade também que hoje a gente usa coisa mais natural né então assim para mim melhorou a quantidade e a qualidade né Eu acho que até o preço assim Melhorou mais, tá mais bonito tá mais vistoso nosso produto, eu que vou muito vender na rua na cidade eu vou muito e até o preço ficou mais fácil pra vender parece, a mandioca e todas as outras coisas ficou mais bonita vistosa, algumas hortaliças né também melhorou muito, é isso que eu vejo.

**12. Você achou útil o treinamento em Gestão de Agricultura Familiar?**

O que o curso trouxe novas formas de cuidar da terra, o curso trouxe novos ensinamentos Como eu disse o curso Melhorou a gente ter uma noção que veio do avô do pai, aí para mim como eu disse eu trabalhava sempre dentro do certo, mas esse curso ajuda demais a gente né a plantar na terra, hoje Parece que ficou melhor. Nós aprendemos muita coisa, hoje então o que eu plantava eu estou melhor graças a esse curso, e é a mesma coisa, mas eu planto bem melhor graças ao curso ficou bom demais as coisas aqui, e que bom que teve esse o curso, e tomara que tenha mais né, apesar da nossa correria para fazer o curso né, e ele como era na parte da tarde fico melhorou, mas foi muito bom Eu Aprendi muita coisa e todas as coisas eu coloquei aqui na terrinha nossa e ficou bom ficou bom demais me ajudou muito melhorar o que eu já sabia.

**13. Como você aluno avalia o curso oferecido do PRONATEC, pelo IFTO, Gestão de Agricultura Familiar?**

Olha eu avalio que foi bom para mim foi bom porque trouxe melhorias né mas conhecimento, trouxe facilidade, na verdade foi uma vantagem para gente, foi uma grande ajuda, esse avanço foi bom demais a gente aprendeu muitas coisas para mim foi excelente, excelente mesmo o conhecimento, mas o melhor, é que eu continuo hoje exercendo as práticas que eu fazia, mais bem melhor, melhor do que antes, com a questão da correção do solo com adubo natural, hoje a gente usa uma coisa simples, que é fácil de entender, e nós não sabia, até as minhas hortaliças melhora e muito, eu como aluno achei muito bom, bom mesmo eu não faltei um dia, hoje meu cheiro verde minha couve a pimenta estão muito boas, Esses são os que mais a gente usa pa planta, e tem também o alface, aí eu vendo hoje no município, hoje nós participa do programa do penai, penas... Daquela alimentação escolar aí nós vende mais pro município de Porto os

colégios daqui, e nós vende mais porque nós hoje participamos desse programa do penai a gente atende tanta as escolas do município de Porto, como do estado a gente vende tudo a gente vende para eles por encomenda certinho.

### **Entrevista com Joana**

#### **I Dados socioeconômicos**

1 – **Nome da Propriedade:**

2 – **Idade:**

3. **Sexo:**

4. **Estado Civil:**

5. **Escolaridade:**

( ) Ensino Fundamental incompleto

( ) Ensino Fundamental completo

( ) Ensino Médio incompleto

( ) Ensino Médio completo

( ) analfabeto

( ) alfabetizado.

6. **Tempo de residência na propriedade:** Nós moramos ainda hoje aqui em Porto Nacional. Eu morei aqui junto com o meu pai a minha família tem uma chácara aqui também com meu marido eu moro aqui há 19 anos a 19 anos viemos para cá, mais em no município de Porto Nacional nós moramos aqui a vida toda.

#### **II capacitação rural**

07. **Se o reassentado recebeu alguma assistência técnica ou orientação municipal ou estadual ou federal excluindo-se o Pronatec?**

( ) Sim      ( ) Não

( X ) Ocasionalmente (esporadicamente)      ( ) Regularmente.

Qual

Resp.: Questão 07

Olha, nós recebemos sim, mas eu acho que foi bem pouco, ocasionalmente, porque eu não me lembro de ter cursos assim aqui não. Não recentemente não o que eu participei foi só o da

Agricultura lá do Pronatec, do colégio mesmo, Mas já tem uns três anos ou mais então por isso que eu digo que depois desses três anos não tiveram mais curso aqui não, sei não conheço mais nenhum e precisava ter mais né era bom se tivesse.

**08. Houve dificuldades de entendimento do conteúdo durante a realização do curso no Pronatec?**

Sim ( )

Não ( )

Quais?

Resp.: Questão 08

Não tive nenhuma, nenhuma dificuldade de fazer o curso, as aulas eram bem práticas né, tinha hora de ir assim corrido, que às vezes a gente demorava entender, mas as aulas eram bem práticas muita prática foi muito bom a gente foi para o campo ia mexer aprender no campo a gente mexendo todo mundo junto, todo mundo tinha as mesmas experiências com as aulas, foi bom demais aí na parte prática que a gente realizava no campo mesmo da gente era bom demais Todo mundo se envolvia todo mundo conversava todo mundo aprende todo mundo perguntava o professor falava o tempo todo a gente só observando e aprendendo só observando e perguntando o tempo todo e todo mundo junto.

**09. Se houve dificuldades, o que poderia ser feito para amenizar ou solucionar as dificuldades encontradas do curso?**

Não eu não tive dificuldade de aprender nada o curso foi muito bom eu não tenho nenhuma reclamação não, e o curso é melhor porque foi no local, onde nós moramos, Nós chegamos na escola né, e se tiver mais tempo a gente usava todinho esse tempo, a gente ia para escola fazer atividade mesmo, a gente ia mexia e depois ia para o campo e vinha para o campo e mexendo o tempo todo para mim foi muito bom e a melhor forma é aqui mesmo no campo no lugar da gente e trabalhar com a gente ensinar que a gente tá mexendo e a pessoa olhando.

**10. Houve ou não mudança de espécie cultivada antes do curso do Pronatec. E como era feito o plantio (etapas), e como é feito hoje?**

Os produtos são os mesmo assim alguns a gente tentou mudar, alguns, mas acabamos plantamos os mesmo a gente tentou plantar alguns produtos diferentes, mas também não teve muita saída não, acabamos plantando os mesmos cultivando os mesmos né são os mesmos produtos, mas a gente planta bem melhor de forma bem diferente depois que Nós aprendemos lá no curso junto

com o pessoal do Pronatec, o Ruraltins teve algumas visitas aqui com o pessoal do Pronatec trouxe aqui bom treinamento também e ficaram até bastante tempo, e o que trouxe foi muito, bom aí os produtos melhorou e muito eu vê isso nos meus produtos.

Eu estou produzindo hoje são os mesmos só melhorou, mas são os mesmos que produzia antes é o mesmo produto aqui eu produzo mandioca né mandioca para fazer a farinha também né Tem uma galinha também né, e hortaliças em geral. Olha para plantar toda vida a gente arruma a Terra parar a terra fica boa para o cultivo, mas a gente plantava sem muito conhecimento e não olhava ela direito colocava as coisas boas, mas às vezes a terra não estava muito boa, até a gente vê hoje, como a gente aprendeu hoje é melhor né, então assim a gente planta as mesmas coisas, mas a gente melhorou e muito a terra o chão né isso melhorou e muito a forma da gente planta, também melhorei né com o curso, as etapa da Agricultura foi muito melhor planta depois do curso, a gente quer ficar certinho a gente sabe né a gente conhece hoje como fazer melhor, até o curso a gente estava precisando melhorar e não tinha conhecimento, nos estava precisando melhorar as coisa né a gente, por exemplo. Aprendeu a usar adubo natural fertilizante natural biofertilizante natural Tudo isso ensinando no curso foi muito bom mesmo, mas melhorou demais depois do curso, a gente já sabia o melhor tempo para plantar e produzir, e você sabe que é no tempo da chuva né, mais antes então aprendemos a usar algumas técnicas que ajuda e muito na hora de cultivar, plantar mesmo, E hoje a gente aproveita muito mais esse tempo eu estou achando. Muito melhor, bem melhor e mais preparado isso é a vantagem que o curso deu para nós.

**11. De que forma os conhecimentos adquiridos no curso Gestão de Agricultura Familiar contribuiu para uma melhoria na produção agrícola Ou nas etapas comercialização? E na sua qualidade de vida?**

Olha o conhecimento que nós tivemos lá no curso na escola desse Pronatec, foi muito bom muito bom o nosso plantio melhorou e muito ajudou muito, É como disse para você melhoramos e muito a quantidade e parece que até o produto tá mais bonito, eu acho que tudo melhorou, porque a gente melhorou o chão né, até o ensinamento vir demorou sim, mas quando nós aprendeu nós aprendeu bem e aí que fizemos muito bem aqui na prática isso foi importante, melhorou, muito a produção e isso, o curso trouxe novas ideias né gerou novas ideias para a gente tá mexendo isso melhorou demais melhorou demais mesmo e eu vejo que melhorou colheita tudo por isso que nós aprendemos.

**12. Você achou útil o treinamento em Gestão de Agricultura Familiar?**

A forma de plantar que é a prática que você tá falando só uma mesmo certo, a gente planta os mesmos produtos e quase do mesmo jeito que a gente estava plantando, agora a forma de usar o chão melhorou e muito mas eu vejo também junto a questão de qualidade esse ensinamento foi muito bom e a gente observou também uma coisa agora que os professores e o pessoal lá do Ruraltins que veio aqui ensinou a gente olhar a terra ver se a terra é mais produtiva ou menos produtiva a gente aprendeu alguma coisa sobre isso eu lembro bem e isso facilitou em muito para a gente escolher um local para a gente fazer os canteiros plantar mandioca isso ajudou em muito e que melhorou a quantidade. Essa prática foi importante para a gente.

**13. Como você aluno avalia o curso oferecido do PRONATEC, pelo IFTO, Gestão de Agricultura Familiar?**

Olha eu avalio assim para mim melhorou muito a produção da forma que eu planto hoje eu vejo que o motivo de melhorar aqui foi com a ajuda do curso né, para mim melhorou muito, Teve um bom proveito para mim também porque a gente não conversava muito, hoje a gente conversa muito mais com nosso vizinhos, conversamos muito com os colegas e isso foi importante a gente arruma tempo pra visitas, mesmo meio ocupada né porque a gente era muito parado separada a gente Quase não conversava não se ajudava né aí com o curso agente aproximou mais hoje a gente conversa mais, essa ajuda também de aproximar a gente foi muito boa o curso fez isso, a gente ficou mais amigos foi muito bom isso ouve uma amizade maior né a gente conversa mais se fala mais entre a comunidade, hoje melhorou muito a participação a amizade é o contato entre a gente melhorou foi muito mas estamos muito felizes com isso muito mesmo nossa felicidade aumentou muito com esse curso por causa do nosso contato, e nossa associação hoje está mais forte e mais ajuda a gente.

**Entrevista com Mário**

**I Dados socioeconômicos**

1 – **Nome da Propriedade:**

2 – **Idade:**

3. **Sexo:**

4. **Estado Civil:**

5. **Escolaridade:**

( ) Ensino Fundamental incompleto

- ( ) Ensino Fundamental completo  
 ( ) Ensino Médio incompleto  
 ( ) Ensino Médio completo  
 ( ) analfabeto  
 ( ) alfabetizado.

**6. Tempo de residência na propriedade:** o tempo de residência é 18 anos, já são 18 anos de moradia aqui nesse local, e no município de Porto eu moro há 46 anos porque eu não nasci aqui, mas eu cheguei aqui já tem uns 46 anos que eu moro aqui em Porto Nacional.

## II capacitação rural

**07. Se o reassentado recebeu alguma assistência técnica ou orientação municipal ou estadual ou federal excluindo-se o Pronatec?**

- ( ) Sim      ( ) Não  
 ( ) Ocasionalmente (esporadicamente)      ( ) Regularmente.

Qual

Resp.: Questão 07

Olha minha chácara né Nossa Chácara aqui treinamento sim recebendo Rural e do Pronatec Que eu me lembre. agora para mim ela veio tomar regular ele é toda hora mesmo né as pessoas podem vir, mas se fosse mais seria bem melhor, mas em minha opinião foi de forma muito pouco. Olha participei sim de um curso com Pronatec né no colégio aqui a prefeitura ajudou um pouco, mas participando assim foi um curso de Gestão né para agricultura né onde a gente viu uns treinamentos para melhorar o manejo e cultivo da terra a armazenagem dos produtos.

**08. Houve dificuldades de entendimento do conteúdo durante a realização do curso no Pronatec?**

Sim ( )

Não ( )

quais?

Resp.: Questão 08

Tive um pouco, muito tempo sem estudar né trabalho muito né mas as pessoas também com a parte prática ajudou muito, foi melhor essa parte né, mas algumas apostilas que a gente recebeu também foi boa foi bom tinha coisa boa para gente ler então sim dificuldade não só no tempo mesmo que era corrido mas de aprender as coisas a gente aprendeu bem.

**09. Se houve dificuldades, o que poderia ser feito para amenizar ou solucionar as dificuldades encontradas do curso?**

Em relação ao curso não teve dificuldade não, mas hoje a dificuldade é por novos cursos né a gente já tá aqui há três anos sem fazer mais nenhum curso nunca teve outro mais né Seria bom se tivesse outro mas no aprendizado não tive a dificuldade de aprender no curso, não tive não, apesar do tempo ser muito corrido que a gente tinha que trabalhar na escola né, e aí trabalhando na roça também e vim passar a tarde aqui para estudar era corrido, mas era muito bom, muito bom mesmo então eu vejo assim que a dificuldade hoje é fazer novos cursos mas é do curso mesmo não tive dificuldade.

**10. Houve ou não mudança de espécie cultivada antes do curso do Pronatec. E como era feito o plantio (etapas), e como é feito hoje?**

Hoje assim eu hoje produzo os mesmo produto, mais só que melhorou a técnica como disse, a técnica de planta melhorou muito com o curso, a gente demorou a aprender isso, podia ter aprendido mais cedo, o produto são os mesmos que eu falei eu produzo hortaliças, cebolinha, coentro, alface, rúcula, couve, e galinha né, tem as frutas também então assim de tudo eu produzo um pouquinho, eu estou plantando agora cebolinha, tomatinho pepino, abobrinha, e quiabo também tenho, e tem também limãozinho Eles são os mesmos agora melhorou demais a técnica com essa fertilização natural, aí no curso Que Nós aprendemos fazer direitinho agora melhorou demais os canteiros tudo melhorou muito depois do curso que veio aqui pra nós. De tudo eu produzo um pouquinho, são hortaliças, cebolinha, coentro, alface, rúcula, couve, e galinha né, uma acerola, tem umas frutas lá também então assim de tudo eu produzo um pouquinho, olha agora mesmo eu estou plantando cebolinha, tomatinho pepino, abobrinha, o meu pepino e a minha abóbora tá bonita, tá bonita de se vê, quiabo também tenho e mais de tudo um pouquinho. Tenho também um limãozinho chovendo bastante. Não é assim eu produzo as mesmas coisas, mas com o curso melhorou em muito para o cultivo né. Assim, olha eu hoje tem um canteiro bom uso tudo natural para plantar e esse adubo natural melhora até o pé das minhas fruta eu estou colocando adubo natural e eu acho que melhorou foi muito, mas eu planto as mesmas coisas, agora que melhorou a forma da gente plantar, melhorou foi muito, muito mesmo. Nossa forma de plantar era assim sem muito conhecimento, então assim o Ruraltins e o Pronatec junto com professor melhorou a gente para plantar muito mesmo. Antes do curso a gente chegava e plantava de qualquer jeito sem saber usar o adubo né, e Isso tudo que foi feito, ensinado assim de forma natural, foi bom trouxe benefício, Depois do curso nós mudou a forma

de plantar, mudou foi muito, a gente não sabia, a gente não conhecia essa forma natural hoje de produzir e usar o adubo natural é bem melhor nosso uso, Porque antes a gente não sabia usar o esterco hoje a gente sabe usar antes a gente chegava com esterco colocava água e ele estava assim uns sapeco na planta uma queimada sabe, a planta ficava meia amarelada, parecia fraca, com o curso isso não acontece mais, a gente hoje não perde muita hortaliça e hoje não hoje a gente aprendeu a preparar né com o tempo bom esperar o tempo certo, jogar água para controlar a temperatura para ai sim usar como adubo natural e fertilizante, mesmo sendo natural tem que ter cuidado se não a prejudica a planta, hoje a gente faz uma mistura que os professores ensinavam para gente, e isso melhor demais as nossas hortaliças eu uso Como eu disse até nas plantas de fruta nas minhas frutas Essa técnica nova foi com o estudo do professor do Pronatec, ele ensinou a gente para usar o adubo natural né, que é mais saudável para as planta e para gente também.

**11. De que forma os conhecimentos adquiridos no curso Gestão de Agricultura Familiar contribuiu para uma melhoria na produção agrícola Ou nas etapas comercialização? E na sua qualidade de vida?**

Olha, melhorou sim, e melhorou também na quantidade de hortaliça que a gente tira lá da roça as coisas melhoraram bastante hoje nós, não queima mais no sapeca mais planta, não fica amarelinho mais né, então assim facilito a gente ter uma produção melhor mais saudável e tem mais quantidade tem mais pé de hortaliça hoje, hoje nós tem mais confiança, que a gente Melhorou a produção melhora sim, então esse conhecimento aí que foi passado para gente do Pronatec com o pessoal do Ruraltins aí e todo mundo que veio ajudou em muita gente por isso que a gente pede para vir mais e ter mais curso.

**12. Você achou útil o treinamento em Gestão de Agricultura Familiar?**

Olha a prática esse melhorou demais hoje a gente produz mais facilidade né e de forma mais certa para ter uma boa colheita então assim eu vejo que na prática o curso auxílio é muito a forma como que a gente já plantava Mas a forma que a gente planta não era muito boa como é hoje, a gente planta as mesmas coisas, mas mudando o local de plantar e como cuidar da terra e de trabalhar na nossa terra né, e faz ela produzir melhor, isso foi muito bom, hoje a gente vê diferente a forma de plantar depois desse Treinamento que foi muito bom, melhorou e muito a nossa prática e trouxe novidade que deu certo.

### 13. Como você avalia o curso oferecido do PRONATEC, pelo IFTO, Gestão de Agricultura Familiar?

Eu achei bom por causa disso né Por causa de tudo que eu falei a gente aprende novidade a gente aprende com facilidade né O professor que teve aqui o pessoal lá do Estado também foi bom, ensino muito com paciência, a gente ficou feliz com muita novidade, muita coisa boa que veio da cidade, então assim fazer um curso sempre tem um aprendizado diferente é um conhecimento importante, eu achei ótimo por que a gente aprende sempre muita coisa né a novidade que a gente aprendeu foi muito boa eu achei ótimo queria que tivesse mais só isso mesmo queria que tivesse mais.

### Entrevista com Patrícia

#### I Dados socioeconômicos

1 – **Nome da Propriedade:**

2 – **Idade:**

3. **Sexo:**

4. **Estado Civil:**

5. **Escolaridade:**

( ) Ensino Fundamental incompleto

( ) Ensino Fundamental completo

( ) Ensino Médio incompleto

( ) Ensino Médio completo

( ) analfabeto

( ) alfabetizado.

6. **Tempo de residência na propriedade:** Eu nasci em Porto Nacional mesmo. já tem 18 anos completos que eu vivo aqui na chácara. A gente morava na capital né hoje que estamos morando aqui no município de Porto Nacional a 18 anos mas a gente morava antes na capital a gente veio de lá para cá, a gente morava na Capital Palmas né E hoje estamos morando aqui no município de Porto Nacional já faz 18 anos no mesmo tempo da Chácara, a gente mora aqui há 18 anos nessa chácara porque a gente veio para cá morar em Porto por causa do lago, no município de Palmas onde eu morava, No meu caso eu morava a 3 km de Palmas a minha chácara lá era dentro da capital antes da gente vir morar aqui, a minha chácara era próximo de onde a usina elétrica o Lagoa inundou tudo né, então eu saí de lá do município de Palmas numa chácara de Palmas que ficava a 3 km do centro da cidade e eu vim para cá para Porto Nacional

aí eu tô aqui já a 18 anos. E hoje a nossa Chácara ficou debaixo da água está totalmente alagada Mas deixamos tudo lá né e ficou tudo debaixo d'água está totalmente alagada onde era nossa chácara hoje nós não temos mais nem noção de onde fica, meu pai sempre fala que nossa chacarra ficava perto de onde é hoje mais ou menos a UFT , e hoje esse pedacinho de terra tem água em cima e muita água, e a maioria dos assentados que estão morando aqui no município de Porto Nacional nesse reassentamento São Francisco de Assis quase todos tiveram suas Chácaras alagadas quase todos.

## II capacitação rural

**07. Se o reassentado recebeu alguma assistência técnica ou orientação municipal ou estadual ou federal excluindo-se o Pronatec?**

- ( ) Sim      ( ) Não  
 ( ) Ocasionalmente (esporadicamente)      ( ) Regularmente.

Qual

Resp.: Questão 07

Olha a minha unidade rural recebe treinamento Às vezes sim às vezes a gente recebe Depende da gente pedi muito, bastante, aí vem um curso de vez em quando ou um treinamento, tem as vezes mais é difícil, as vezes nós precisamos de acompanhamento, e esse acompanhamento geralmente teve quando alguns pegava o financiamento quando tinha financiamento Eles vieram acompanhava mas quando passava esse período eles não comparecem mais não, sem financiamento eles não vem agora se tiver o financiamento eles vem. Eles alegam muito a questão do transporte que não tem transporte que às vezes falta combustível dos carros essas coisas mas sempre quando tem alguma coisa o presidente da associação corre lá pede e traz de lá por exemplo essa questão do compra direta aí que nós fizemos a parceria e isso é importante para nós, a geten foi atras de tudo, acabamos tendo que ir atrás dessa questão da compra direta para gente vender nossos produtos aí, e ficamos sabendo em por informação na rua, o pessoal não veio aqui falar sobre isso, e eles poderiam vir falar com a gente e dar um treinamento com a documentação para podermos fazer isso, mais não geralmente quando eles vieram Eles vieram para falar so sobre o financiamento para fazer financiamento, e aí não falaram como nós poderíamos vender melhor né, isso sim seria bom, aí eles dão assistência se houver financiamento mais aí pra quem vamos vender, e depois fica nessa sem saber o que fazer com tanto produto mas se não fizermos o financiamento dificilmente eles vem, e para a gente tirar o alimento daqui ou para Porto para Palmas hoje a gente sofre para levar para Palmas por exemplo, a gente tem dificuldade porque por exemplo para levar para Porto a gente tem que

ficar pedindo ajuda para o pessoal dos vizinhos dos proprietários que tem um veículo, se você não tem veículo como você vai leva o pedido, agora por exemplo essa questão da compra direta a gente juntou muita agricultor e levou para Porto tudo junto numa viagem só, os que tinha carro vai ajudando e os que não tinha acabo alugando um caminhão para levar, aí quem tinha carro tinha que estar ajudando que não tinha carro a gente teve que alugar um caminhão fazer um fretezinho, juntou todo mundo para levar tudo no mesmo dia porque ficar barato. Mais também não é sempre que o caminhão pode vir, mas temo onibus, agora para levar no onibus é uma dificuldade grande tem que colocar no ônibus com cuidado e as vezes não dá para levar tudo, por isso temos dificuldade para levar para Palmas, que onde tem mais gente que compra e como nós fazíamos antes de virmos para esse novo local.

**08. Houve dificuldades de entendimento do conteúdo durante a realização do curso no Pronatec?**

Sim ( )

Não ( )

quais?

Resp.: Questão 08

Participa mesmo, assim foi só os dois do Pronatec, que foi muito bom mesmo, esse foi ótimo. Não eu não tive dificuldade para entender não, dá para entender bem os ensinamentos o treinamento foi bem e simples A forma como que eles ensinaram para mim foi muito fácil nem todo mundo nem todo mundo tem o mesmo entendimento e a mesma facilidade mas eles os professores usarão as linguagens e os ensinamentos muito fácil para a gente entender, pra mim foi bem simples o que foi ensinado, só que eu não sabia disso ainda, eu não conhecia mais foi fácil, foi bem simples A Linguagem do professor ajudou bastante foi bem simples ele tava falando como é porque quando a gente tá na zona rural nem todo mundo tem o mesmo entendimento e ele usou a linguagem mesmo popular como um todo mundo pudesse entender né Diferentemente de linguagem difícil e foi bem interessante porque ele usou uma linguagem bem simples bem fácil, quando você fala de zona rural nem todo mundo tem o mesmo entendimento então assim a linguagem do professor foi uma linguagem simples fácil de ser entendida é isso ajudou muito.

**09. Se houve dificuldades, o que poderia ser feito para amenizar ou solucionar as dificuldades encontradas do curso?**

A dificuldade maior foi a questão a distância que a gente está na zona rural né, mas todo mundo ficou bem agradecido com os professores e às vezes a gente fica esquecido aqui, Às vezes a

gente fica até esquecido aqui pela distância que nós temos né mas nós ficamos muito agradecida apesar das dificuldades da distância muita gente veio apesar de tudo, apesar de toda a distância que às vezes a gente estava do colégio mas a gente vinha com muita vontade, Às vezes a gente também é esquecido pelo município as vezes é preciso melhorar nossas estradas e aí fica difícil do pessoal vir ou sair do reassentamento sem estrada, mas o pessoal do curso do Pronatec os professores vieram aqui mesmo com toda a distância que nós estamos do centro de Porto e da capital Palmas e do e da parte central do município, porque nós somos o município mesmo sendo no município mesmo, mais nós estamos muito longe da parte central do município mas mesmo assim as pessoas vieram, a nossa satisfação foi muito boa isso a gente entende mas eles vieram com a maior satisfação. um bom tempo que a gente não recebe assistência do Estado nas nossas estradas Inclusive eu lembrei aqui agora que passa aqui uma TO, passa essa TO bem aqui na frente do nosso reassentamento e ela está praticamente abandonada muito buraco difícil de transitar então tem tanta gente e pessoas que moram no sentido de Monte do Carmo e Ipueiras e Elee e nos temos dificuldade de transitar por aqui, os moradores agradeceram demais o curso porque aqui é muitas vezes é um pouco esquecido E como foi falado né esse curso deixou a gente mais unido então o curso uniu mais as pessoas porque aqui era assim cada um cuidava do seu cada um cuidava para se nós não tínhamos uma união e o curso trouxe isso a gente ficou mais unido mais próximo a gente passou a entender todo o benefício aqui é para o bem comum, passamos até nos encontrar mais é que antes nós não tínhamos né esses encontros foram muito bons passamos a conversar e interagir entender mais entender compreender e ajudar mais um ao outro, aí Quando vem a reforma das estradas aqui as estradas são reformadas só dentro do assentamento fora não só dentro do reassentamento o atual gestor fala que a obrigação dele é só no reassentamento porque tá no município, Mas até hoje ele fala que a TO é do estado e aí por esse motivo por essa discussão até a estrada fica ruim, fica horrível, aqui dentro fica até bom, a gente tem trânsito aqui a gente anda bem, as estradas São bem organizados, agora fora é horrível para gente acessar quando você vem de Porto para cá quando você entra ali na estrada de chão é horrível agora quando chega dentro do assentamento fica as vezes melhor mais organizada, mas ele fala que é do estado é obrigação do estado e Isso dificulta para gente muito, e o estado já tem bem uns 10 anos que não dá assistência na estrada uns 10 anos ou mais.

**10. Houve ou não mudança de espécie cultivada antes do curso do Pronatec. E como era feito o plantio (etapas), e como é feito hoje?**

Nós plantamos hortaliças, algumas frutas como limão laranja acerola jabuticaba tem bastante também eu vendo bastante jabuticaba na época dela, coisas mesmo assim da Agricultura

Familiar tem também um porco, uma galinha e hortaliças em geral. A minha forma de plantar a minha forma de cultivar melhorou e mudou bastante o curso ensinou a Como produzir Como melhorar a Como plantar melhor então assim melhorou muito ruim hoje eu tenho uma visão diferente da terra ensinou a gente usar né produtos orgânicos por exemplo lado né que o pessoal fala aí o adubo natural e o biofertilizante é muito simples de fazer tem que ter cuidado na hora de parar mas assim isso ajudou demais a gente melhorou demais as hortaliças melhorou demais muita coisa para a gente, hoje aqui a gente não usa agrotóxico agrotóxicos e assim porque a dificuldade do curso a gente tava pensando em desistir de mexer com o que é muito De onde nós viemos é muito mais fácil então assim o curso trouxe benefícios para os conhecimentos essa questão do adubo natural fertilizantes a forma de preparar a terra para receber a hortaliça mudou muito melhorou e nós já estamos pensando em desistir aí concurso aceitou demais e melhorou então da forma de cultivar. se a gente já mora na zona rural a gente tem que tentar produzir de forma mais saudável né como dizem hoje de forma mais orgânica então assim com a chegada do curso tudo isso foi possível faço ele por demais para gente. hoje a gente cultiva da maneira correta aprendemos isso no curso ninguém mais vai desistir. Hoje a gente produz os mesmos produtos só que de forma bem melhor os produtos são os mesmos, porém de forma bem melhor bem mais saudável e confiável para o consumo nosso e das pessoas que compram nossos produtos né, e até mais fácil a gente não cuidar tanto assim hoje das nossas hortaliças porque não morre tanto mais, é muito mais fácil a gente tirar da terra o que se planta, aqui que a gente vai plantar né cultivar o curso melhorou isso com a gente, foi bom, minha família mesmo produz as mesma coisa, minha profissão é essa plantar, e as hortaliças são as mesmo como era feito antes sabe, como era antes, o que mudou foi a forma de cultivar de preparar o solo melhorou um pouco também o período né hoje a gente escolhe os períodos melhores nós tem uma orientação e a gente mudou também a forma de produzir os canteiros era de uma forma de uma lado, agora é de uma forma bem diferente né, a produção mudou nossa quantidade de colher, uma forma simples que a gente mudou completamente para facilitar o nascer do sol e o morrer do sol, tudo isso vai passar para gente então a gente hoje planta direitinho aprendendo a fazer certas coisas que beneficiou demais o plantio e a colheita né porque a gente quer plantar e colher coisas boas coisas saudáveis e hoje a gente tem isso graças a Deus e o curso ajudou muito com informação, porque assim os produtos a gente já plantava mas não tinha conhecimento como se faz hoje, melhorou demais, demais, hoje a gente tem muita facilidade tem muito mais gente produzindo muito mais tirando seu produto e alimento da terra e muito mais coisas aqui vendendo e comendo e comendo mais saudável e forte né, então tanto plantio quanto preparação do solo melhorou demais nós estamos muito felizes com o curso porque

melhorou muito para gente, e não usamos mais agrotóxicos de jeito nenhum, não usamos mais isso já é uma vantagem.

**11. De que forma os conhecimentos adquiridos no curso Gestão de Agricultura Familiar contribuiu para uma melhoria na produção agrícola Ou nas etapas comercialização? E na sua qualidade de vida?**

Conseguiu Sim a gente se organizou mais né como se diz porque na verdade a gente plantava sem se organizar as coisa e depois a gente ia se organizar, aí a gente plantando de forma mais organizada, a gente conseguiu plantar num local menor e colher mais e com mais qualidade, as coisas ficaram mais vistosas né, e através do conhecimento do curso que a gente já conversou, no mesmo espaço hoje a gente planta e colhe muito mais, isso pra nois e importante demais, Então assim a gente acabou melhorando a produção, melhorando a adubação e preparando melhor a terra para cultivar as hortaliças, aí como eu disse elas fica mais bonita a cor dela tá mais assim vistosa, e no espaço menor de terra por que Nós aprendemos isso no curso, Hoje a gente se organizou foi bom aqui esse curso aqui no colégio e algumas também as visitas feitas nas chácaras.

**12. Você achou útil o treinamento em Gestão de Agricultura Familiar?**

Mudou a forma de plantão mas a questão dos produtos continua seguindo o mesmo, mas o manejo nós mudamos em então assim no manejo da terra mudou, uma informação assim na frente da terra para a gente poder trabalhar, é muito importante aprendermos a produzir no menor espaço de terra uma quantidade maior de produtos.

**13. Como você aluno avalia o curso oferecido do PRONATEC, pelo IFTO, Gestão de Agricultura Familiar?**

Esse curso é importante, muito importante para a gente, assim porque, como eu falei nós morávamos no município de Palmas então assim só, em nós mudarmos para cá a distância que está hoje da capital é grande e nós estávamos dentro da capital isso já nos desvalorizou isso sozinho já nos desmotivou, então assim isso foi muito difícil, difícil mesmo, e esse curso que foi oferecido para as pessoas de cá, deste reassentamento, fez a gente se sentirem orgulhosos, e amparados as pessoas começaram a se sentir bem melhor, vendo os funcionários chegando, com certeza isso para nós era sinal de valorização a gente tinha na cabeça assim, olha que importante né Porto Nacional e a faculdade “Instituto Federal” veio para auxiliar e tu não tem ideia do quanto isso fez a gente se sentir importante esse atendimento, todo mundo perguntava

é de onde? Aí eles diziam depois é do Instituto Federal é Federal, que para as pessoas era tipo se as pessoas de importassem com a gente, lembro como hoje, as pessoa dizia assim estamos sendo atendido, atendido, que bom, estamos muito feliz quando a gente falava de Instituto Federal, isso tinha um peso enorme, falar né, que a gente estava sendo treinado por um Professor do Instituto Federal, muita gente, dizia agora vamos ter treinamento do bom, isso pra nois mudo nossa rotina aqui, mesmo algumas pessoas morando longe daqui nois não faltava nas aulas. Nois precisa disso, mas precisamos de ajuda assim, como eu falei eu morava em Palmas quando eu vim para cá com dificuldade, e eu moro aqui e falo pra qualquer um, onde eu moro aqui em Porto é da zona rural, eu trabalho na zona rural e tem orgulho e a gente precisa hoje ter alguma políticas públicas que vão valorizar a Agricultura Familiar como a nossa, às vezes valoriza muito mais as pessoas que plantam soja do que a gente mesmo, precisamos de financiamento também, precisamos de conhecimentos técnicos precisamos de treinamento das grandes faculdades, o treinamento rural valoriza hoje e muito mais os grandes produtores de soja de milho né, mas não é só isso, hoje então a gente precisa de um olhar diferente das políticas que temos hoje no Brasil, uma das mais importantes é Treinamento e nesse treinamento, faz agente se enxergada, faz a gente ser visto, É uma gratidão a gente ser enxergado por vocês da cidade, e vocês que estão aqui obrigado por estarem aqui, por nós ajudar vocês ajudam e é o que nós mais precisamos curso e visitas e treinamentos. Olha como eu já disse hoje nossa dificuldade está na estrada de transporte, Por Isso dificulta retirar nosso hortaliças e tudo, antigamente a gente ficava a 3 quilômetros da feira de Palmas hoje a gente fica quase 80 quilômetros, olha a diferença, só isso desvaloriza a gente. Você viu a dificuldade das pessoas quando você veio para cá hoje, e a gente a gente lutou muito para ser um produtor rural, e não vamos desistir, porque nós somos produtores e é isso que a gente quer, a agricultura familiar aqui é grande mas cada um é pequeno mas juntando todos a gente fica grande com consciência com interesse com vontade a gente consegue ver seus status, o que nós queremos sentir é que a gente faz parte do meio a gente sabe que a gente faz parte de todo meio de uma sociedade mas às vezes eles fazem questões de não ver a gente de desmotivar, um pouquinho de amparo Com certeza que só que melhoraria com a valorização de novos curso. Olha eu digo com certeza que a nossa família produzia assim ao leo, produzir de qualquer jeito, a gente tinha essa ideia, vamos produzir isso aqui para ver o que vai dar vamos produzir isso aqui para ver se vai dar, se perder esse, esse outro vinga. E isso a gente fazia aqui em períodos as vezes fora de época, como a senhora falou ali a pouco, no período seco, errado, a gente tinha dificuldade de água, aí sabíamos que não ia da certo, e hoje no período, no período chuvoso temos muita facilidade de plantar, então assim essas orientações vieram para ajudar, com essas orientações a gente conseguiu produzir muito

mais então assim, um pouquinho dessa notícia trouxe muito mais benefício, mais aproveitando melhor o espaço o tempo, então assim é melhor cuidar da terra e preparando o melhor adubo para a terra, tudo isso fez diferente no cultivo são pequenos detalhes de um olhar técnico nos ajudou tanto, como foi nosso caso, e eu sempre falo para todo mundo que é a força coragem é a vontade de conhecimento que vai trazer a mudança que a gente precisa E é isso que nós precisamos de conhecimento força e coragem, às vezes nossa sociedade atualmente, muitas vezes não é vista também, não é enxergada como a gente deve ser, mas a gente tem que mudar isso aos poucos, reunir e conversando, e isso começa pelo conhecimento né, o conhecimento é importante mesmo simples por exemplo, Igual No dia que foi a abertura lá no nosso curso, os alunos, foram para o Instituto Federal e teve relato que algumas pessoas nunca tinha pisado os pés na Universidade Federal de uma escola de ensino superior, isso também foi simples, para vocês tá lá dentro é muito fácil, mas por exemplo igual aqui, tinha pessoas que nunca tinha pisado numa faculdade no colégio bonito e organizado limpinho elas sentiram tão bem valorizado, Ficaram tão feliz de tá ali naquele momento, pessoas que teve relato que diz que nunca tinha pisado os pés ali, naquele local, então assim às vezes para alguém está lá dentro é tão simples e quantas pessoas que não sabia o que tinha depois daquela grade lá, e isso foi uma coisa importante que isso valorizo demais a gente daqui, porque às vezes você fica lá você pensa que é pouco mas para gente é muito importante isso é grande coisa, hoje então tem coisas que foi proporcionada com o curso que fico até hoje na memória e é difícil até a gente relatar essa emoção que a gente sente um dia que a gente fez algo importantíssimo para a gente, o conhecimento é importante, maravilhoso e é fundamental para a gente ter, agradeço muito a paciência conosco e foi tranquilo está lá, agente agradece demais a visita de vocês e tem muita gente que fez o curso e depois não voltou para buscar o resultado para saber se o curso foi importante e a vinda de vocês para saber se o curso foi bom se não foi, Tá certo, nós tivemos curso em 2015/2016 mas é importante essa vida de vocês então assim a gente espera mais vezes vocês aqui, para nós foi muito importante e Seria muito bom se tivesse mais alguém para saber sobre Os relatos da importância do Pronatec foi muito bom, Obrigado pela visita. O curso foi ótimo que pena que foi pouco muito pouco, mas nós temos grandes oportunidades de aprender pena que foi pouco e ficamos muito felizes com os professores né que foram bem capacitados e tiveram muito cuidado e explicar para gente na prática o que estavam tentando mostrar na teoria então assim só temos a agradecer a gente precisa realmente é de mais cursos, trazer mais informações para gente e nós queremos plantar, Nós queremos produzir nós não queremos ficar parado, queremos que vocês ofereçam mais cursos e os professores que vieram aí foi excelente, de uma facilidade na comunicação, os professores hoje tem muito conhecimento teórico né, E

a gente tem a prática então assim juntando a prática e a teoria a gente vai melhorar nossa vida a vida do reassentamento, Que pena que faltou mais curso, mais os cursos precisamos demais, precisava de muito mais precisava sei lá, sei lá aprender a usar energia solar aqui no assentamento a gente tem que manter energia ligada de manter a geladeira funcionando e acaba perdendo muita coisa que a gente produz para o nosso consumo por falta de energia, não sei lá poderia dar um curso de como armazenar melhor esses alimentos conservação guardar ou facilitar a forma da gente tirar daqui a gente plantar colher e de imediato chegar em Porto, Palmas porque eu tenho certeza que a gente chegar com os nossos produtos lá todo mundo vai valorizar vai comer os produtos são bons são bem feito né. O povo não pode esquecer que a gente tá aqui para trabalhar que nós somos parte do município e nós votamos e nós pagamos impostos e que nós estamos é querendo trabalhar só que a gente vai trabalhar na zona rural nós estamos aqui esse é nosso lugar, então com esse curso da Agricultura familiar que veio para nós ajudar é importante valorização da pessoa, valorizar a gente é importante a gente sente valorizado com o curso e sem contar que fez uma união maior dentro da associação, nós queremos que os outros órgãos tenham também esse olhar mais cuidadoso que foi oferecido pra gente porque assim é importante ter essa questão da valorização e também não teve tanto abandono né, quando a gente se sente abandonado dá uma tristeza na gente mesmo, para que as pessoas permaneçam na zona rural elas precisam ser valorizadas e um dos meios e da educação né, e a gente se sente valorizado porque as pessoas aqui tem um orgulho de se dizer Rural, zona rural que mora, na zona rural, eu sou eu saio às vezes eu passei eu vou para algum lugar eu falo eu sou da zona rural e faço com muito amor tudo lá, e às vezes as pessoas esquecem que é cidade de Porto Nacional também que pena que acontece essas coisas, e essa valorização que a gente quer ela passa pelo treinamento da educação Rural e educação do campo isso que faz a gente sentir valorizada a gente ensina a gente trabalhar, ensinar a gente a melhorar ensinar a gente evoluir, E isso que nós queremos produzir e produzir com muita qualidade para alimentar a gente e os nossos vizinhos aqui de cidade né, esses dias eu fui na casa de um amigo meu em Palmas e ele tava comendo uma farinha e eles falando Nossa que farinha gostosa que farinha deliciosa o cheiro dela é bom, é diferente, e ele não sabia que essa farinha era produzida pelo meu tio, eu não falei nada mas eles estavam comendo a farinha do meu tio, que sai da fazenda do meu tio então eles nem sabem de onde vem o alimento deles, esses dias atrás aconteceu isso então assim Aquela farinha boa não sabe nem de onde que vem e se vê às vezes Passa despercebido então seria importante eles saberem, muitas vezes as pessoas falar É da roça é de qualquer jeito Tem que ser barato, não pode ser caro, as pessoas tem que valorizar tem que ter cuidado porque assim tudo que a gente faz a gente faz com amor com carinho e que no final

muitas vezes não é bem valorizada então assim porque é da zona rural, pode ser de graça? Não, isso tá errado, é material bom é coisa boa e a gente faz com muito carinho muito amor e com muito cuidado porque além da gente se alimenta, as outras pessoas também vão se alimentar de forma saudável e que as pessoas precisam reconhecer que a gente tem orgulho do que faz que a gente quer fazer com amor com carinho que esses cursos essas ajudas a gente que quer é produzir para pôr na mesa, então assim esse treinamento é uma forma de valorizar as pessoas que produz o que não é fácil, tirar da roça tem que ser mais valorizado porque fazemos com com amor com todo carinho com todo amor e muitas vezes no final o que a gente produz não é valorizado porque é da roça da zona rural isso a gente tem que mudar.

### Entrevista com Saulo

Questionário nº \_\_\_\_\_

I - Dados socioeconômicos

2 – Idade:

3. Sexo:

4. Estado Civil:

5. Escolaridade:

( ) Ensino Fundamental incompleto

( ) Ensino Fundamental completo

( ) Ensino Médio incompleto

( ) Ensino Médio completo

( ) analfabeto

( ) alfabetizado.

6. Tempo de residência na propriedade: Eu moro aqui e 10 anos.

II capacitação rural

07. Se o reassentado recebeu alguma assistência técnica ou orientação municipal ou estadual ou federal excluindo-se o Pronatec?

( ) Sim (X) Não

( ) Ocasionalmente (esporadicamente) ( ) Regularmente.

Qual

Resp.: Questão 07

Ainda não recebi, aqui eu recebi foi muito pouco, não me lembro bem, eu participei do curso com um professor aqui na escola, que esse mesmo que você tá falando, foi esse aí mesmo do Pronatec.

08. Houve dificuldades de entendimento do conteúdo durante a realização do curso no Pronatec?

Sim ( )

Não (X)

quais?

Resp.: Questão 08

Aqui eu fiquei muito tempo sem estudar porque eu trabalhava muito né mas as pessoas também foram pra parte prática aí foi melhor né mas algumas apostilas que a gente recebeu também foi boa foi bom tinha coisa boa para gente ler então sim dificuldade não tive.

09. Se houve dificuldades, o que poderia ser feito para amenizar ou solucionar as dificuldades encontradas do curso?

Não, não tive dificuldade como eu disse eu nasci e me criei na roça, aí na prática eu entendi bem. A minha dificuldade foi porque quando eu era jovem não tive como estudar, era só trabalho e mais trabalho. No curso não teve dificuldade não. O professor tinha paciência de me explicar, porque eu leio bem pouquinho mesmo.

10. Houve ou não mudança de espécie cultivada antes do curso do Pronatec. E como era feito o plantio (etapas), e como é feito hoje?

Nós herdamos muito conhecimento. Meu pai que me ensinou. E ele aprendeu trabalhando de empregado na lavoura. E agora não, agora estamos com uma facilidade melhor, aprendemos até mais umas práticas de adubagem, que ajudam demais. Quando eu era jovem, não tinha esses cursos. É uma pena. Na minha época, plantávamos de qualquer jeito mesmo. Quando eu era jovem, aprendemos a usar o esterco, sofrendo, errando, queimando as plantas. Não sabíamos usar. Hoje, o curso ensinou isso e bem. Antes, chegávamos com o esterco e colocávamos água e ele dava uns sapeco na planta, uma queimada. A planta parecia fraca. Aí, os professores ensinaram o certo. Eu disse para eles que os meus filhos tinham que estar aqui, mas eles não querem.

11. De que forma os conhecimentos adquiridos no curso Gestão de Agricultura Familiar contribuiu para uma melhoria na produção agrícola Ou nas etapas comercialização? E na sua qualidade de vida?

Então, esse conhecimento que nos foi passado no curso e pelo pessoal do curso, nos fez viver melhor, já que tudo que se aprende se usa na vida. Para mim já não dá, mas para os outros aqui, dá tempo de aprender e usar. Não é?

Então, o curso, na forma como que nós já plantávamos, nos ajudou demais. Nós plantamos as mesmas coisas, com um cuidado com a terra maior. Com a nossa terra que a gente trabalha e vive nela, a produção e o cuidado vai ser melhor com as aulas.

Então, com o curso, nós aprendemos a ter um melhor cuidado com a terra. Preparando e adubando corretamente, ela nos dá o alimento na hora certa. Tudo isso faz diferença para nós. No cultivo, são pequenos detalhes que ajudam muito.

12. Você achou útil o treinamento em Gestão de Agricultura Familiar?

Eu avalio que foi bom para os jovens, trouxe mais conhecimento, trouxe facilidade também. Na verdade, foi uma vantagem para nós. Foi bom demais. Nós aprendemos muitas coisas. Mas o melhor é que eu mesmo velhinho assim, me lembro de algumas coisas. Estudar só é bom.

13. Como você aluno avalia o curso oferecido do PRONATEC, pelo IFTO, Gestão de Agricultura Familiar?

Eu avalio que foi bom para os jovens, trouxe mais conhecimento, trouxe facilidade também. Na verdade, foi uma vantagem para nós. Foi bom demais. Nós aprendemos muitas coisas. Mas o melhor é que eu mesmo velhinho assim, me lembro de algumas coisas. Estudar só é bom.

## Apêndice C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE O(a) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada: “Agricultura familiar e políticas públicas: Benefícios do PRONATEC na pequena propriedade rural do reassentamento São Francisco de Assis – TO”. Cujo objetivo é observar as atividades produtivas no reassentamento São Francisco de Assis em Porto Nacional, após a implantação do PRONATEC, com a oferta do curso Agricultor Familiar para os Agricultores Familiares. O(a) senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá, sendo mantido o mais rigoroso sigilo através da omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo(a). O Sr. estará livre para participar ou recusar-se a participar e a qualquer tempo e sem quaisquer prejuízos. A sua participação é voluntária, e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que o Sr.(a) é atendido(a) pelo pesquisador. Garantimos ainda que o senhor (a) não terá despesas relacionadas à sua participação nesta pesquisa e também não receberá nenhum tipo de compensação financeira, sua participação é voluntária. A sua participação nesta pesquisa ocorrerá por meio de entrevista semiestruturada, onde será possível responder a questões relacionadas ao curso oferecido pelo PRONATEC. O tempo estimado para responder esta entrevista será de 60 minutos. A minha participação no referido estudo será no sentido de transmitir informações pertinentes ao objetivo do trabalho de Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências do Ambiente da Universidade Federal do Tocantins, Campus Palmas. A pesquisa é orientada pela professora Dra. Marina Haizenreder Ertzogue, professora do Programa de Pós-graduação em Ciências do Ambiente da Universidade Federal do Tocantins, Campus Palmas. Os resultados da pesquisa serão divulgados no Programa de Pós-graduação em Ciências do Ambiente da Universidade Federal do Tocantins, podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais utilizados na pesquisa ficarão sob a guarda do pesquisador por um período de no mínimo cinco anos, após isso serão destruídos ou mantidos na instituição. Se o(a) Senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor, telefone para Dra. Marina Haizenreder Ertzogue ou Leandro Maluf, telefone: (63) 98464-9888, no horários: das 8h às 12h e das 14h às 18h. Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o sujeito da pesquisa.

Porto Nacional - TO, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Assinatura do pesquisado

---

Leandro Maluf (pesquisador)

---

Marina Haizenreder Ertzogue (professora orientadora)